

Revista Brasileira de Folclore



28

Ministério da Educação e Cultura

CAMPANHA DE DEFESA DO FOLCLORE BRASILEIRO

Cabe à Campanha, em plano nacional.

a

promover registros, pesquisas e levantamentos, cursos de formação e de especialização, exposições, publicações, festivais;

b

proteger o patrimônio folclórico, as artes e os folguedos populares;

c

organizar museus, bibliotecas, filmotecas, fonotecas e centros de documentação;

d

manter intercâmbio com entidades congêneres;

e

divulgar o folclore do Brasil.

Rua da Imprensa nº 10, 6º andar, salas
603/605
Telefone 222-9716
Enderço Telegráfico EDFOLCLORE
Caixa Postal 1897 - ZC-P
Rio de Janeiro GB Brasil

78
154
28
C.1

Revista Brasileira de Folclore

Ano X N° 28
Setembro/dezembro de 1970



Ministério da Educação e Cultura
Campanha de Defesa do
Folclore Brasileiro

10
R454
V.28
P.1
Ministério da Educação e Cultura

Campanha de Defesa
do Folclore Brasileiro

Rua da Imprensa n° 16, 6° andar, salas
603/605
Telefone 222-9716
Enderço telegráfico Edfolclore
Caixa Postal 1897 - ZC-P
Rio de Janeiro GB Brasil

Diretor-Executivo Renato Almeida

Conselho Nacional do Folclore

Presidente S. Ex. o Senhor Ministro da Educação
e Cultura, Jarbas Gonçalves Passa-
rinho

Vice-Presidente Rossini Tavares de Lima

Membros Renato Almeida
Oneyda Alvarenga
Théo Brandão
Oswaldo R. Cabral
Edison Carneiro
Luís da Câmara Cascudo
Manuel Diégues Júnior
José Loureiro Fernandes
Dante de Laytano
Aires da Matta Machado Filho
Guilherme Santos Neves

Revista Brasileira de Folclore

Diretor Renato Almeida

Redator-Chefe Vicente Salles

Capa «Soldado». (Primeira fase de Vitalino,
influenciado pelo incidente de Prince-
sa, ocorrido durante o governo de João
Pessoa). Dimensões: 15 cm de altura.
Local: Vila Alto do Moura. Município
de Caruaru, PE. Desenho de Renato
Miguez.

Índice

Almeida, Renato — Folclore e Turismo Cultural	199/203
Diégues Júnior, Manuel — Regiões Culturais para estudo do Folclore Brasileiro	204/214
Gillmor, Frances — Diferentes Conceitos de 'Los Tastoanes', Um Drama Tradicional de Jalisco	215/223
Martins, Saul — Vida e Obra de Alexina	225/227
Miguez, Renato — Ceramistas Populares de Pernambuco	228/258
Souza Dantas, Raymundo — A 'Burrinha' Africana	259/262
Noticiário	263/274
Bibliografia	275/284
Revistas e Periódicos	285/286
Documentário — O Dia do Folclore	287/315

É DUPLA MINHA SATISFAÇÃO em instalar este Simpósio, onde se estabelece novamente o binômio Turismo e Folclore, assunto que tanto vem preocupando o IBECC, como Comissão Nacional da Unesco, já pelo papel que nesse esforço cabe ao folclore, cujo acervo tradicional se inclui no conjunto dos bens culturais de maior significado e valor.

É mister, antes de tudo, fixarmos o conceito do turismo cultural, ou seja, aquele que visa a financiar a salvaguarda do patrimônio arqueológico, histórico e artístico dos países, para que possa ser conhecido e estudado, em suas manifestações e, da mesma forma, os elementos do folclore que constituem o elo de cada nacionalidade, transmitidos por via verbal ou continuamente pelos usos e costumes.

Nesse planejamento, o aspecto financeiro tem importância excepcional, mas deixemos esse ponto ao terreno empresarial, ocupando-nos das formas pelas quais temos de resguardar folclore, que nos cabe estudar e defender.

Antes de tudo levemos na mais alta conta a salvaguarda dos bens artísticos e de certos patrimônios culturais, que, na opinião do Embaixador Carlos Chagas, complementam os projetos de desenvolvimento do país. Devemos estimar os valores que entram em jogo no plano na realidade nacional.

Realizou a UNESCO um estudo notável, que deve ser do conhecimento dos estudiosos de turismo aqui presentes, da autoria do Sr. Michel Parent, que enfoca as questões atinentes à defesa e proteção do nosso patrimônio cultural, no âmbito do desenvolvimento turístico e econômico, através do qual se pode ver, em suas diversas faces, como a questão se nos apresenta e encaminhar as soluções. Infelizmente os assuntos relativos ao folclore estão vistos um pouco de passagem, pelo que mais nos cabe a culpa, pois ainda não nos foi possível de forma alguma, fixar as diretivas, que devem ser estudadas e debatidas aqui, quando do estudo geral e específico das diversas regiões do país.

(*) Discurso proferido na sessão solene de instalação do Simpósio sobre Folclore e Turismo Cultural, realizado em São Paulo, Mês do Folclore, 23 a 28 de agosto de 1970.

Desde logo temos de ver as condições em que os bens do saber, da arte e da técnica do povo são estimados, quer no aspecto espiritual, na literatura, na música, no drama, quer no conjunto artístico da pintura, da escultura, da arquitetura, da decoração, da indumentária, dos implementos folclóricos, da ergologia em suma.

Urge fazer um recenseamento do que possuímos em cada região, tudo que possa ser visto, utilizado, divulgado e defendido, a fim de ser incluído com validade nas atividades turísticas e cuidado pelos que delas se ocupam. Evidentemente o assunto tem um mundo de feições e os especialistas de cada região é que devem estabelecer as normas, condições, meios de acesso, épocas etc. Festivais, exposições-feiras, comércio de lembranças, de objetos para estudo, para ornato, e para decoração, representações de autos, bailados, danças de conjunto, desafios e porfias de cantadores, jogos, brinquedos e outras formas de lúdica, peças de cerâmica utilitária e figurativa, artesanatos, de madeira, de couro, de penas, de conchas, apresentação de cantigas, de rezas, como São Gonçalo e Santa Cruz, em suma, conforme a região, poder-se-á assentar um plano expositivo, capaz de atrair não só o turismo internacional, como, e sobretudo o nacional. Mas, essa feição folclórica deve ser associada, tanto quanto possível, às visitas a monumentos históricos e artísticos. Assim, quando em Minas Gerais, organizar-se um plano de visitas às suas velhas igrejas, palácios e conjuntos esculturais, incluir-se-ão igualmente nos programas, demonstrações de Congados, de Catopés, de Tapuiadas e assim por diante. Dessa forma será possível dar uma idéia mais completa do fenômeno sócio-cultural em suas diversas modalidades. Tenho que, nesse sentido, vão ser de uma importância excepcional as indicações saídas deste Simpósio.

Deve éle considerar a importância do turismo para o intercâmbio intelectual, porque a vocação da UNESCO não é desenvolver a indústria de viagens e, sim, quanto possa servir à mútua compreensão dos povos, ao desenvolvimento e à salvaguarda de suas culturas específicas. Nessa base foi que a UNESCO encontrou dois caminhos para a visita ao Brasil: 1) o do grande turismo, fonte eficaz de divisas; 2) e o da juventude de outros países, numa tentativa de revelar a fisionomia da nossa gente.

São êsses os temas capitais que deve cuidar êste Simpósio, a fim de que assente bases para que o assunto possa ser devidamente planejado e encaminhado às autoridades do país o nosso ponto-de-vista, no tocante ao papel do folclore nessas realizações.

Tive a honra de participar da IV Conferência Regional das Comissões da UNESCO, no Hemisfério Ocidental, e votar a Resolução de Tlateloco, que convidou os Estados Membros a tomar tôdas as medidas adequadas a fim de estudar e revelar os testemunhos de suas culturas e «cuidar da conservação e apresentação dos bens culturais», e recomendou «fomentar o artesanato, a arte popular e folclore, como complemento do turismo cultural». E, mais ainda, dando uma importância singular ao assunto entendeu que as Comissões Nacionais da UNESCO devem «incluir em suas finalidades o estudo do turismo escolar, nacional e internacional, e propor a seus respectivos governos os planos destinados a levá-lo a cabo em forma eficaz».

Relativamente ao turismo escolar, a que se refere a Resolução, é preciso atentar. Em primeiro lugar, não julgo seja a idéia apenas falar de excursos. Pode haver o turista individual, a que nos cabe receber e facilitar sua tarefa, quando seja de caráter cultural, por meio de informações perfeitamente corretas. No tocante ao folclore, devem ter os órgãos turísticos, em concordância com os de Folclore, um intercâmbio constante, capaz de responder a um turista ou a um grupo onde deve ir e quais os elementos com que conta, de transporte, viagem, permanência, para ver ou estudar tais e quais manifestações da vida do povo. Eu mesmo, na Campanha de Defesa do Folclore, recebo constantemente, por escrito ou pessoalmente, indagações que tais. Sou capacitado para dizer onde se localizam essas ou aquelas formas de folclore, mas não posso saber, nem tenho indicações a dar, relativas aos meios de chegar a tais lugares, custo de viagem, condições de estada. O turismo cultural não é apenas para que se veja, mas para que se estude dentro do seu plano específico, que é a simplificação dos meios de viajar.

Penso que foi esta a motivação deste Simpósio, de tal forma que possamos oferecer aos governos federal, estadual e municipal, bem assim à UNESCO, o resultado de nossos estudos e as conclusões dos nossos debates, no plano geográfico, como consta do seu temário. Há-de ser útil encaminhar os trabalhos no sentido da especificação, pelo menos, das manifestações folclóricas dos nossos Estados, que podem ser utilizadas em plano de turismo.

Evidentemente, o assunto é permanente e só a sua aplicação sistemática nos indicará os caminhos a seguir, com o máximo aproveitamento quantitativo e qualitativo. Um trabalho continuado das instituições folclóricas e das autoridades turísticas vai encaminhar a solução de diversas indagações. Permito-me acentuar a necessidade de uma adaptação de ambas as questões, evitando deformações, e nesse sentido, todo cuidado é pouco. Para isso levamos em conta que o turismo cultural não é feito em termos de diversão, mas como instrumento de educação, de sorte que não se cuida de organizar *shows*, mas de revelar uma realidade viva, que traduza os modos de pensar, sentir e agir da gente do povo. A César o que é de César, quero dizer, ao folclore o que é do folclore, e ao turismo o que é do turismo.

Não posso deixar de mencionar o aspecto financeiro do assunto, tão infrangivelmente ligado ao turismo, sobretudo ao internacional. A idéia do turismo cultural tem um lado material, pelo qual se buscam meios de financiar a conservação do patrimônio e as suas demonstrações. Uma lei, que não sei porque ainda tem vigência, proíbe aos museus cobrar entradas, alegando que, sendo uma atividade educacional, deve ser gratuita. A idéia do turismo cultural é exatamente a de arrecadar meios destinados à conservação e apresentação dos acervos culturais. Em toda parte do mundo, a entrada dos museus é paga e a dos festivais igualmente. Portanto, assim como se cobra o ingresso em concertos ou espetáculos teatrais, por que não fazermos o mesmo, desde que seja reservada essa receita à conservação e, quando for o caso, à exibição de espetáculos folclóricos? A ajuda que la dar à gente do povo estimulava a manutenção de seus conjuntos organizados, a fim de que prosseguissem no labor artístico e artesanal, e pudessem viver os museus, exposições e festivais.

Esse é, a meu ver, o melhor modo de se proteger a arte popular, que regride a olhos vistos, entre nós, por falta de auxílios.

Voltando a citar a UNESCO, recordo que, na sua última Assembléia Geral, uma proposta brasileira foi adotada, recomendando aos Estados cuidar da defesa da arte popular. Recordei que, para se fazer uma colcha daquelas no nordeste, ricas de rendas e bordados, três ou quatro artesãs devem trabalhar cêrca de três meses, recebendo apenas um salário mínimo de um mês, a ser repartido entre todas elas... Ora, ninguém tem dúvidas se os Estados das miúde-rendas organizassem feiras desse artesanato, em épocas oportunas, iam atrair correntes de turismo e lhes garantir um preço compensador, libertas da exploração dos lojistas dos mercados e das casas comerciais.

Aqui mesmo, em São Paulo, visitando um ceramista de Taubaté, perguntei-lhe se a família continuava nessa atividade. Respondeu-me um pouco espantado com minha pergunta: «Mas como? Isso não rende nada. Os moços têm de procurar trabalho que compense». E, por que não compensa? Porque as lembranças de nossos Estados, em vez de serem feitas pelas mãos do povo, são industrializadas, via de regra por estrangeiros. As lembranças do Rio Grande do Sul ou da Bahia se vendem mais baratas em São Paulo do que naqueles Estados, porque na realidade a indústria está montada aqui e é uma falsificação sem valor nem significado.

A palavra não está conosco, está com as autoridades de turismo que, em cada Estado, devem verificar o fato e estabelecer que a venda de tais objetos deve ser autorizada por elas, devidamente assessoradas pelos folcloristas.

A idéia de que o turismo é uma simples diversão se alargou, verificado que igualmente tem condições educativas excepcionais. Dir-se-á que visitar monumentos e museus sempre foi atividade dessa espécie, mas a ampliação está em ser aproveitado o turismo como orientação e meio de estudo. Daí a idéia do turismo individual, isto é, de dar as vantagens turísticas não apenas aos que vão ver, admirar e continuar o passeio, mas aos que necessitam verificar, analisar, cotejar. Evidentemente não estou defendendo fazer equipes de pesquisa em excursões, mas reclamo que se dê também àquelas as vantagens que têm estas. Eis a intenção da UNESCO, tanto que, no Relatório Parent, relativo ao Brasil, aconselha que se reserve à EMBRATUR uma parte preponderante do capital que lhe é destinado, «à animação cultural (festivais notadamente) na base de uma regionalização apropriada». Nesse sentido, juntar-se-iam aos festivais as feiras de artesanato, aconselhando que a região de Cabo Frio seja devidamente utilizada. Mas, como Cabo Frio possui muitos outros sítios.

Um assunto, porém, surge para nós com importância capital, é o caráter autêntico de quanto for exibido nos festivais ou exposições. Já tive dificuldades com departamentos turísticos que, para efeito de apresentação, enfeitam o folclore, alterando a sua legitimidade. Stith Thompson mostrou como a ausência de estudos básicos perturba as orientações mesmo bem intencionadas, e Richard Dorson apontou a pernicioso invasão do que chamou *Fakelore* (fol-

clore do falso), alterando, inventando, seccionando, fabricando, sofisticando, a realidade da vida de folk. O pior é que a maior parte das vezes tudo isso nasce da ambição de lucros, ou de propaganda inconfessável. Nesse particular, reside um ponto muito sério, que se não for cuidado com o máximo de atenção, pode acarretar a inutilidade de todos os nossos esforços. Vamos sacrificar e não defender o folclore, ao mesmo tempo desacreditarmos o turismo.

São pois da maior atualidade as questões que deveis analisar, debater e recomendar com a vossa competência nos dois assuntos. Não de resultar por certo sugestões oportunas e viáveis, que aos entendidos compete transformar em medidas úteis ao folclore e ao turismo, com as diversas conotações resultantes. Não basta reafirmar a importância do binômio, evidente em si, mas ver como um fator pode servir ao outro e ambos aos objetivos de defesa e revelação do saber e da arte do nosso povo.

Oxalá possamos estabelecer um entendimento em derredor do assunto, não com um sentido apenas de reafirmar a identidade de objetivos, mas de fazer um plano realista e eficaz pondo em ação a idéia e iniciando um movimento, que não deve mais tardar.

Este é o destino do Simpósio que instalamos, mercê do dinamismo do nosso magnífico Rossini Tavares de Lima, a quem o folclore vai dever mais um assinalado serviço.

Résumé

Folklore et tourisme culturel, par Renato Almeida.

Du 23 au 28 Août 1970 a eu lieu a Saint-Paul, un Symposium sur le thème «Folklore et Tourisme Culturel», dont le but était de permettre aux chercheurs sur le Folklore brésilien et aux spécialistes de la promotion du tourisme culturel d'échanger des idées capables d'inciter le touriste à voir ce qui est essentiellement brésilien. Le Professeur Renato Almeida, Directeur-Exécutif de la Campagne de Défense du Folklore Brésilien, a prononcé à l'ouverture de la session solennelle, une conférence au cours de laquelle il a exposé le point de vue de l'organisme qu'il dirige, de même que celui de l'Institut Brésilien d'Éducation Science et Culture, Commission Nationale de l'UNESCO, dont il est le Président soulignant l'importance du tourisme dans les échanges intellectuels. L'auteur se cantonne dans le domaine du tourisme culturel dont l'héritage traditionnel s'intègre dans l'ensemble des biens culturels de grande signification et de grande valeur.

Summary

Folklore and Cultural Tourism, by Renato Almeida.

A group of Brazilian folklorist and a group of experts in the promotion of cultural tourism met at a Symposium in S. Paulo from the 23rd to the 28th of August 1970 to study ideas which would attract the tourists to visit and see the most typical Brazilian things and places. Professor Renato Almeida, Chairman of the Campaign for the Defense of the Brazilian Folklore (Rio de Janeiro), gave a lecture at the inaugural session speaking in his own name and also in the name of the department he directs: the IBECC (Instituto Brasileiro de Educação Ciência e Cultura), and the National Committee of the UNESCO of which he is the Chairman. Stressing the importance of the tourism for the intellectual reciprocal exchange the author attains himself to the definition of cultural tourism underlining the importance of the folklore whose stock of tradition must be considered of foremost importance and value in the context of the cultural wealth of a country.

Regiões Culturais para Estudo do Folclore Brasileiro (*)

DESTA PALAVRA TÃO SIMPLES, de seis letras apenas, que pronunciamos *região*, muitos sentidos lhe podemos extrair. Tanto pode ser uma região natural como uma região administrativa; pode ser uma região econômica e pode ser uma região lingüística. De variados conceitos em que se pode aplicar a palavra região, o que aqui nos interessa é o cultural.

E como cultural a região nem sempre tem limites fixos ou definidos; não se confunde com a região geográfica nem com a administrativa. O que a caracteriza é essencialmente a presença atuante do homem; ou melhor: como o homem nela agiu e atuou. Caracteriza a região cultural mais explicitamente o domínio criado pelo homem sobre a natureza, não absorvente ou imperial, mas como resultado de uma interação. O que Herskóvits chamaria aquilo que no ambiente constitui o trabalho feito pelo homem. A região é então uma criação do homem: o que o homem criou e realizou, agindo e atuando sobre o meio, de modo a formar o seu ambiente.

Neste sentido é que podemos compreender a região como ambiente de estudo folclórico, ou como centro de convergência do trabalho do folclorista; ou ainda como meio onde surgem as criações e realizações que chamamos de folclore ou de cultura popular. Esta é a região cultural a que nos prendemos, de modo a procurar caracterizar, neste conceito, uma delimitação do Brasil para fins de estudo de folclore. Na região encontraremos, depois, o que caracteriza o espírito de criação do homem como manifestação de cultura popular.

É evidente que o folclórico é, e não apenas deve ser, regional. Quer dizer: tem uma base de região, aquela de espaço ou ambiente territorial em que se manifesta o fato folclórico. Não quer dizer se trate de uma região chamada natural, ou de uma região fisiográfica. Mas se trata de um espaço ou território onde o fato surge, criado ou inventado, onde é colhido e encontrado, com os aspectos peculiares que aí recebe; e que traduz sua peculiaridade face, não raro, ao mesmo fato surgido em outro espaço ou território: uma dança, um canto, uma adivinha, um conto, por exemplo.

(*) Trabalho apresentado ao Simpósio sobre Folclore e Turismo Cultural, em São Paulo, agosto de 1970.

De certo, tal circunstância não tira o caráter universal do folclore, a universalidade das manifestações folclóricas, a existência em quase todos os povos de idéias, crenças, ou fatos que se incluem no folclore. O regional recebe do universal o seu sentido peculiar, sua originalidade social, sua característica mais íntima.

Um ponto devemos esclarecer desde logo: o que devemos considerar sob critério regional ou de região, no sentido cultural que aqui vimos empregando, não se confunde com a divisão administrativa ou política, do país ou do Estado ou do Município. O que aqui temos entendido como região, tanto para fins de estudo folclórico como para outros estudos de natureza social ou cultural, é o espaço físico-social ou físico-cultural, ou seja, aquele em que os aspectos sociais e os traços culturais apresentam características comuns. O elemento cultural pode, muitas vezes, ser representativo do que há de natureza física no ambiente.

O regional não é estadual nem municipal; podem, em alguns casos, coincidir. Há sempre, na idéia regional, uma base física de ambiente formado por condições climáticas, de vegetação, de solo, de animais, de água; e de base social, de formação de grupo humano, do processo de ocupação pelo homem, nas relações sociais que se estabelecem, com traços de cultura que o distinguem ou o caracterizam mais especificamente. Distinguindo, portanto, estes traços uma região em face de outra região.

No estudo do folclore brasileiro, como de resto no estudo de outras manifestações culturais brasileiras — técnicas de trabalho, tipos de vestuário, lendas, mitos, crenças religiosas — a base regional é fundamental. Podemos mesmo verificar que nenhum esquema geral se poderá levantar, sem que se levem em conta os fatores regionais: os elementos característicos da formação social de cada região. Pois aí se situa justamente o fundamento do folclore — seu caráter regional — sem prejuízo de seu caráter universal. As peculiaridades da região, de grupo étnico, de formação cultural, de gênero de vida da região, imprimem no folclore sua feição regional. Esta característica é também a base, o sentido, a fisionomia de sua universalidade.

É esta base regional do folclore que lhe dá os contornos mais definidos, a sua expressão ligada a um povo ou, particularmente, a um grupo humano, sua existência num determinado ambiente, isto é, aquilo que nós consideramos popular de uma área ou de um povo. Pois todo fato folclórico tem sua região de existência, muito embora se encontrem variantes em outras regiões. Justamente essa definição regional é que permite se caracterize a origem, o fundamento, a manutenção dos fatos folclóricos, estudando-se os grupos étnicos e a cultura da região em que eles aparecem.

É o que poderemos verificar numa tentativa de regionalização do Brasil para estudos de folclore, que, aliás se poderá alongar a outros estudos, de natureza social ou cultural, desde que tenha o homem como seu elemento fundamental. Esta caracterização regional do Brasil tentamos em estudo anterior¹,

¹ Regiões Culturais do Brasil. C.B.P.E. Rio de Janeiro, 1960.

rica, com a apresentação de numerosos folguedos, danças dramáticas e autos pastoris

NORDESTE MEDITERRÂNEO. Com a expansão do povoamento, a ocupação do território interior se fez com base na pecuária; expande-se, em especial, do São Francisco, penetrado inicialmente por sertanistas e vaqueiros pernambucanos e baianos, em várias direções (norte, centro, sul). A fazenda de criação, canos e baianos, em várias direções (norte, centro, sul). A fazenda de criação, com a «casa de telha» do proprietário, é o principal centro de vida regional. Forma-se uma sociedade que, a partir da criação de gado, se vai diversificando de acordo com as condições ecológicas. Das relações entre o homem e o meio, surgem atividades de extrativismo vegetal (carnaubais e babaquais), as do argem (transição da agricultura para o pastoreio), a pequena agricultura de subsistência (elevações ou serras úmidas), além da própria criação (sertões). A obra de Euclides da Cunha chamou a atenção para os sertões, e em especial para a diferenciação cultural em face do litoral agrário. Nesta região surgiu, por a grande temática da região. O Boi Espaço, ou o Rabeicho da Geralda, por exemplo. As formas mais típicas do Bumba-meu-boi aí se encontram. Estende-se o folclore do boi à apresentação das Vaquejadas, ainda hoje uma das formas de convivência regional. Também o folclore nesta região é marcado pelos temas de cangaceirismo e misticismo; cangaceiros e místicos abundam na temática folclórica do Mediterrâneo nordestino. Daí as orações fortes, a proteção invocada dos santos para a cura de doenças as mais variadas. São comuns os ritos agrários. Alguns aspectos folclóricos se ligam também às secas, condição climática periódica no Nordeste, com suas consequências sociais, econômicas e morais. Também uma terminologia toda própria, um português que conserva ainda formas arcaicas (palavras ou frases), é encontrada nesta região. Foi em zonas desta região que surgiu a chamada «literatura de cordels», que logo se espalhou por todo o Nordeste, constituindo-se numa de suas facetas culturalmente mais características. É uma literatura que a tradição oral vai conservando através dos cantadores e trovadores, cujos textos se registram e se divulgam em festas, feiras, mercados, reuniões, etc. Constituem esta literatura não só estórias tradicionais, conservadas na memória popular — Princesa Magalona, Carlos Magno e os Doze Pares de França, Donzela Teodora, Pedro Malazartes — como ainda os fatos do momento, os acontecimentos que atraem o interesse das populações em geral — o padre Cicero, Lampião, crimes políticos, casos sociais, enchentes.

AMAZÔNIA. O domínio da água e da floresta marca esta região. São elas as expressões dominantes da vivência regional, o homem condicionado pela influência da água e da floresta. Toda a atividade econômica gira em torno do extrativismo: pesca, borracha, castanha, minérios, com mancha de pastoreio nos campos do Rio Branco. O seringaí constitui o principal centro de vida regional. Os hábitos humanos nas suas relações com o meio constituem tema de inspiração folclórica e artística, traduzida em romances, novelas, ensaios. Também seu folclore se influiu destes elementos. A influência indígena é marcante. Ao lado dela, algumas marcas negras persistem. Em torno da água e da floresta abundam as abusões, as crenças, as lendas, a lara, o minhocaço, o

saci, o curupira, o bôto. São conhecidas as lendas e tradições dos «bichos do mato» ou dos «bichos da água». Um mundo de criações, como a cobra-grande, tão característica, enche a mentalidade popular. As práticas religiosas têm sua figura no pajé, curandeiro, feiticeiro, místico. O boi bumbá é uma tradição constante com peculiaridades próprias da região. São conhecidas as festas de arraial, onde se destacam duas danças tipicamente amazônicas: o saíré e o marabaixo. Um outro elemento folclórico típico da região é constituído pelos «pássaros» de Belém, página das mais interessantes no folclore regional. É também curioso observar a terminologia local, a feição própria que tomou o português na região, as palavras inclusive se influenciando da água e da floresta.

MINERAÇÃO. Nesta região a ocupação humana se baseou na exploração dos veios auríferos e diamantíferos; a sociedade se forma em torno dessas atividades, surgindo os arraiais, mais tarde centros urbanos destacados (Vila Rica, por exemplo). Os arraiais são os principais centros de vida na região. Todas as manifestações culturais estão ligadas a essa condição; o ouro e os diamantes influenciam a literatura, as artes (escultura, pintura, música), o pensamento social; completa este motivo econômico, a própria situação ecológica, como zona de montanha. Nesta região situa-se o centro do barroco brasileiro. Com a extinção do ouro e dos diamantes, novas formas de atividade econômica foram surgindo, quase sempre ligadas ao extrativismo mineral; caminha para a transformação industrial, já manifestada em outras partes do próprio território mineiro. Sociedade com vivência baseada nessa situação, oferece também grandes manifestações literárias e artísticas, destacadamente no século XVIII, com a Escola Mineira. Se o mameleuco abriu os caminhos, o negro escravo fixou os descobertos. Desta forma a sociedade da região da mineração deve tanto à influência indígena como à do africano. Esta, entretanto, se tornou mais forte, marcou as danças (as reisadas), os cantos (os vissungos), os cortejos. Aí se incluem os brindes cantados, ao final das refeições, base dos motivos folclóricos chamados de «coreto». É o caso, aliás do «Pelxe Vivo», originalmente português, e como tal ainda conservando sua marca de origem pelas palavras usadas (pastôres, aldeia, por exemplo), mas de tal modo já hoje incorporado ao folclore local que se transformou num verdadeiro hino mineiro, e não apenas dos folcloristas. São comuns também as superstições e os mal-assombrosos ligados à exploração de ouro; estendem-se, por influência, aos centros urbanos (Ouro Preto, Diamantina, por exemplo) com os encapuçados, os ruídos noturnos, as visões estranhas. São tradicionais as procissões, principalmente as cerimônias da Semana Santa; a umas e a outras não faltam traços tipicamente folclóricos. Talvez seja aí, nesta região, onde se conservou mais vivo um catolicismo de tipo popular com suas festas e procissões, onde o profano se associa integralmente ao religioso, dando-lhe uma marca mais nítida de aspectos hoje inteiramente folclóricos. Na alimentação, os torresmos são característicos.

CENTRO-OESTE. Região aberta com a expansão do bandeirismo, a partir da região de mineração, com as caminhadas à procura de novos veios auríferos. A escassez de ouro, de uma parte, e as próprias condições ecológicas, de outra,

foram, no correr do tempo, diversificando a atividade econômica; surge o pastoreio, o extrativismo vegetal (erva-mate), etc. Contudo, a tradição de suas origens é ainda viva, apesar dessas transformações. Hoje apresenta um período de mudanças, irradiadas da influência decorrente da construção de Goiânia e de Brasília. Até aqui, também da presença mais recente da nova capital do país: Brasília. Contudo, portanto, se estendeu a influência mineira, como prolongamento da migração bandeirante, mas tomou de imediato uma feição ceado; esplendor e decadência se ou riqueza foi rápida, a decadência surgiu cedo; esplendor e decadência se sucederam tão rapidamente que não é possível marcar na região fases bem distintas. Conservam-se ainda festejos tradicionais. É típica a festa de São João, com formas próprias de comemoração, onde o profano domina o religioso. Tem grande significado a Festa do Divino. Os reisados subsistem. Apesar da importância da erva-mate na economia atual, seu folclore é restrito, porém. As corridas de cavalo se cercam de características folclóricas.

EXTREMO-SUL PASTORIL. Uma feição humana particular marcou esta região. Sua vivência é sobretudo de base agrária: de um lado, a criação de gado, em suas origens, constituindo toda a parte sul vizinha da colonização espanhola e de outro lado, a agricultura de subsistência, com a colonização açoriana. Também com os cafezais que saíam do vale do Paraíba e atravessando São Paulo, ocuparam o oeste paranaense. A expansão da ocupação humana, a partir de São Paulo, fez com que se encontrassem os campos de criação, e nova atividade foi daí surgindo. Os campos de criação de Guarapuava se encontram com os pampas gaúchos, e a colonização açoriana constitui como que o elo dessa ligação, e sobretudo o elemento que iria marcar brasileiromente a região sul. Agricultura e pastoreio, estes dos primeiros colonizadores, aquela dos açorianos, completaram-se na paisagem regional. Aos ilhéus, em particular açorianos, se deve principalmente o folclore fundamental da região. A esta origem aliou-se outra influência, a espanhola, todavia muito restrita, mas bem sentida na linguagem. Surge um tipo peculiar na paisagem humano-social do Brasil: o gaúcho. Ao lado deste desenrola-se o ciclo do cavalo, animal cuja importância é quase humana, colocando-se ao lado da mulher. Embora pequena a influência negra, a lenda mais característica da região é ligada à escravidão: o «Negrinho do Pastoreio». O galpão é o *campus* folclórico onde se fazem os encontros, contam-se as estórias, evocam-se os fatos do dia, narram-se as proezas do cavalo. Nêle também se bebe o chimarrão, a cuja passando de um a um dos participantes para o trago. E rico o folclore do chimarrão, como uma das marcas típicas da região. São comuns as danças de pares, influência açoriana, de onde se originaram quase todas as danças regionais. O «fandango» é uma dança de pares, quando no Nordeste é uma dança dramática, narrativa de episódios da aventura náutica portuguesa.

COLONIZAÇÃO ESTRANGEIRA. Formada com os imigrantes europeus vindos para o Brasil, a partir do século XIX, oferece uma paisagem cultural inteiramente peculiar, diversa das outras regiões. A ocupação territorial se inicia com a imigração estrangeira, a partir de 1808, ou mais exatamente de 1824, com a colônia de São Leopoldo: alemães, italianos, poloneses, holandeses (estes

mais recentemente), que se dedicam a atividades agrárias e ao pastoreio (holandeses, em especial no Paraná). Fêz-se assim a ocupação do vazio interior, existente no território do Rio Grande em direção norte, com uma expansão atual para o oeste catarinense. A presença desses imigrantes criou novas formas sociais, novas influências, novas manifestações culturais, não raro alongando-se aos centros urbanos (Curitiba, principalmente). Ambiente — o dessa região — marcadamente artístico, inclusive com suas festas tradicionais (Kerb, por exemplo). O processo transcultural, todavia, se vem verificando. Introduziram-se elementos folclóricos oriundos dos países de origem, inclusive o traje, técnicas de construção, alimentação, danças, etc. O gosto pela música é bastante significativo; daí as festas de salão, que constituem elemento expressivo das populações desta região. Não há festas tradicionais do tipo das existentes em outras regiões. Todavia, festas religiosas em homenagem a padroeiros trazidos da Itália pelos imigrantes, se transculturaram, incluindo aspectos tipicamente brasileiros de natureza profana. Há nesta região todo um folclore que está ainda por estudar.

CAFÉ. É uma região toda ela marcada pela forte influência da agricultura cafeeira, iniciada na antiga província fluminense, expandindo-se por terras dos hoje Estados do Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Paraná. Marcou sua influência social, e não apenas política, sobretudo no segundo Reinado e na primeira República. Começa a sentir influências transformadoras com a industrialização e a urbanização, nos fins do século passado, e mais acentuadamente já na primeira metade do século atual. O que assinala, do ponto de vista folclórico, esta região é a presença do que podemos chamar o folclore do café. Alguns elementos de baile e canto, originalmente indígenas (o cateretê), por exemplo, ainda persistem, ao lado das influências oriundas dos elementos introduzidos pelo escravo negro (o batuque, por exemplo). Dado o papel que a escravidão exerceu na economia cafeeira, a origem negro-africana marca muitos elementos folclóricos. O processo transcultural luso-indígena-africano, acrescido mais modernamente de valores italianos e japoneses, é intenso nesta região. Há todo um folclore vivo, com formas peculiares, que está sendo estudado, principalmente, nos aspectos de técnicas, música, ergologia, etc. Grande influência urbana está contribuindo para perturbar o elemento tradicional.

URBANO-INDUSTRIAL. Centro de vida urbana, como sede do Governo do Império e da República, até 1961, o Rio de Janeiro, hoje Estado da Guanabara, se tornou, a partir da exploração cafeeira, o eixo da expansão urbana, alcançando o próprio Estado do Rio de Janeiro, que a êle ficou ligado; daí se irradiou em direções diferentes o surto industrial, que, através da Guanabara, ligou o Estado do Rio de Janeiro a São Paulo e, em direção norte, atravessou Petrópolis e chegou a Juiz de Fora, continuando daí sua expansão. Na área fluminense dessa região assentou a grande indústria de base (Volta Redonda), assim como surgiram outras formas de indústria. Manifestações culturais relacionadas com esta situação, pois a Guanabara centralizou também a vida cultural, já centralizando a vida política e social. Surgimento de manifestações modernistas que, partindo de São Paulo, encontraram maior eco no Rio de Janeiro, de onde se expandiram para outros Estados. Centro também das trans-

formações modernas e atuais de arte, de cinema, de literatura. Foco dos grandes estudos de pensamento social, desde o século XIX (Joaquim Nabuco, Tavares Bastos, por exemplo), até nossos dias. Como centro de atração de naturais de outros Estados, o que sucede tanto ao Rio como a São Paulo, esta região criou uma feição própria no processo transculturoativo nacional, de maneira a aglutinar as populações brasileiras e provocar, inclusive, uma linguagem que tem sido considerada a mais característica do Brasil. O processo de transformação cultural, originado da introdução da indústria, é marcante nesta região. A industrialização e a modernização são os dois valores novos que vão acabando com as tradições. A televisão e o rádio, pela influência direta que exercem com as tradições. A televisão e o rádio, pela influência direta que exercem com as tradições. A televisão e o rádio, pela influência direta que exercem com as tradições. A televisão e o rádio, pela influência direta que exercem com as tradições.

O fato de citarmos ou encontrarmos em determinada região certos elementos folclóricos não afasta a possibilidade de também os encontrarmos em outra região. A diversidade cultural de cada região não exclui a unidade de nossa formação através da ocupação do território pelos mesmos grupos humanos. Acresce a situação que tem sido constante na formação brasileira — e é hoje ainda característica bem nítida — da mobilidade das populações com as migrações entre grupos humanos de uma região a outra.

Do Nordeste por exemplo, movimentaram-se migrantes, brancos e negros escravos, desde os fins do século XVIII, para as minas de ouro, o que levou o governo régio, nos comêços da centúria seguinte, a proibir a circulação interna. O surto cafeeiro de São Paulo, no século XIX, como o da borracha, na Amazônia, nos fins do século passado e comêços deste, atraíram populações também nordestinas. O vaqueiro nordestino que desbravou a penetração interior da Amazônia, século XVII, levou para a região a expressão «montada» para a canoa, meio de transporte substituído do seu cavalo. O paulista desde o século XVII andava caminhando pelo Nordeste, onde participou da destruição dos Palmares e da penetração do Piauí. Paulistas e fluminenses marcham na direção sul e alcançam o que é hoje o Rio Grande do Sul, participando de sua ocupação e povoamento. Dessa circulação de populações decorreria inevitavelmente a influência da cultura de uma região sobre outra. Daí resultaria a presença comum, quase sempre com variantes adaptadas à nova região, dos valores então introduzidos. Isto se pode verificar em cantorias, em danças, em adivinhas, em contos, em lendas, por exemplo.

Este quadro não exclui — parece-nos — a originalidade cultural de cada região, fazendo com que a diversidade contribua para a unidade brasileira, produto sobretudo não de uma justaposição, nem de uma soma, mas essencialmente da combinação de muitos elementos, formando um corpo novo, com suas características próprias. São regiões, as que aqui propusemos, que podem servir pelo menos como ponto de partida para o planejamento de estudos e igualmente do chamado turismo cultural. Fundamentado no conhecimento das manifesta-

ções folclóricas de cada região culturalmente — ou, no caso, folclóricamente — considerada, tal plano poderia estabelecer um conjunto de idéias capaz de sensibilizar o turista para ver aquilo que é essencialmente brasileiro.

São idéias, creio, que se poderiam oferecer, através desse planejamento, ao que a UNESCO se propõe realizar como turismo cultural, partindo da necessidade, que todos nós consideramos indispensável, de proteger e defender a cultura popular brasileira no que ela tenha de mais característico, de mais expressivo, de mais regionalmente típico, sem prejuízo do que representa como expressão nacional.

As sugestões que aqui, nestas linhas gerais, procuramos expor, a propósito de regiões culturais do Brasil, permito-me trazer a este Simpósio para seu exame e o recolhimento de novas idéias. Talvez me comporte um pouco como o velho realejo que tira as sortes, sempre repetindo a mesma melodia, pois não é a primeira vez — e possivelmente não será a última — em que abordo este tema. Coloco-o sob a apreciação dos prezados colegas e companheiros aqui reunidos, esperando que as sugestões a serem oferecidas me permitam enriquecer o desenvolvimento futuro desse mesmo tema. Que como o velho tocador de realejo das ruas continuare a tocá-lo, naquela mesma ilusão de felicidade que ele dá a seus ouvintes, se não apenas a si próprio.

Résumé

Régions culturelles pour l'Étude du Folklore Brésilien, par Manuel Diégues Junior.

Dans ce travail présenté au Symposium sur le Folklore et le tourisme culturel, le Professeur Manuel Diégues Junior, Membre du Conseil National de Folklore (Rio de Janeiro) définit une méthode de recherche à caractériser une délimitation des régions du Brésil pour en étudier le folklore.

Cette délimitation n'a rien de commun avec la division administrative ou politique du pays: des états ou des municipalités.

Pour toute étude folklorique comme pour toute étude de nature sociale ou culturelle, la région est l'espace physico-social ou physico-culturel, c'est à dire celui où les aspects sociaux et les traits culturels présentent des caractéristiques communes.

Il est certain qu'une telle circonstance n'enlève pas le caractère universel du folklore, l'université des manifestations folkloriques, l'existence chez presque tous les peuples d'idées croyances et faits que comporte le folklore.

Le folklore régional recoupe du folklore universel son sens particulier, son originalité sociale et sa caractéristique la plus intime.

De l'étude du folklore brésilien se détachent trois groupes qui initialement entrent en contact avec le pays: l'indigène, le portugais et le noir-africain.

Le phénomène transculturel, absorbant ou fondant les éléments originels de chaque groupe, a fait surgir un élément nouveau, de caractère propre, qui constitue en lui-même un résultat.

A ce s'ajoute un état qui a été une constante dans la formation brésilienne — encore aujourd'hui une nette caractéristique — la mobilité des populations par suite de la migration humaine d'une région à l'autre.

De ce mouvement de populations découle inévitablement des influences réciproques d'une région sur une autre.

Mais l'auteur pense que cet état de choses n'exclut pas l'originalité culturelle propre à chaque région qui fait que la diversité contribue à l'unité brésilienne, produit de la combinaison de nombreux éléments.

Les régions énumérées selon le phénomène d'occupation humaine sont les suivantes:

1 — Nord-Est agraire du littoral 2 — Nord-Est côtier 3 — Amazone 4 — Zone minière, 5 — Centre-Ouest 6 — Extrême Sud zone de pâturages, 7 — Colonisation étrangère, 8 — Zone cafeeira 9 — Zone urbano-industrielle. Ces régions peuvent servir de base pour la planification des études et aussi pour ce qu'il convient d'appeler le tourisme culturel.

Summary

Cultural Regions for the study of the Brazilian Folklore, by Manuel Diegues Junior.

In this work presented at the Symposium of Folklore and Cultural Tourism (S. Paulo, August 1970), Professor Manuel Diegues Junior, Member of the National Commission of Folklore, Rio de Janeiro, proposes the division of the Brazilian territory into several different folkloric regions which he defines and whose characteristics he points out. The regions which result from this division are not to be confused either with the political or the administrative regions of the country or with the limits of states and districts. For the purpose of Folkloric studies as for other social or cultural studies a region is a physico-social or a physico-cultural area, i.e., one in which the cultural aspects and the cultural traits present similar characteristics. This circumstance, of course, does not eliminate the universal characteristics of the folklore or the universality of folkloric manifestations or the existence, among almost all peoples, of ideas, beliefs, or facts that can be included in the folklore. The local and regional manifestations receive from the universal ones their private meaning, their social originality and their most peculiar characteristics. In the study of the Brazilian folklore three important groups had intimate contact with the land — the Indian, the Portuguese and the African-Negro. The transculturative process, assimilating or incorporating the original elements of each group produced a new independent element as result. It must be also taken into account the mobility of the population with the constant migrations of human groups from one region to another, which is still a strong characteristic of the Brazilian formation. From these movements of population it inevitably results the reciprocal influences of the culture of one region on the culture of another. But the author believes that all the mentioned facts do not exclude the cultural originality of each region and that their diversity contributes to the unity of Brazil, which is a combination of several elements. The regions which have been proposed according to the sequence of the process of human occupation are — 1) Agrarian Coastal Northeastern Region — 2) Mediterranean (central) North-Western Region — 3) Amazonian Region — 4) Mining Region — 5) Middle Eastern Region — 6) Pastoral Far Southern Region — 7) Region of Foreign Settlements — 8) Region of Coffee Culture — 9) Industrial-Urban Strip. These regions can be useful at least as a starting point for the planning of studies and also for the so-called cultural tourism.

Frances Gillmor
(Univ. de Arizona)

Diferentes Conceitos de LOS TASTOANES, Um Drama Tradicional de Jalisco

A FESTA DE LOS TASTOANES, que se celebra nos arredores de Guadalajara, Jalisco, se relaciona com *Los Tecuanes* do Estado de Guerrero e com *Los Moros y Cristianos*, na forma de *La Conquista*, que se encontra nas Américas. Mas, *Los Tastoanes* chamam a atenção porque, durante a manhã do primeiro dia, los tastoanes (ou seja *tlatzoanes*, pessoas loquazes, senhores e governadores aztecas) matam e esfolam Santiago, comendo-lhe as entranhas. À tarde, e pelos dois dias seguintes, Santiago, já ressuscitado, pejeja pelas ruas do povoado com os tastoanes. Há outros personagens, como Os três Reis, O Serenero (Simão Cireneu) e O Cão, que mencionarei adiante. Por ora, este resumo é suficiente para indicar uns aspectos que todos vêem com interesse e alguns com horror. Talvez indique também o possível perigo, em uma combinação de máscaras, espadas e agardente.

As autoridades, em tempos passados, muitas vezes suprimiram a festa, por medo desta combinação. No ano de 1945, esperei vê-la em Tonalá. Já havia falado com o mestre e o velho senhor que fabricou as máscaras de barro. Copiei e estudei o relato, notando, com surpresa, que iriam matar o Santo. Disseram-me que tudo seria esclarecido no dia 25 e então o compreenderia... Quando cheguei, porém, estava o povo tranqüilo como se o dia não fóra de festa. «A Presidência não deu permissão», informaram-me, «porque às vezes há muitas desordens». Mais tarde li um artigo escrito por Frederico Starr, em 1902, sobre sua visita a Mesquitán, onde igualmente fóra negada a permissão para a festa, «porque às vezes há muitas desordens». Mas arranjou uma representação no pátio de uma casa particular. E eu disse: «Que lástima tenham desaparecido os velhos costumes». Não havia chegado o dia em San Juan Ocotán em 1962, quando vi um Tastoan de mão enfaixada, ferida por uma espada e outro pisoteado pelo cavalo de Santiago. Entretanto, Don Delfino López, o mestre da dança em Salatián, não me contara a estória de Los Tastoanes nos povoados próximos nem em seu próprio, quando quatro mortes se registraram em São Pedro Tlaquepaque, e ainda que em Salatián nada acontecera a ninguém, mas a festa foi suprimida. «Já não houve, já não houve. Até 1907 estava aqui um senhor que tinha boa amizade com o superior da força do Estado, que eram os soldados, verdade? Este senhor começou a comprar terrenos aqui e uma grande casa que está à margem... Bem, comprou gado, pôs

Será que esse senhor — e Mota Padilla — perderam a representação da manhã e assistiram somente ao jogo da tarde? Santoscoy, sim, a havia visto. Ao pensar na forma atual do drama, sugeriu uma relação com a Revolução e a Independência do México:

«Além disso, a mudança de que se trata teria sido recente, teria acontecido pelo menos quando se verificava a zélo religião do país, porque de outro modo não poderia suceder, suposto o não religioso das autoridades espanholas, a vigilância do Tribunal da Fé nos assuntos que tinham relação com a inviolabilidade das crenças e até com a pureza dos costumes, e, por último, o preponderância das crenças e até com a pureza dos costumes, e, por último, o preponderância das crenças que exerciam principalmente sobre os indígenas dos povoados tanto os religiosos como os clérigos encarregados da administração espiritual desses mesmos povoados. A Igreja e o Estado, vivendo em íntimo consórcio, haveriam de comum acordo não só proibido, senão castigado a adulação que na festa dos tastoanes se fez da lenda religiosa.

Atualmente, a uns sacerdotes a festa não causa agrado. Mas as coisas que os ofendem são as que ofenderam os jornalistas da controvérsia de 1895, os aspectos atrasados, e, por suposto, as grosserias.

O padre da paróquia de San Juan Ocotán, recentemente chegado, viu a representação no adro da igreja e, respondeu uma pergunta minha: «É costume antigo, histórico. Há muitas grosserias, mas é necessário permitir que certas coisas continuem».

Uma semana mais tarde perguntei a D. Loreto Ramos, mestre de *Los Tastoanes*: «Que lhe parece, ao padre, a festa de *Los Tastoanes*? «Que lhe parece? Disse que é coisa atrasada, que devemos deixá-la». «Que lhe respondeu? «Respondi-lhe que quando morrer, a deixarei». E D. Loreto seriu.

Há aspectos de reverência e devoção na festa atual, apesar das grosserias. Em Salatián uma senhora me contou uma lenda da Virgem de Tetlán que insistiu em vir «à festa que faziam seus Tastoanes», a 15 de agosto. «Que por isso se vinha para cá e que iam e a procuravam e lá não estava. Então vinham e a levavam daqui para lá novamente e a encerravam bem. E quando ia outro daqui já não a tornavam a encontrar, vinham e a encontravam novamente aqui... E aqui a deixaram. E aqui sempre lhe faziam sua festinha».

Todos estão de acordo de que Santiago trata de converter a los Tastoanes — aos Yaquis, dizem as senhoras de Jocotán; aos Apaches, nas palavras de Santiago de Jocotán; aos Mecos, segundo o diretor em Salatián. Don Eluterio Orozco Nuño, de Jocotán, o «Santiago» do ano anterior, me disse que a única coisa que Santiago disse aos Tastoanes é: «O Senhor me mandou que os ensinasse a rezar. E com isso se vão... É como os assutam. Como lhes explicassem um crucifixo, correram... E com isso se retiram; já não se aproximam de qualquer pessoa, vão-se embora, logo, logo.»

Em San Juan Ocotán, Santiago, montado em um cavalo próximo da entrada da igreja, dá um golpe de espada nos enfermos — aos que devem promessa. Disse don Eluterio em Jocotán: «Eu tenho a espadinha aqui. Vem você e me diz: «Dê-me cinco.» Uma promessa por lhe haver doído algo, uma

enfermidade, uma cura, algo assim... E fico sobre o cavalo fazendo toda essa operação.»

Porém, que vamos pensar sobre a matança de Santiago, sua ressurreição e a comida de entranhas? Escutemos primeiro o que dizem nos quatro povoados de Tonalá, Salatián, San Juan Ocotán e Jocotán, conforme as gravações de 1962 e 1965.

Don Miguel Pila, de Tonalá, me disse: «Isso da pele é que os Tastoanes derrubam Santiago... Então encostam Santiago e lhe dobram o manto, o rompem com as faquinhas que trazem... fazem uma caravana enquanto o estão abrindo e lhe vão baixando a pele aos lados, e quando o deixam é quando já levantam Santiago e agarram o manto e vão entregá-lo aos reis, manifestando que já está morto, e quando a comprovar que o mataram vão a entregar-lhe a pele.» «Há sangue?», perguntei-lhes, pensando na corrente vermelha de sangue, que Santoscoy descreveu em 1889, «que por prevenção o sentenciado trouxe, guardada em uma bexiga oculta sob a camisa.» Don Miguel respondeu: «Não, não. Não é mais do que uma recordação. Seguro de que éles, quando assim faziam—quando deveras era coisa certa—verdade?»

Em Tonalá indicam a comida, nomeando as partes da roupa e do corpo, em uma mistura de Nahuatl, Espanhol, e de duplo sentido, características dos Aztecas (veja-se Sahagun) e dos Yaquis de nosso tempo em Tucucán, que empregam o duplo sentido para os chistes cerimoniais semelhantes a adivinhas nos ritos da Páscoa. Por exemplo, os tastoanes de Tonalá dizem:

«Vamos, pois, desde logo *antechimacase* (Ais Caquema)
Registraremos este feríssimo animal (Ais Caquema)
De cima para baixo ou de baixo para cima (Ais Caquema)
Boas *istlanacs* (sapatos *cactles*?) para mim *personacle* (Ais Caquema)
Boas pantalonas para mim *personacle* (Ais Caquema)

seguindo com a roupa até chegar às partes do corpo:

Bons istononones (dentes?) para comer-te todas as vacas gordas
(Ais Caquema)

Boas isnacas (narizes?) donde sai toda a prata... (Ais Caquema)

Todos se riem durante esta série de presentes e respostas, tal como D. Delfino López, que se riu em Salatián, lendo as linhas de seu livro: «...o tastoan tira o chapéu... passa ao nariz e lhe dizem: «para mais, qual as meras isnacas de onde sai o gusano verde.» E na língua metafórica da comédia dos Pascos nos ritos Yaqui da Semana Santa, falam dos cigarros com palavras de duplo sentido, entre elas *gusano* por *fumo*.

Em Salatián, D. Delfino descreveu a morte de Santiago durante a festa do dia 15 de agosto assim: «E em seguida se dá uma corrida, depois se esconde Santiago e os Tastoanes o procuram e o levam ao sacrifício. Fazem como se o estivessem a matar, e o Cão dá uns ulivos e os Tastoanes o cha-

mam e lhe dizem: «Toma, chambeluc, chambeluc» e fingem tirar-lhe a pele e oferecê-la ao rei, dizendo: «O ferro de seu rebanho que se acabou, o animal *ponsoioso* que sacrificaram» e se levanta Santiago e adorem de joelhos ram seus desejos, porém os açotarei, açotarei e farei que adorem de joelhos a Rainha dos céus.» Estava misturando seu comentário com a leitura do relato.

Seguiu lendo outra parte, metendo suas explicações. Aqui, ressalto umas frases importantes que não estavam escritas:

«... Se vão e se levantam os quatro marcos e dão corrida, tocando o tambor e a *chapetilla*... Em seguida se esconde Santiago e o levam a sacrificar. É quando o matam. *Levam-no a crucificar*. Entendem-no em uma toalha e fazem a fórmula, a fórmula de que já sacrificaram... e em seguida a *chapetilla* toca e o galo canta e se diz *Hora Buena*... Pois sim, vou a açotá-los para que adorem a Maria Santíssima.»

Do outro lado os de Guadalajara, os de San Juan de Ocotán e Jocotán têm um método dramático para indicar a comida. A senhora Francisca Murillo, de Jocotán, o descreve: «Ah, pois, ao primeiro dia saem e jogam um pouco, verdade? E aí pelas dozes matam Santiago. Fazem, ainda, a insignia, um verdade? Encostam-no a uma mesa e a seguir o colocam debaixo de um plátano, laranjas, boa fruta. E quando vão a matá-lo, verdade? começam a escondê-lo, como se o estivessem desnudando e a seguir atiram a fruta aos tastoanes, como se o fossem as tripas e não são.»

D. Eluterio Orozco de Ocotán junta: «Levante-se, corajudo, porque, disse-ram ao apache que o mataram, verdade? Pois levante-se zangado, dando-lhes bordoadas por onde quer que seja.» E D. Eluterio interpreta seu papel de Santiago assim: «Também a Nosso Senhor—primeiro andou por todo o mundo, digamos, e depois o agarraram, o tralram... Creio que assim foi com Santiago também, porque tenho entendido que esteve preso, o tiveram preso. Pois, creio que assim fizeram com Santiago. Creio assim, não estou seguro, explico o que sei, nada mais. Nada mais do que sei, verdade?»

E D. Loreto Ramos, de San Juan Ocotán me explicou: «Logo Pilatos disse — Oh, feríssimo animal... Soavam os sinos, cai e já o mata um. Então, já que o mata um, já o leva um à cruz? e ali o mata um com o facão e tirando-lhe as esporas, tirando-lhe o chapéu (é a coroa)... Levanta-se... porque mete o couro em todos os tastoanes. Já que lhes bate, sai dali. Então, saem a cavalo, a correr. Correm. E depois o jôgo... Depois simplesmente jogar.»

Muito bem, Santiago é Cristo? Pode ser que sim. E a comida uma espécie de comunhão em sua intenção? Pode ser que sim. Mas também é possível que a festa venha de duas tradições. Foi um antropólogo quem me sugeriu a segunda— a festa azteca de Xipe-Totec, nosso senhor esfolado. Pouco real que se me não tivesse ocorrido, pôsto que muito escrevi sobre esta festa em minha biografia de Huehue Moteczuma Ilhuicamina, *The King Danced in the Market Place*. Creio que temia seguir o caminho dos folcloristas ingleses, os quais sempre tratam de identificar uma dança com um rito indo-europeu

da primavera, a ressurreição do ano. É o pensamento do século XIX a respeito das origens dos contos. E Eduard Selser, o distinto alemão, no princípio do século XX, participou do mesmo ponto de vista ao descrever a festa de Xipe como festa para a renovação da vegetação, uma identificação que todos aceitamos.

Vou com toda a precaução. Não mencionarei as prendas de pão em Jocotán— «é uma boneca e um boneco com dois bonequinhos pequeninos, como filhinhos.» É verdade que os aztecas fizeram bonecos de massa para representar os deuses, mas, na festa de Xipe, falam Sahagún e Durán, somente de tortilhas especiais. E, além disso, festas por todas as partes do mundo levam sua comida especial. E eu mesma como *gingerbread men*, «Tampouco mencionarei a côr vermelha, que é a côr do dia de Santiago em San Juan Ocotán, e também foi a côr da festa de Xipe—o Tezcatlipeca Vermelho; a côr vermelha é a côr dos dias dos mártires da Igreja. Gostaria de mencionar as sevandijas, escorpões, lagartos e outros animalzinhos da terra que adoram os narizes das máscaras dos Tastoanes e compará-los às serpentes entrelaçadas que formam o nariz de Tlaloc nas esculturas aztecas; porém não formaram o nariz de Xipe. Poderia chamar a atenção para a máscara de duas côres de *El Serenero*, (Simão Cireneu) e a de Xipe, também vermelha de um lado. A explicação da máscara de *El Serenero*, dada por D. Eluterio, é lógica e suficiente: *El Serenero*, tem duas faces, azteca e espanhol, e anda às vêzes com um partido e às vêzes com outro; êle atraíça Santiago, e então chora, chora. Espero que ninguém note que o Santiago de Tonalá traz uma capa de sêda amarela e que Xipe foi o deus da roupagem de ouro; eu mesma trouxe êsse avental a Tonalá e me surpreendeu servisse de capa a Santiago; não, não é a pele de ouro de Xipe; temos que ter cuidado com estas coisas. Todavia, vou com precaução.

Desejo, porém, empenhar-me por um momento em um parágrafo de Sahagún acerca da festa de Xipe, que trata da estrutura básica do programa daquela terrível festa:

«Depois de esfolados, os velhos... levavam os corpos ao *calpulco*, onde o dono do cativo fizera seu voto ou promessa; ali o dividiam e enviavam a Moteczuzoma um músculo para que o comesse, e o mais repartiam entre os principais ou parentes; iam comê-lo na casa de quem o cativo fóra morto. Depois da comida, a borracheira... Nesta festa eram realizados uns jogos, que são os seguintes: com as peles dos esfolados muitos mancebos se vestiam... punham-se todos sentados sobre leitos de feno... ou gređa; e estando ali sentados, outros jovens os provocavam para combater, com palavras ou beliscões, e êles corriam atrás dos incitadores a pelear e os outros, os outros fugiam, eram alcançados e começavam a lutar uns com os outros e se prendiam uns aos outros...»

Se os jornalistas de fins do século passado tivessem lido êste parágrafo! Porém Santosey também encontraria apoio à sua teoria de uma relação com a revolução— não com a revolução da Independência, mas com a de 1910. Passamos por alto por um grupo de personagens— os três reis. Fazem papéis



Alexina Leite de Magalhães Pinto (1870-1921).

TRANSCORREU A 4 DE JULHO o primeiro centenário de nascimento da escritora Alexina de Magalhães Pinto, pioneira na aplicação da literatura oral e outras formas da cultura popular à Pedagogia. O Conselho de Extensão da Reitoria da Universidade Federal de Minas-Gerais, houve por bem incluir seu nome como patrona da *II Semana de Folclore* da mesma, quando se procurou dar ênfase, como parte das homenagens à sua memória, às expressões mais divulgadas e tradicionais da lúdica infantil.

Alexina Leite de Magalhães Pinto nasceu em São João del-Rei, Minas Gerais, a 4 de julho de 1870, filha do engenheiro Eduardo de Almeida Magalhães e d. Virginia Vidal Leite Carneiro. A vida intelectual dessa grande mineira compreende três fases bem distintas: na *primeira*, integrada na comunidade, a esta se ligou profundamente, conhecendo-lhe os interesses, modos de sentir e agir e suas aspirações. Muito jovem ainda, aos vinte e dois anos de idade, empreendeu sôzinha longa viagem à Europa, visitando diversos países e examinando os costumes de seus povos.

Conta-se que trouxera da França uma bicicleta — estranho aparelho na época, e roupa adequada ao ciclismo feminino. Acontece que a *tradicional família mineira* recebeu mal a novidade e a sanjoanense ilustre foi então forçada a renunciar ao prazer dêsse esporte.

A partir dessa época, ela estuda e se organiza para atuar no setor de sua vocação — a escola primária. Em poucos dias se preparou para um disputado concurso, em sua Cidade, da cadeira de desenho e calligrafia da Escola Normal, sagrando-se vencedora, inequivocamente. Ai se inicia a *segunda* fase ou período de grandes realizações no magistério. Três anos depois, em 1895, ocupava lugar importante no ensino médio do Rio de Janeiro, defendendo com brilhantismo novos processos de escola viva e os experimentando com excelentes resultados pedagógicos. Certa vez, segundo apuramos, levou para a sala de aula de uma turma de primeiro ano novato um gatinho fechado num cesto, provido de tampa. Ao abri-lo diante dos alunos, foi aquela agitação! Cessado o tumulto, ela se dirigiu ao quadro-negro, dizendo: «não preciso de trazer o animal nem mesmo desenhá-lo». E apanhando o giz, escreveu a palavra *gato*, bem legível e com letras graúdas.

Dêsse modo, ela se insurgia contra a cartilha soletrada. Era a primeira reação, no Brasil, contra o *b-a-ba* e pela vez primeira se empregou na escola primária o chamado *método global*.

Alexina se casou, a 15 de maio de 1898, com o médico seu primo, Dr. Floriano Leite Pinto, mas pouco tempo experimentou a nova situação, porque cedo viuuvou, sem filhos. Começa aqui a *terceira* fase da erudita de campo cuja vida, agora, é entregue aos meninos seus alunos e às pesquisas de campo sobre folclore infantil, notadamente o da área de São João del-Rei, São José del-Rei (hoje Tiradentes), Pôrto Novo, Além Paraíba e Mar de Espanha, neste Estado; ou Sapucaia e Vassouras, no Estado do Rio.

Em 1907, publicou seu primeiro livro — AS NOSSAS HISTÓRIAS, seguindo-se OS NOSSOS BRINQUEDOS, em 1909, Tipografia «A Editora», Lisboa; CANTIGAS DAS CRIANÇAS E DO POVO E DANÇAS POPULARES, em 1916, Coleção Icks; e finalmente, em 1917 publicou seu derradeiro livro, os PROVERBIOS POPULARES, MÁXIMAS E OBSERVAÇÕES USUAIS, este último de parceria com o primo Dr. Astolfo Leite de Magalhães Pinto. Colaborou, assiduamente, no *Almanaque Brasileiro Garnier*, que se publicava, a partir de 1903, à Rua do Ouvidor n.º 109, Rio de Janeiro, sob a direção de João Ribeiro. Às vezes ela se ocultava atrás do pseudônimo *Icks*, conforme registro feito naquele anuário, edição de 1910, à p. 272.

Acometida de surdez, embora em pleno vigor físico, a partir dos quarenta e cinco anos de idade, viu-se a pesquisadora obrigada a usar aparelho de audição, sendo que a enfermidade nunca a afastou do povo e das crianças, que eram seu ambiente preferido. E em razão da surdez morreu trágicamente em Correias, no Estado do Rio, onde realizava pesquisas, apanhada por um trem de carga da Leopoldina, a 17 de fevereiro de 1921.

Em 1924, pela Lei municipal n.º 436, de 26 de fevereiro, seus enterrâneos deram o seu nome a uma das ruas de São João del-Rei.

Extraída de suas *Cantigas...*, n. 172, segue-se uma curiosa forma poética mnemônica, sem dúvida de grande interesse didático, porque motiva às crianças o estudo de geografia:

Andei por Sorocaba,
Por Pindamonhangaba,
Por Jacarepaguá,
Por Guaratinguetá,
Até que em Caçapava
Encontrei um capitão...
Arrogante, petulante
Que me mandou
P'rá Correção!

Résumé

Vie et oeuvre d'Alexina, par Saul Martins.

A l'occasion du centenaire de la naissance d'Alexina de Magalhães Pinto (1870-1921), le Professeur Saul Martins (Commission minière de Folklore) a rédigé une note bi-bibliographique, relatant, plus spécialement, les activités didactiques de cette folkloriste.

Summary

Life and works of Alexina, by Saul Martins.

To celebrate the hundredth birthday of Alexina de Magalhães Pinto (1870-1920), Professor Saul Martins (Folklore Committee of Minas Gerais), wrote the following summary of her biography and bibliography in which he focuses especially the didactic activities of this folklorist.

Ceramistas Populares de Pernambuco

Pesquisa realizada em 1959/1961

SEMPRE TIVE INTERESSE pela arte popular nordestina. O pitoresco e primitivismo daqueles burrinhos de barro que toda criança do Nordeste compra nas feiras — únicos brinquedos das crianças pobres da região — ficaram de certo em meu espírito como que exigindo fosse estudá-los na idade adulta.

É evidente a influência do meio nos hábitos de vida e conseqüentemente na expressão dos sentimentos do povo, isto é, na arte popular, no folclore. A cerâmica popular não podia fugir a esta regra. Por isto antes de encarar o assunto, farei breve análise do aspecto geográfico da região, relatando a maneira de viver e de trabalhar dos ceramistas populares, para que se faça idéia conjunta do homem no seu meio. Só assim — acredito — poderemos compreender a cerâmica popular nordestina.

Pernambuco, em clima tropical, possui uma parte superúmida de florestas tropicais, mais populosa e outra semi-árida, das caatingas, de menor densidade demográfica.

Embora, em suas características gerais, se observe certa similaridade entre as peças de artesãos de uma e de outra zona, há sempre aspectos peculiares a cada área, seja costeira, seja do agreste.

Divide-se este trabalho em dois capítulos: ceramistas do agreste e ceramistas da zona litorânea. Estudando-os nas duas zonas geográficas, com intuito de orientação, agrupo os ceramistas sem pretensão de classificá-los, de acordo com a cidade ou vila que habitam.

Ao entregar este trabalho para publicação, sob o patrocínio do Centro de Pesquisas da U. B., agradeço a todos aqueles que concorreram para sua elaboração.

I — CERAMISTAS DA ZONA AGRESTE

O Meio

O AGRESTE PERNAMBUCANO fica na vertente oriental da Borborema. Corresponde à grande extensão do planalto que se ergue em encostas suaves

a 400 e 500 metros. Cristas, pequenos morros, serrotes pedregosos, elevam-se por toda a parte, separados pelos rios Ipojuca, Capibaribe e Una.

As cidades comunicam-se por rodovias e ferrovias, traçadas através dos vales, contornando as elevações. A disposição morfológica só é quebrada em sua simetria em Garanhuns, cujas cotas altimétricas atingem 850 a 1000 metros, simulando «um planalto sobre outro planalto».

O clima do agreste apresenta praticamente duas estações — o «inverno», tempo das chuvas, e o «verão», que compreende as épocas do estio. Os longos termos de estiagem ou seca, quando atingem o agreste, têm efeitos calamitosos sobre as atividades habituais econômicas da densa população.

A mudança de estação é nitida, pois a vinda das chuvas faz-se acompanhar imediatamente do revestimento vegetal.

Devido aos fatores que influenciam e determinam o clima, começa-se a ver, a partir do agreste, o grande domínio do tipo de vegetação denominado xerófitas, peculiar a quase todo o nordeste seco — a caatinga.

Consiste ela numa galharia seca, esparsa, densa em alguns lugares e mais escassa em outros.

No estio, o único verde no agreste é o do cactus «palmatória» (*Opuntia Monacantha, Haw*), mandacarus, facheiros e avelós, (*Ephorbia tirucalli, L.*)

Vejam os que diz sobre a caatinga o autor de *Os Sertões* — Euclides da Cunha :

Então, a travessia das verdades sertanejas é mais exaustiva que a de uma estepe nua.

Nesta, no menos, o viajante tem o desafogo de um horizonte largo e a perspectiva das planuras francas. Ao passo que a caatinga afoga; abrevia-lhe o olhar; agride-o e estontela-o; enlaca-o na trama espumescante e não o atral, repulsa-o com as folhas urticantes, com o espinho, com os gravetos estalados em lancax; e desdobra-se-lhe na frente léguas e léguas, imutável no aspecto desolado; árvores sem folhas, de galhos estorcidos e secos, revoltos, entrecruzados, apontando rijamente no espaço ou estirando-se flexuosos pelo solo, lembrando um bracejar imenso, de tortura, da flora agonizante.

Sua vegetação é pobre, constituída pelos chamados cajuis dos indígenas — os cajueiros anões (*Anacardium humites*), típicos das chapadas áridas, e por cambiras (*Bromelia laciniosa, Mart.*)

No agreste, ocorre a policultura e a tendência ao minifúndio.

A cultura do milho, do feijão e do algodão herbáceo, ao lado da criação de gado, constituem as atividades que, de maneira geral, se verificam praticamente em todos os municípios desta região, que nos últimos tempos tornou-se superpovoada.

Os processos rudimentares de cultura, a escassa produtividade da terra, a acanhada dimensão das propriedades e a alta densidade demográfica, impossibilitam a subsistência de seus habitantes, nos longos períodos de seca originando as grandes migrações.

O homem do agreste busca, então, trabalho nas áreas de industrialização e das fazendas de café, bem como nos grandes centros urbanos do sul do País (São Paulo, Paraná, Guanabara). Nas construções imobiliárias das metrópoles destes estados constata-se a presença da mão de obra nordestina.

Na construção de Brasília o nordestino constituiu muito como massa trabalhadora. A carência de mão-de-obra, face ao local e a rapidez com que se construiu a nova Capital, atraiu para esta grande leva de nordestinos em busca de trabalho.

O homem do nordeste só deixa sua terra quando não lhe é mais possível habitá-la e, mesmo assim, o faz a contragosto. É premido pelas grandes estiagens.

Grupos de retirantes superlotam caminhões e, em estado desolador, percorrem enormes extensões de estrada apoiados a corrimões improvisados. Lembra assim aves trepadoras seguras em seu poleiro, levadas por vendedores aos mercados, justificando a alcunha que os sulistas lhes dão: a de «paus-de-arara».

Como vivem os ceramistas populares

EM PESQUISAS DE CAMPO, realizadas durante os anos de 1959 a 1961, constatei que os ceramistas locais não vivem como a maioria do povo do interior nordestino, isto é, em casas de sapé, desprovidas dos mais rudimentares requisitos de conforto, saneamento etc. Suas habitações são de alvenaria e em geral habitam em casa própria. Em Caruaru, por exemplo, quase a totalidade dos ceramistas possui casa própria de alvenaria, cobertas com telhas de cerâmica.

Sua única fonte de rendimento é, praticamente, a venda de bonecos na feira da cidade, e um roçado que, no inverno, planta atrás da casa.

Daí se depreende a significação que, para a gente nordestina, tem o ceramista popular. O valor que lhe emprestam deve-se ao fato de verem em suas peças a expressão de suas vidas, a maneira de um grito de desabafo.

GRUPOS REGIONAIS

1, GRUPO DE CARUARU — Dados estatísticos — Relação dos Artesãos — Material, Técnicas Empregadas e Condições de Trabalho — Aspectos Plásticos — Vendagem.

CARUARU, LOCALIZADA NA FAIXA de transição do agreste, passando de lugarejo a vila, de vila a cidade, constituindo hoje grande centro comercial — do agreste é a segunda cidade do Estado de Pernambuco. Acusa uma população de 103.787 habitantes. O comércio é o segundo do Estado, com movimento de cerca de 350 estabelecimentos comerciais. Possui ligações elétricas, hotéis, cinemas, ambulatórios, hospitais, telefones e conta com 343 unidades escolares de ensino primário, geral e comercial, além de livrarias, tipografia, bibliotecas, jornais, rádio-emissoras. Mencionem-se ainda o Museu de Arte Popular

e as célebres feiras, realizadas às quartas e sábados, habitualmente frequentadas pelos ceramistas, e para as quais convergem vendedores da grande área limítrofe.

E Caruaru, que cresceu, vingou e floresce na bôca do sertão, não perdeu o gôsto das coisas folclóricas. Capital do agreste, apresenta nas suas feiras a cerâmica popular mais autêntica, bonita e variada.

Os artesãos de Caruaru moram numa vila dos arredores da cidade, chamada Alto do Moura, distante daquela seis quilômetros.

Alto do Moura registra uma população de, aproximadamente, 462 habitantes, distribuída em 162 casas, possuindo ainda duas escolas e seis estabelecimentos comerciais. É cortada pela estrada que vai para o alto sertão e que liga o nordeste ao centro do País.

Neste povoado residem cerca de 30 artesãos, liderados pelo mestre Vitalino e seus filhos: Manuel, Severino e Amaro, e seu sobrinho Miguel, que trabalha com êle desde 1950.

Relação dos artesãos de Caruaru

José Caboclo (1º aluno de Vitalino)	começou em 1947
José Rodrigues da Silva	> > 1948
Manuel Eudócio	> > 1949
Severino dos Anjos	> > 1950
Ernestina	> > 1954
Heleno Manuel	> > 1954
Manuel Antônio	> > 1955
João Ezequiel	> > 1956
Sebastião Ezequiel	> > 1957
Lauro Ezequiel	> > 1957
Amaro Rodrigues	> > 1957
Berenice da Silva	> > 1958
Nerine Maria	> > 1959
Maria Vitalino ¹	> > 1959

Conseguí encontrar fora do grupo, os seguintes artifices:

Regina Rodrigues — Faz bichinhos esmaltados de várias cores: Leões, girafas, burrinhos, bicicletas e gangorras; trabalha desde 1946.

Noemi Rodrigues — Seus trabalhos são cangaceiros à cavalo, soldados e os outros temas de sua irmã Regina; trabalha desde 1955.

Genival Luiz da Silva — Em 1955 contava 14 anos de idade e dizia trabalhar há 2 anos; atualmente é intermediário, juntamente com Maria, mãe de Manuel Antônio.

¹ Não é parente de Vitalino, porém usa êste nome por ser o de seu pai, e, atualmente, só se assina Vitalino, N.A.

Material, Técnicas Empregadas e Condições de Trabalho

AS TÉCNICAS EMPREGADAS são as mais rudimentares possíveis e seu emprego aparece generalizado em toda a região nordestina. Há artesãos que se afirmam conhecedores de mestrias especiais a respeito de técnicas de trabalho com o barro, chegando a classificar este último em vários tipos. Vitalino diz existirem 5 tipos diferentes de barro, no rio Ipojuca. Este conhecimento, se for real, é devido a sua grande prática de manusear aquela matéria-prima.

O barro retirado do rio Ipojuca é comprado por pessoas que o revendem ao artista, por 30 cruzeiros a carga, o que equivale mais ou menos a 5 latas de 10 quilos cada uma, entregue na casa do comprador.

Lá, depois de ser amaciado com «mão de pilão», durante aproximadamente meia hora, é colocado em um canto para «curtir», segundo expressão local.

Depois vão tirando fatias e formando o corpo dos bonecos, constituindo estas operações a primeira etapa do trabalho, efetuado geralmente na parte da manhã.

Fazem a modelagem da figura parceladamente, submetendo-a a uma orientação de acórdio com o tema que pretendem interpretar.

Em primeiro lugar é preparada a base em que vai ser colocada a peça. Separam alguns cilindros de barro, de diâmetro variável, para a confecção dos membros e do corpo, e uma bola para representar a cabeça. Em seguida, reúnem os vários segmentos, dando-lhes a posição pretendida, esboçando assim a figura que vão realizar.

Modelam logo após a cabeça, imprimindo nesta a expressão que desejam.

Do ponto de vista da proporção estética, a altura destas figuras em geral obedece a uma medida que abrange de 5 a 6 vezes o tamanho da cabeça.

Reservam a tarde para fazer a indumentária, que é superposta à figura idealizada.

Depois de alguns retoques finais, a obra é dada como acabada.

Vitalino declara não mais empregar estes métodos, usados pela maioria dos ceramistas. Diz que num punhado de barro vai modelando as formas que pretende para seu trabalho, sem que precise utilizar-se dos vários cilindros separados a que nos referimos atrás.

Devido à procura intensa de figuras, os artesãos estabeleceram um método prático de trabalho, a fim de satisfazer ao grande número de interessados, tentando assim realizar uma espécie de produção em maior escala. Isto fez com que a produção perdesse o valor qualitativo, passando ao quantitativo de interesses comerciais.

A capacidade produtiva dos ceramistas é bastante grande: bonecos pequenos (10 a 15 cm), 6 a 7 por dia; bonecos grandes (30 a 40 cm), 2 a 3 por dia;

Voltando a falar sobre o preparo do barro, direi agora as combinações que fazem. Misturam o mais compacto e gorduroso, de cor preta, com outro

mais seco, o amarelado (que eles chamam de mais fraco), pois isso evita que a louça rache ao ser levada ao forno. A percentagem da mistura é a de duas porções do fraco para uma do forte. Esta mistura é usada pela maioria dos ceramistas e oleiros do nordeste, com uma única exceção, a de José Rodrigues da Silva, que diz ter um preparo especial para o barro, de que constam três qualidades: branco (o fraco), preto (o forte), chamados geralmente de massapé, e o vermelho (das moringas e telhas das olarias). Para as peças grandes, o uso desta técnica é imprescindível, pois seria impossível o cozimento das mesmas, sem que salissem danificadas do forno. Note-se que até para os ceramistas eruditos a peça grande é motivo de muitas pesquisas e preocupações, usando-se composições químicas para que o barro resista à queima. E os resultados impressionam a todos nós, cientes destas dificuldades: encontramos em Caruaru peças de 1 metro de altura que vão ao forno e resistem muito bem, demonstrando assim a boa qualidade das espécies de barro da região e o apuro técnico, embora sem base científica, a que chegaram os artesãos.

Vitalino, inicialmente, valia-se de um artifício para evitar os prejuízos da quebra da peça pelo cozimento. Fazia em suas figuras maiores, principalmente bois, cujo corpo precisava ser fco, vários furos, depois aproveitados como decoração. Esses furos, geralmente usados em peças ócas, são encontrados até hoje na cerâmica popular ibérica. Foi uma técnica trazida para o Brasil pelos jesuítas e pelos portugueses oleiros.

Vale a pena constatar que, na cerâmica de nossos índios, esses furos não são encontrados, quer em peças de grandes proporções — sarcófagos, vasos tapajônios, ídolos etc., quer em peças pequenas. Conclui-se portanto a alta experiência de nossos índios e o conhecimento do material que empregavam. O mesmo aconteceu com os caboclos nordestinos que conquistaram, pela experiência, em alguns anos de trabalho, uma técnica que não mais usa os furos.

Atualmente já vemos peças grandes sem quaisquer vestígios de furos, devido à crescente experiência e apuro técnico dos artifices.

Esses experimentos os levaram a perder o método que haviam adquirido com os métodos portugueses. Assim, observei que, baseados nos ensinamentos manuais práticos dos oleiros, eles passaram a desenvolver técnicas próprias, aperfeiçoaram as primeiras e adaptaram-se ao material e às necessidades e vantagens oferecidas pela região.

Uma vez concluídas, as figuras são deixadas a secar durante um prazo de cinco dias conservadas dentro de casa, devido ao causticante calor da região.

Depois levam as peças ao forno — que ainda traz as características dos fornos portugueses, em pouco superiores aos usados pelos nossos índios.

Uma fornada consta de cerca de 150 bonecos, entre médios e pequenos.

As peças são arrumadas no forno, que depois de repleto é coberto com cacos de cerâmica de vários vasos, a fim de evitar a dispersão do calor.

O fogo, no princípio, deve ser lento (na gíria regional deve ser «manelo») e, depois, aumentado gradativamente, no espaço de seis horas, o que requer

uma vigília constante (é o chamado «caldeamento»), pois o aquecimento forte provoca rachaduras nos objetos. Faz-se uma fornada por semana, ou mais, caso se torne necessário.

Também no inverno, devido às chuvas e à umidade, só com muita sorte é que uma fornada sai com todas as peças inteiras.

A água é adquirida nas cisternas dos barreiros, sendo paga à razão de Cr\$ 10,00 por lata de 10 litros, e transportada por carregadores até a casa.

No inverno é grátis, pois as cisternas de cada casa, devido ao aproveitamento das águas pluviais que descem do telhado, encontram-se cheias.

A lenha também é comprada, ao preço aproximadamente de 350 cruzeiros uma porção (1 metro cúbico), e conduzida no dorso de muare.

Material usado no desenvolvimento dos trabalhos: — Um pau grosso, com que se ocam os bois ou peças maiores. Espátulas curvas muito rústicas, um queicé com que são feitos os riscos da decoração final: cabelos, barbas, e desenhos nas indumentárias. A maior ferramenta usada é uma lâmina de ferro que serve para cortar e raspar as placas e onde estão colocadas as figuras depois de modeladas. Assinale-se o emprego de penas de escrever para a decoração dos arreios e, finalmente, o uso do dedo umedecido para o alisamento das peças.

Aspectos Plásticos

NO COMEÇO DA ARTE POPULAR a admiração pela cultura do homem branco colonizador impregnou os trabalhos de nossos ceramistas, embora não se possa desprezar a forte contribuição da cerâmica indígena.

Isolados no sertão, pouco a pouco perderam nossos artifices as influências alienígenas, fator importante na formação de seu artesanato, e foram impregnando-se do ambiente agreste: terra, clima, condições de vida, hábitos.

Sente-se, na obra dos ceramistas, o povo nordestino do agreste, sua miséria, suas doenças, sua mística, seus costumes tradicionais folclóricos, liberando sua plástica da inicial influência portuguesa.

As influências estrangeiras na cerâmica popular morreram em Caruaru a medida que Vitalino se tornava conhecido, o que se deu por volta de 1935, segundo seu depoimento: «Foi por esta data que começaram a gostar de meus trabalhos».

Inicialmente, fazia ele miniaturas de burrinhos e de louça utilitária (ergológica) com as sobras de barro tiradas do trabalho de sua mãe, que era oleira.

Desde menino então — Vitalino Pereira dos Santos, nascido em 1909* — já trabalhava em cerâmica. Chama ele para si a introdução deste novo gênero

* Faleceu a 21 de janeiro de 1963.

de arte naquela região. A princípio não gostava dos admiradores do Alto do Moura que, observando-o a trabalhar, e mesmo, ajudando-o como aprendizes, pouco a pouco se tornaram independentes e atualmente lhe fazem concorrência na feira local. Hoje, entretanto, Vitalino não se preocupa com seus competidores. Sente-se feliz como um mestre que criou uma Escola.

Depois do sucesso das figuras isoladas, vem a segunda fase: a das peças de grupos de figuras (composição). É aqui que se nota o aparecimento de grupos em temas populares (principalmente em cerâmica). Hoje, além deles, os únicos a confeccioná-los são os índios Carajás.

Em 1930, Vitalino iniciou a elaboração de peças representativas de grupos. René Ribeiro diz em seu livro *Vitalino, um ceramista popular nordestino*, repetindo as próprias palavras do artista, o seguinte: «O primeiro meu fabrico de trabalho adespois que estava exercitado [ele bem reconhece sua fase de aprendizado artesanal] foi os soldados». E continua detalhando: «tinha muito soldado aqui em Caruaru e eu achei muito bonita aquela revolta na Paraíba [trata-se do incidente de Princesa]. Eu nunca tinha visto aquêle exército, e achei bonito. *Bati mão* no barro e fiz os grupos de soldado e trouxe p'ra feira».

«A aceitação foi imediata, e mostra, da parte dele, um oportunismo digno de nota.»

A característica principal de suas figuras são os olhos representados com bolinhas de barro pintadas de branco, com um ponto (iris) preto ao centro, sobresaindo no resto da peça, em que não aparece nenhuma outra pintura. Seus seguidores também usam essa

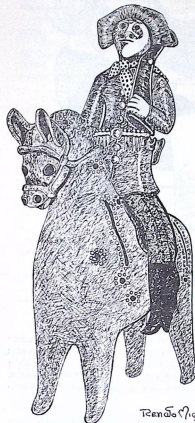


Fig. 1 — Lampião a cavalo, 1ª fase de Vitalino. Dimensões: 30 cm de altura, Local: Vila Alto do Moura, Caruaru, PE.

mesma técnica.

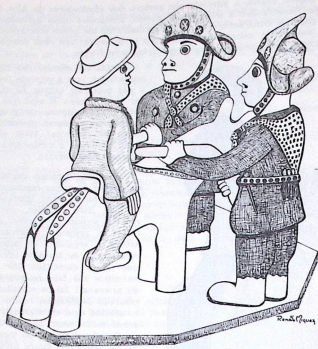


Fig. 2 — Cangaceiros assaltando usineiro. 2ª fase de Vitalino. Dimensões: 18 x 18 cm. Local: Vila Alto do Moura, Caruaru, PE.

Em vista da quase total diferenciação entre seus trabalhos e o dos demais artesãos, «um doutor do Recife», segundo ele, deu-lhe idéia de colocar naqueles as suas iniciais, sendo que, mais tarde, passou a usar o nome por extenso. Esta idéia não só foi aceita por Vitalino, como também pelos outros concorrentes. Como é analfabeto, mandou fazer um carimbo, com o qual imprime seu nome sob a peça.

Hoje, os ceramistas de Caruaru executam trabalhos sobre temas que foram, em sua maioria, idealizados pelo Mestre. Contudo, há outros que fogem totalmente dos motivos criados por Vitalino, deixando a imitação para dar largas à imaginação criadora. Notei, quando de minha última viagem de pesquisas pelo interior de Pernambuco, que já não são tão repetidos os temas e, portanto, há certa heterogeneidade na produção artesanal.

Motivou tal fato a criação do Museu de Arte Popular de Caruaru, obra do prefeito João Lyra Filho. Isto constituiu um incentivo para os ceramistas, um despertar de interesse e, conseqüentemente, desejo de fugir da cópia.

João Lyra Filho, homem de realização e trabalho, muito contribuiu para o progresso desta Arte Popular, com a colaboração de Abelardo Rodrigues. Resta manter essa orientação sempre num mesmo nível para evitar que, do apogeu, não se chegue a um rápido declínio.

O museu pretende manter, na praça onde está situado, barraquinhas destinadas exclusivamente à venda de peças dos artesãos de Caruaru.

Existe um interesse sociológico muito grande pelo trabalho dos artesãos de Caruaru, cujos temas retratam a vida e o ambiente dos nordestinos brasileiros, os seus problemas sociais, as suas festas folclóricas e as estórias de nossos índios.

Cito, como exemplo: *Os Cangaceiros, Peixeiro, Lampião a cavalo, Retirantes, Casa de Farinha, Casamento no Mato, Vaquejada, Muié depois de ter o fio, Entérro na rede, Negro atirando nas onças, Doutor escutando doente, Ladrão do bode, Operação cirúrgica, Advogado, Muié ralando mio, Muié apanhando carolé, Cachorro brigando com Teju, Cachorro puzando a peba, Tirador de leite, etc.*, motivos comuns a todos os artesãos do grupo.

A fama de Vitalino, depois de sua descoberta pelos intelectuais locais e da Capital, correu mundo, chegando a ser agraciado com a Medalha Sílvio Romero, um dos primeiros folcloristas brasileiros.



Fig. 3 — Rei e Rainha do Maracatu. Três figuras de um grupo de 35 figurantes. Autor: José Caboclo. Dimensões: 15 cm de altura. Local: Vila Alto do Moura, Caruaru, PE.

Modificando-se, recebendo conselhos de uns e de outros, sua cerâmica perdeu aquele espírito ingênuo, e passou diretamente para outro plano, visando em primeiro lugar o valor da peça para o comércio, o que muitos estudiosos classificam como decadência. A mim, pessoalmente, não agrada a comercialização da sua arte. Vitalino não é mais um artesão popular puro, bem como todos os de seu grupo, que carecerizam hoje um novo período na cerâmica popular nordestina.

Há artesãos que começam a se distinguir do grupo de Vitalino, criando um estilo próprio, como é o caso de Severino dos Anjos, com seus Cangaceiros (de quase um metro de altura), metade jarro, metade figura, e com suas galinhas de tamanho natural e outras características que o vão afastando completamente do espírito inicial da obra do Mestre.



em José Rodrigues

Fig. 4 — São José Itinerante. Autor: José Rodrigues da Silva. Dimensões: 60 cm. Local: Vila Alto do Moura, Caruaru, PE.

Nota-se outra modificação sensível nos trabalhos do primeiro aluno de Vitalino, Zé Caboclo, em especial nas suas maringas antropomorfas, com o chapéu a servir de tampa, e seus galos de pés de arame.

Além destes, José Rodrigues da Silva, com suas peças de caráter religioso, da crendice matuta, rompe quase totalmente os laços que o unem às características da obra de Vitalino, cujas criações, antigamente, quase não se podiam distinguir das de seus alunos, tal a semelhança existente entre elas, não só nos temas, como nas técnicas.

Consideremos, por fim, os artistas anônimos, que povoam as feiras com seus trabalhos, vendidos como brinquedo para as crianças locais. Percebe-se ainda, em algumas destas peças, fortes características de influência portuguesa e qualidades folclóricas ainda puras. Daí a aceitação que experimentam por parte dos colecionadores e dos estudiosos deste assunto.

Na decoração, porém, verificou-se certa decadência. Inicialmente Vitalino lhe conferia grande importância pintando, esmaltando suas peças com cores quentes: azulão, marrom, vermelho, a contrastar com um fundo de tonalidades claras.

No preparo de suas tintas, feitas no começo por ele próprio, misturava corantes em pó ao breu dissolvido em querosene. Antes, porém, usava taurá, dando uma tinta vermelha e conseguindo o brilho pela fricção do caroço de mucunã, uma oleaginosa (*Delichea pruziens*, Linneu). Passou depois a utilizar os corantes com breu e, em seguida, os esmaltes (preparados comerciais).

Pintava as figuras, contornando sempre os furos, a cujas finalidades técnicas já aludimos, ou colorindo outras partes para completar a decoração.

Nas figuras humanas, aproveitava a pintura para decorar a indumentária. Bom observador, distinguia, através do colorido, as várias fardas militares das corporações que desejava representar. Na pintura, a sua característica era o contraste das cores. Isto é claramente verificável na peça *Negro atirando nas onças*, a cor negra do homem destacando-se de sua indumentária branca, enquanto que as onças obedecem ao padrão cromático realista.

De 15 anos para cá, deixou, por sugestão de terceiros, de pintar suas peças. A tinta, só a usa para os olhos das figuras, que chamam atenção à simples visão do conjunto.

Seus alunos seguiram a mesma orientação. Só agora vemos, em peças de Zé Caboclo e Severino dos Anjos, o retorno à pintura como decoração.

Já os anônimos com inúmeros trabalhos, sem a urgência para o acabamento de suas peças, enchem a feira de Caruaru com produções coloridas.

Fazendo uma ressalva, pois fugirei ao assunto, mas simplesmente a título de notificação para salientar o gosto pela pintura que acusam os trabalhos populares nordestinos, cito um fato que parece apoiar este pensamento.

Na feira de Caruaru encontram-se brinquedos feitos de madeira recortada, e pintados, com uma decoração rica, tipicamente popular. Exemplo: um brinquedo de quatro rodas, sendo as traseiras bem maiores que as dianteiras,



em José Rodrigues

Fig. 5 — Galinha. Autor: Severino dos Anjos. Dimensões: 35 cm. Local: Vila Alto do Moura, Caruaru, PE.



Fig. 6 — Pombal, brinquedo de feira. Autor anônimo (não faz parte do grupo liderado por Vitalino), Caruaru, PE.

servindo estas de suporte para uma placa, onde figuram um pássaro puxando uma sereia com seu leque (Iemanjá), sobre um círculo, e contornada por cinco cavalinhos. Outra peça, também de madeira recortada, representa um homem conduzindo uma carroça puxada por um cavalo, apoiada numa base de quatro rodas. As dianteiras são ligadas por um arame aos braços do carroceiro, que as faz mover à medida que o brinquedo é puxado. O conjunto é decorado com um colorido muito rico, desenhos de linhas geométricas e flôres, sempre estabelecendo contrastes.

Além da pintura, servem-se os ceramistas, na sua decoração, de ranhuras ou pequenos relevos superpostos, executando por vezes desenhos que são reproduções reais de motivos usados nos trajes típicos dos cangaceiros e vaqueiros,

e, em particular, da estrela de David, tão do agrado como adorno dos chapéus de couro, resquício talvez da influência judaica no nordeste, principalmente em Pernambuco. No seu livro *Etnias e Culturas no Brasil*, diz Manuel Diégues Júnior: «No século XVII os judeus começaram a entrar em maiores proporções no Brasil, já em grupos. O domínio holandês, onde estava ausente o Santo Ofício, facilitou essa entrada em grupos. Com a expulsão dos holandeses dispersaram-se os judeus; uns saíram para Amsterdã, outros para as Antilhas, a América do Norte (New York, Filadélfia) e outros pontos. Muitos, entretanto, permaneceram no Brasil, embora perseguidos, escondendo-se, até que o Marquês de Pombal acabou com a separação e proibiu as perseguições.»

Vendagem

A VENDAGEM É FEITA diretamente do artista ao comprador. O custo dos objetos varia, dependendo do grau de popularidade do autor, e do tamanho das peças. Outro fator que geralmente leva os artistas à feira é a procura que lhes fazem não só a imprensa mas também folcloristas, turistas etc. Muito sollicitamente, respondem às perguntas feitas, denotando já a prática e desembaraço ao discorrer sobre sua arte. Gostam de ser fotografados e, às vezes, em suas respostas, entram em controvérsia uns com os outros.

O custo das peças varia de 25 cruzeiros (as pequenas) a 400 ou 500 cruzeiros, havendo algumas grandes, que alcançam altos preços, ultrapassando, às vezes, a mil cruzeiros. Entre as mais custosas, incluem-se os conjuntos de danças folclóricas, que vão de 21 a 28 peças, como no caso do Maracatu, e do Reisado, pelos quais se pagam 3 mil cruzeiros, sem pintura, e 4 mil, pintados¹.

Vitalino, por exemplo, está fazendo agora², por encomenda, bols de quase um metro de altura, por 3 mil cruzeiros. O preço de seus grupos tem por base 500 cruzeiros, e todas as peças, quer sejam feitas por ele, por seus filhos ou sobrinhos, levam o mesmo carimbo com o seu nome.

Vitalino e seu grupo instalam-se em bancadas, na feira, para exposição e vendagem de seus trabalhos, ocupando os ceramistas uma disposição peculiar, que obedece a uma espécie de hierarquia. O próprio Vitalino vem encabeçando a série, seguido de seus filhos e discípulos mais antigos.

Pela situação destacada a que chegou, contrasta com os ceramistas anônimos, sem tabuleiro, que vendem seus inúmeros trabalhos espalhados pelo chão como são expostos os congêneres em todas as feiras nordestinas.

Ainda há a vendagem feita por intermediários na própria feira, nos mercados das cidades do Estado e nas lojas de *souvenirs*, de todo o país, onde as peças são vendidas por preços exorbitantes.

2, GARANHUNS — Dados Estatísticos — Conclusões.

GARANHUNS, situada a 247 Kms de Recife — população 101.471 habitantes (censo de 1950) — Culturas de milho, feijão, mandioca, café, etc. Ligações: Estrada de Ferro (Rêde Ferroviária do Nordeste) — Estradas de Rodagem — Possui 6 Bibliotecas e 3 jornais semanais.

Situada no maciço mais alto da Borborema, Garanhuns apresenta uma paisagem diferente, pois um clima frio e úmido propicia o aparecimento de uma vegetação menos hostil.

Pela grande afluência de turistas, dadas as excelentes condições climáticas que a tornam cidade de veraneio e convalescência, Garanhuns apresenta uma feira rica em obras de cerâmica popular.

Na estética, na técnica e no sistema de vendagem os artistas



Fig. 7 — Lambreta, brinquedo de feira. Autor anônimo, Garanhuns, PE.

¹ Preços vigentes em 1959/61.

² Refiro-me sempre à época da pesquisa, 1959/61.

locais não apresentam características próprias. Repetem-se os temas, os cores e apresentação dos ceramistas anônimos de Caruaru, mas, ao contrário de todas as demais feiras das cidades do agreste, as figuras vendidas em Garanhuns são aí mesmo produzidas. Nas outras cidades, negocia-se com figuras vindas de Caruaru.

3, **CANHOTINHO** — *Dados Estatísticos — Análise de uma cerâmica popular extinta.*

PRODUÇÃO: CAFÉ, CANA de açúcar, mandioca, milho e feijão. Sua população é de 34.135 habitantes. Cortada pela Estrada de Ferro (Rêde Ferroviária do Nordeste) e Estrada de Rodagem.

A cidade de Canhotinho fica situada no agreste e está sujeita às mesmas características geográficas da região, a qual pertence, encontrando-se porém incluída no polígono das secas.

Existiu aí um predecessor de Vitalino, um ceramista popular chamado *Porfírio Faustino*, descoberto por artistas e intelectuais como Lula Cardoso Ayres, D. Gerardo Martins e Benício Atley Dias.

Por intermédio deste último, obtive informações e peças que vieram possibilitar as considerações do presente trabalho.

Porfírio Faustino fazia seus bonecos utilizando barro das redondezas que, para René Ribeiro, em trabalho já anteriormente citado, era branco. Não concordo com esta idéia, pois sou da opinião de que o barro se torna branco depois de cozido, constituindo antes disso o massapé cinza escuro, muito comum nesta região.

Confirmando minha suposição, recorde a historieta corrente no Estado de Alagoas, vizinho ao de Pernambuco, a respeito de Lampião, o cangaceiro que ali imperou de 1925 a 1938, aproximadamente. Tal foi o poderio deste cangaceiro que, até hoje, conta-se a seu respeito, além de fatos verdadeiros, uma série de mitos e lendas, acrescida dia a dia pelos contadores de estórias do sertão. Dizem que Lampião ao chegar a Arapiraca, cidade do interior alagoano,



Fig. 8 — *Figurante de uma dança folclórica. Autor: Porfírio Faustino. Canhotinho, PE.*

viu o telhado alvo do casario e resolveu dali obter muito lucro, pensando que a população local fôsse muito rica, pois tinha dinheiro até para pintar de branco a cobertura das casas. Vemos aí referência à tonalidade clara que as telhas, feitas com aquele barro, adquiriam depois de cozidas.

Porfírio Faustino pintava seus bichinhos de cores suaves, aplicando as tintas com o próprio dedo. Seus tons prediletos eram o cinza esverdeado, o amarelo jerimum (abóbora), o amarelo claro e o vermelho.

As tintas empregadas por ele deviam ser anilinas ou corantes naturais. Não usava esmaltes industrializados.

Suas peças são belíssimas. Fazia figuras alusivas a danças folclóricas e carnavalescas, como o entrudo, em que podemos ver O Cabeção, Os Palhaços, etc.

Seus filhos o ajudavam, juntamente com sua mulher, a confeccionar também louça utilitária doméstica, da qual viviam. A parte de bonecos, porém, era feita somente por ele, extinguindo-se após sua morte.

Ao preparar o barro, peneirava-o antes, para só depois molhá-lo e machucá-lo, até torná-lo maleável para o trabalho.

Benício Atley Dias conta que, numa de suas peças, um «casamento», se pode ver até a figura de um engenheiro (que lá se achava naquela época edificando uma ponte sobre um rio da região) ao lado da esposa, podendo as duas figuras ser facilmente diferenciadas das outras, pelo traje, contrastando com as vestes dos habitantes locais.

Porfírio Faustino morreu em 1943.

Somente agora começam a ser realizados estudos sobre os artistas populares do nordeste, razão pela qual não se pode ainda precisar claramente as fases e alterações que as influências da cerâmica portuguesa, ou outras, sofreram em sua trajetória do litoral até estes centros do interior.

4, **LIMOEIRO** — *Dados Estatísticos.*

DISTA DO RECIFE 87 Kms. — População de 76.527 habitantes (censo de 1950) — Cortado pela Rêde Ferroviária do Nordeste e Estrada Rodoviária asfaltada. — Possui Biblioteca Municipal.

Verificam-se aí circunstâncias idênticas às de Garanhuns. O que há são apenas realizações de artistas anônimos, caracterizados por uma pureza muito grande. Contudo diferem, na forma, dos outros lugares, assim como no colori-

do, apresentado em manchas, feitas com o dedo, em várias partes do corpo dos burrinhos. As cores usadas são marrom, preto, verde e rosa. Em geral são repetidas, contrastando apenas com a tonalidade do barro. O verde e o rosa, que utilizam combinados, denotam pureza na escolha do corido, pois ambos são cores primitivas.

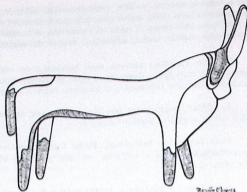


Fig. 9 — Burrinho, brinquedo de feira. Autor anônimo. Limoeiro, PE.

A vendagem é feita em geral na feira local ou no mercado do Recife, à média de 10 a 15 cruzeiros por peça.

II. CERAMISTAS DA ZONA LITORÂNEA

Noções Geográficas

DO PONTO DE VISTA GEOGRÁFICO, podemos dividir esta região em duas partes: litoral e tabuleiros, que constituem a *Região Litorânea* e a zona úmida ou zona da mata, ou *Região Canaveieira*.

O mar, além de ser elemento de paisagem, faz sentir também sua influência na caracterização lírica e humana da região litorânea.

Os terrenos recentes, de que se constitui o relevo, caracterizam a área através de dois aspectos morfológicos, que a subdividem em subzonas: a planície litorânea e os tabuleiros.

Ao longo da linha costeira estão os recifes (formações areníticas ou calcáreas), que se alinham em franja. Estas formações, no entanto, não se apresentam de forma contínua.

A planície litorânea, constituída por terrenos arenosos, tem largura variável: pode abranger uma extensa faixa ou mesmo não aparecer nos lugares em que os tabuleiros atingem o mar.

Após a planície litorânea, em direção ao interior, aparecem as barreiras (paredões que constituem a encosta dos tabuleiros). Os tabuleiros têm suas altitudes aumentadas até de 200 metros a medida que avança para o interior.

A região canaveieira surge a oeste da planície litorânea analisada anteriormente. A paisagem, nesta região, caracteriza-se por colinas de pequeno porte e de encostas suaves. As altitudes assinaladas não diferem muito das do litoral. As cotas altimétricas só acusam maiores dimensões se atingem a Borborema, onde não raro ultrapassa os 200 metros.

A Borborema, disposta em posição paralela ao litoral, apresenta, na base da escarpa, características da zona canaveieira, mas, no planalto propriamente dito, as condições têm características de agreste.

Na região litorânea a vegetação é rasteira ou constituída por arbustos e árvores de pequeno porte. As espécies vegetais características são o coqueiro e o cajueiro; os primeiros surgem nas faixas de terras mais próximas ao mar, pela necessidade de água, enquanto os últimos aparecem à sua retaguarda. No litoral pode ocorrer ainda outra formação vegetal, não se apresenta de forma contínua na paisagem, constituída por variedade de árvores frutíferas (mangueiras, laranjeiras, abacateiros) ou pequenos roçados (batata, inhame, macaxeira).

Na região canaveieira, faixa contínua desde a Paraíba até Sergipe, certos fatores de clima (umidade e temperatura) e de solo (massapé) tornaram-na uma das principais zonas de cultivo de cana-de-açúcar de nosso país.

Esta região, também chamada zona da mata, deve esta denominação à exuberante floresta tropical que nela existia nos primórdios da colonização, quando a cultura canaveieira ainda não ocupava grandes extensões de terra. A expansão desta cultura, desde essa época até nossos dias, forçou a derrubada da mata. Atualmente, o uso do termo — zona da mata — representa apenas a tradição, uma vez que as florestas encontram-se reduzidas «a testemunhos nos topos das colinas».

Aspectos Econômicos

A PAISAGEM LITORÂNEA CARACTERIZA-SE pela presença da jangada que traduz uma atividade econômica do litoral — a pesca. As embarcações rústicas, após a pesca, são deixadas a secar sobre troncos de coqueiros, arrumadas lado a lado, ao longo das praias.

Diz Câmara Cascudo no seu livro *Jangada*: «Quando se volta da Europa de avião, um arripio sacode os nervos divisoando as jangadas n'águas trêmulas no mar, sem que se aviste terra do Brasil. Prolongam na imensidão atlântica o trabalho nacional, anônimo e coletivo, estendendo pelo mar inquieto a faina do esforço, diário e tenaz».

Naturalmente surgem anedotas consagradoras deste destemor. Rachel de Queiroz narra a seguinte: «Vinha um navio inglês em mar alto quando de bordo se avistou uma jangada. Pensaram naturalmente que eram naufragos, agarrados àquela balsa rude. Pararam, atiraram uma linha, gritaram coisas em inglês. Os jangadeiros apanharam a corda sem entender.

Que será que eles querem, compadre? Até que o mestre da jangada pensou, sorriu, interpretou:

— Acho que eles estão querendo é reboque.»

De duração muito curta a jangada (8 meses a 1 ano) não serve para a pesca no inverno, quando o vento sopra da terra para o mar. Ressente-se disto o jangadeiro, que não consegue elevar seu nível de vida, sempre trabalhando para terceiros.

O mesmo baixo nível de vida se nota entre os que trabalham no cultivo da terra.

Os coqueiros — assim como os cajueiros — são cultivados num sistema latifundiário que provoca enormes desajustamentos econômico-sociais.

Nas zonas da mata o latifúndio vigora em função de duas classes sociais: de um lado a dos fazendeiros ou usineiros (geralmente este último é possuidor de enormes extensões de terra) e de outro a dos lavradores e trabalhadores das usinas de açúcar.

Estas classes datam do estabelecimento da cultura canieira do Nordeste (século XV). Não existe classe intermediária. Por isso acentua-se muito o des-nivelamento econômico entre a classe de proprietários e a de trabalhadores, o que agrava mais ainda os problemas sociais da região. Entre fazendeiros e usineiros de um lado e trabalhadores dos campos e das usinas de outro, há grande distinção: os primeiros retêm o capital e fazem seus gastos fora da área nordestina, enquanto que a massa trabalhadora contribui com o trabalho e, por falta de boa remuneração, leva uma vida miserável. Todavia, os trabalhadores, pela conservação e transmissão da cultura popular sob este ponto de vista, representam muito mais o nordeste do que a classe dominante e enriquecida.

Alguns deles encontram na cerâmica uma atividade subsidiária, em que se ocupam nas horas de folga, sendo sua subsistência garantida pelo exercício de outros misteres.

Nas cidades de Tracunhaém, por exemplo, não têm casa própria e pagam alugueis exorbitantes. O barro, comprado mais caro, varia de preço conforme o local onde é adquirido. Adiante, entraremos em maiores detalhes a este respeito, na parte referente às técnicas usadas pelos ceramistas.

Temos também que considerar o tipo de vida dos artesãos que vivem na capital do Estado (Recife), já adaptados às dificuldades e facilidades de habitantes de grande centro urbano.

Não havendo, portanto, unidade no conjunto, subdividirei os ceramistas em grupos, baseando-me para tal nas cidades ou vilas por eles habitadas.

5. GRUPO DE TRACUNHAÉM

TRACUNHAÉM, VILA SITUADA perto de cidades importantes como Nazaré da Mata e Carpina, cortada por estrada de ferro e de rodagem, possui cerca de 1.243 habitantes, 271 habitações, 4 escolas e alguns estabelecimentos comerciais.

Existem aí 10 olarias de louça ergológica — telhas, tijolos, maringas, filtros etc. A atividade oleira é, pois, uma das importantes do lugar. Nesta vila encontramos uma família de artesãos que se dedica à feitura de bonecos e miniaturas de louça utilitária, liderada por Severino Gomes de Freitas.

Relação dos artesãos de TRACUNHAÉM:

Severino Gomes de Freitas

Lídia Vieira

José Antônio Vieira

Regina Vieira

Lulz Vieira

Os dois últimos modelam apenas burrinhos, tatus e bichinhos em geral para as feiras.

Severino trabalha fazendo bonecos há uns doze ou treze anos. Antes confeccionava louça utilitária em uma das olarias locais.

Casado com Lídia Vieira, também ceramista, dedicada aos temas religiosos, não sabe dizer por que se tornou artesão de cerâmica popular. Talvez houvesse



Βενδο (Βενδο)

Fig. 10 — Beato. Autor: Severino Gomes de Freitas. Dimensões: 22 cm. Tracunhaém, Município de Nazaré da Mata, PE.

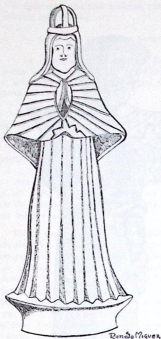


Fig. 11 — Santa. Autora: Lídia Vieira (mulher de Severino Gomes de Freitas). Dimensões: 20 cm. Tracunhaém, Mun. Nazaré da Mata, PE.

Aspectos Plásticos

SEVERINO TRABALHA EM PEÇAS grandes, de 30 a 50 centímetros. Geralmente só faz «machos»: santos, frades e beatos. Antes, realizava por encomenda o tema que o freguês quisesse, de preferência regional. Gostava de fazer animais. Suas características estão na estética. A execução da peça ocorre na modelagem do conjunto e não por superposição de segmentos, como se observa em Caruaru. Só usa a superposição em alguns detalhes de panejamento. Não se prende à divisão da figura em partes, talvez devido a sua antiga profissão de oleiro e a concepção prévia da peça que o torno obriga. De oleiro a ceramista, talvez tenha lucrado esta experiência.

sufrido a influência de sua mulher, cuja família trabalha em miniaturas de louças e bichinhos, vendendo-as nas feiras da vizinhança.

Descobrimo valor artístico nas obras de Severino, Abelardo Rodrigues monopolizou toda a sua produção. Atualmente, porém, Severino vende suas peças diretamente a qualquer um que as deseje, cobrando para mais de 400 cruzeiros a unidade.

As técnicas empregadas não diferem das de Caruaru. Os mesmos fornos primitivos, as mesmas características de seleção do tipo de barro, as mesmas técnicas de miscigenação do barro fraco com o forte, nas mesmas proporções, geralmente, para obter maior compensação em cada fornada, evitando-se a quebra de peças durante o cozimento.

Encontra-se porém uma característica toda especial no trabalho dos artesãos de Tracunhaém. É o vidramento das peças, que é obtido pintando-as com zarcão, antes de levá-las ao forno. Isto, além de torná-las vidradas, empresta-lhes tonalidades vermelhas (alaranjado) ou esverdeadas.

Analisando suas peças, sente-se a importância que dá atualmente ao planejamento, não só em seus detalhes mas para a composição da própria forma da peça a partir do seu esboço. Foge à representação anatômica da figura dos membros, só representa a parte inferior dos braços e das mãos; as pernas, raramente faz. Exemplo: beato. Para isto seus temas místicos (santos, frades, beatos) contribuem.

Inicialmente talvez não trabalhasse assim, pelo que pude observar em peças mais antigas, datadas de alguns anos atrás, e que se encontram em poder de particulares.

Na decoração enriquece a superfície com riscos e dobras formando círculos, zigzagues, ondulosos, o que dá personalidade a seu trabalho. Os olhos aparecem completamente furados, no que difere de seus congêneres de Caruaru, que fazem olhos de sementes ou de contas superpostas.

Quando retrata frades, representa a barba em relêvo, e não por incisões, e modula os cabelos, indicando-os em forma de mechas ou cachos.

Lídia, às vêzes, traça os olhos com riscos, e gosta de decorar suas peças usando furinhos, formando círculos, acompanhando as dobras e quedas do panejamento. Ela só compõe «Muié» (mulheres), santas, beatas, escapando destes motivos com um único tema, que é o crucificado, decorando a cruz com várias linhas geométricas. Suas peças, em geral, tomam a forma de cones, pois o panejamento desce até o final da figura que retrata, e fecha a parte inferior — nunca deixando aberturas.

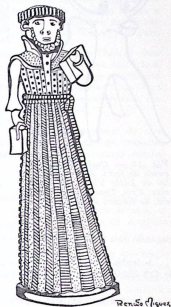


Fig. 12 — Frade. Autor: José Antônio Vieira (irmão de Lídia Vieira). Dimensões: 40 cm. Tracunhaém, Município de Nazaré da Mata, PE.

Além das peças anteriormente citadas, faz também galinhas, cujo aspecto torna características extravagantes: o corpo trai sua feitura no tórno, assemelhando-se a uma moringa sem o gargalo, toda fechada. Também lembra os mealheiros em forma de pinhão. Ao corpo são aplicados os pés, as asas, pequenos e parecendo duas folhas simples; o pescoço e a cabeça também pequenos não estão em proporção ao corpo.

Há também os ceramistas anônimos, que espalham sua produção pelas feiras locais e até mesmo nas de Recife. Só produzem peças vitradas. Os temas são burrinhos, bois, carneiros, tatus, galinhas, cachorros sentados, figuras femininas com o corpo em formato de sino e finalmente homens a cavalo.

As peças são pequenas, medindo de 7 a 10 centímetros, e os homens a cavalo medindo aproximadamente 15 centímetros, não sendo produzidas figuras em grupos.



Fig. 13 — Cachorro, brinquedo de feira. Autor: família de Lídia Vieira, Dimensões: 8 cm, Tracunhaém, Município de Nazaré da Mata, PE.

Entre os anônimos localizamos uma irmã de Lídia Vieira, que também colabora nestas produções para feiras, não com bichinhos mas com miniatura de louça utilitária. Chama-se a *Regina Vieira* e trabalha com um sobrinho, *Luiz Vieira*.

Vendagem

SEVERINO, ÚLTIMAMENTE, dedica-se à labo-
ra, onde trabalha das 6 às 17 horas, com
a diária de Cr\$ 100,00, fazendo bonecos so-
mente na parte da noite, domingos e feriados.
Por este motivo sua produção é pequena.

José Antônio Vieira, para atender a pro-
cura por parte de museus, colecionadores e
turistas, aumentou sua produção.

O barro de Severino e de Lídia vem da
Fazenda de Santa Cruz, Município de Carpina,
pagando eles Cr\$ 50,00 por carga de dois caixotes recebidos em casa.

A lenha usada para o cozimento das peças é também comprada a razão
de Cr\$ 350,00, quantidade equivalente a mais ou menos 1 metro cúbico.

A água é retirada dos açudes «Fundão» e «Velho».

Já o barro de José Antônio Vieira vem de Tijipió, arrabalde de Recife,
para a olaria onde trabalha. Ai, certamente, adquire a quantidade necessária
para seu uso particular.

Severino vende seus trabalhos ao preço mínimo de Cr\$ 500,00, enquanto
Lídia Vieira cobra de Cr\$ 250,00 a Cr\$ 300,00 e José Antônio Vieira de Cr\$ 50,00
a Cr\$200,00 por peça. Os anônimos vendem à razão de Cr\$ 15,00 a Cr\$ 25,00
por peça.

Severino, Lídia e José Antônio fazem seus trabalhos por encomendas, con-
trastando com os anônimos, que oferecem sua produção nas feiras locais, nas
cidades vizinhas e até mesmo nas de Recife, na feira permanente do Cais de
Santa Rita, na de Afogados de Ingazeira, sendo que nas primeiras direta-
mente ao comprador, e, nas demais através de intermediários.

6, GOIANA — Dados Estatísticos.

CIDADE CENTENÁRIA DO ESTADO de Pernambuco, atualmente decadente,
ostenta seu casario e igrejas barrocas de 400 anos. Tem cerca de 4.000 moradias
e sua população é de 19.000 habitantes (censo de 1950). Possui 43 escolas, 260
estabelecimentos comerciais, 15 distritos municipais, 7 igrejas barrocas do
século XVII, uma das quais é museu. Cortada pela estrada que liga Recife a
João Pessoa (capital do Estado da Paraíba) é parada obrigatória das linhas
de ônibus entre as duas capitais. A estrada de concreto é das melhores do País.

Ai residem vários ceramistas. Quem lidera este grupo é *Theófilo Dias
Neves* (Doca), que não podemos incluir entre os grupos populares folclóricos,
pois suas peças apresentam técnicas e detalhes mais eruditos que folclóricos.
Embora negue possuir conhecimentos técnicos, deixa transparecer nas suas
obras um sentimento de noções estéticas preestabelecidas e reproduz com rea-
lismo as formas, o que não são características do homem-folk.

Quero deixar aqui bem claro que não se trata absolutamente de uma
diferenciação à base de nível de inteligência e sim na execução do trabalho.
O popular trabalha com ingenuidade, e espontaneidade, sem procurar compa-
rações com peças eruditas, sem interesse na cópia estética daquilo que já foi
criado e executado por outro.

Em geral nota-se grande diferença entre os ceramistas de Goiana e os
de Caruaru, pois, embora usando o mesmo material e a mesma técnica, os
primeiros revelam muito precariamente conhecimentos estéticos de erudição
que mascaram em seus trabalhos o aspecto primitivo.

Toco neste assunto porque os ceramistas de Goiana, cientes do amplo
interesse despertado nos museus, colecionadores e intelectuais, pela cerâmica
popular, vêm caindo em contradições, e escondendo qualquer estudo acadêmico,
para que tenham a mesma aceitação dos de Caruaru, estes sim, autêntica
expressão do sentimento popular. Isto dificultou minha pesquisa e a averi-
gação exata do que eles criam.

Theófilo Dias Neves, ou simplesmente Doca, como é chamado na sua
cidade, foi o primeiro no local a dedicar-se à cerâmica. Doca, que habita em

confortável casa própria, enquadrada entre as da classe média, não vive de rendimento de seus trabalhos de barro — é funcionário da Prefeitura local —, néles se aplicando apenas nos dias de folga, domingos e feriados.

Começou a interessar-se mais pela sua arte incentivado pelo Diretor da Igreja Museu e ex-prefeito Dr. Lauro Raposo, que, ao examinar uma cópia realizada por ele de uma peça comprada em Recife, numa loja, e notando sua perfeição, aconselhou-o a fazer outras, logo admiradas por todos. Diz ele que então principiou a executar outras, de imaginação, cujos temas eram todos regionais. Suas peças são as melhores que já vi do ponto de vista de verossimilhança ao modelo proposto: as proporções são perfeitas e o cânone seguido é o da antiga escola acadêmica ou renascentista. Theófilo Dias Neves não é um artista popular, talvez fôsse um bom escultor se encaminhado desde cedo nessa profissão.

Seus temas, como já disse, são regionais e sociais: Caranguejeiro (homem que vende caranguejo), aguadeiro, carvoeiro, tirador de côco, trabalhadores do eito, lenhador e vendedor de peixe.

Trabalha por encomenda e suas peças não são vendidas em feiras, em lojas de artigos populares. Antigamente tinha revendedor em Recife. Em 1960, nesta cidade, apreciei pela primeira vez os trabalhos de Doca, que estavam sendo revendidos pelas sorveterias e restaurantes do centro. Peças grandes de intenção caricatural, retratando personagens populares do Estado. Doca tem 45 anos de idade e é ceramista há 12 anos. Não precisa preocupar-se com a compra dos materiais necessários ao ofício. Consegue o barro e queima seus trabalhos na olaria dos frades do Convento do Carmo, a título de gratificação.

Devido ao apuro de suas peças, leva muito tempo para executá-las. Faz em média de 4 a 5 por mês. O preço de venda oscila entre Cr\$ 500,00 e Cr\$ 600,00.

Natural de Goiana, é casado e tem filhos.

Logo que começou a trabalhar, contou com ajudantes ou aprendizes, um dos quais, *Zé do Carmo*, atualmente milita nesta mesma profissão, no Recife.

Últimamente, diz ele ter um sobrinho que, quando residia em Goiana, se dedicou ao ramo, incentivado pelo tio. Este sobrinho, de 20 anos, chama-se *Duel Dias Neves*, e também acusa tendências idênticas; mora no Estado da Paraíba, na cidade mais importante da região agreste, Campina Grande. Seus temas são os mesmos do tio. Talvez, dentro em breve, Duel esteja com um grupo formado em pleno coração da Borborema.

Como disse acima, Doca tinha aprendizes e ajudantes, inclusive *Zé do Carmo*. Um irmão deste, *João Antônio de Souza*, reside em Goiana e é responsável pela grande quantidade de peças que se espalham pelas lojas de



Fig. 14 — Pedinte. Autor: João Antônio de Souza. Dimensões: 20 cm. Local: Goiana, PE.

Recife, Rio de Janeiro e outros centros urbanos. Contando apenas 19 anos, é trabalho na cerâmica desde 6 anos de idade, tendo aprendido a arte com seu irmão. Curso o primário e estudou em Recife, não informando em que escola. Suponho que esconda algum aprendizado na capital, possivelmente na Escola Técnica onde, na mesma época, esteve seu irmão. Cliente do valor das peças executadas pelos ceramistas de Caruaru, nega qualquer fonte de estudo sistemático.

Os seus temas são os mesmos idealizados por Doca, com algumas novidades: mendigos, tocadores de instrumentos regionais, vendedor de abacaxi, baileiro etc.

O que sabe, declara, aprendeu com seu irmão *Zé do Carmo*, procurando fazer seus trabalhos sem influências de parte a parte. É casado e tem 4 filhos. Sua mulher também colabora na confecção dos bonecos. Chama-se *Maria de Lourdes da Silva*.

É muito prático e apresenta uma

capacidade de produção muito grande. Trabalho o barro, pois o obtém gratuitamente da olaria dos frades. Trabalha o barro sem misturá-lo. Para prepará-lo, bate-o muito a fim de tirar-lhe a força — até ficar «podre» (o que significa não ficar muito ligado). Tira Cr\$ 24.000,00 mensais, se saírem bem todas as fornadas. Tem aprendizes-ajudantes que variam, em idade, de 10 a 15 anos. Paga-lhes individualmente no máximo Cr\$ 130,00 por semana, e há mais dois que fazem a função de serventes — limpeza do lugar de trabalho, transporte do barro, amassamento e preparo do mesmo — ganhando Cr\$ 80,00 por semana cada um. O lugar que trabalha denota um tirocínio prático de organização, e consiste em um galpão nos fundos da casa, dividido por banquetas rústicas destinadas aos aprendizes possuindo prateleiras ao lado das paredes, onde se colocam as peças, à medida que são terminadas. Os lugares são separados, e identificados pelos nomes dos seus ocupantes. Ao fundo, há um espaço um pouco maior, vendo-se uma mesa envernizada que contrasta com o ambiente, é a de João Antônio de Souza. No mesmo galpão, do lado oposto a esta mesa, fica o forno, o primeiro que vimos dentro de um recinto fechado, justificando-se esta colocação para defendê-lo das chuvas, que nesta região são

muito prolongadas no período invernal. E com isto não diminui seu ritmo de trabalho, que é muito grande.

Do ponto de vista artístico, suas peças deixam muito a desejar. Predomina nelas um realismo muito acentuado; na forma são desproporcionadas.

Seus ajudantes são: *Ceronilse Inácio dos Santos*, 12 anos. Temas que executa: vendedor de ovos, tocador de sanfona, de viola e pescador, *Jorge da Silva*, 11 anos. Temas: cavalinhos, vaca sertaneja e jarros. *Severino Nilson Ferreira*, 15 anos. Temas: bichos e cachimbos com canas. *Severino Ramos da Silva*, 15 anos. Temas: tocadores e outros que não identificamos.

A vendagem é feita por ele mesmo aos revendedores no Recife, nas lojas de *novenias*, no mercado. Também negocia nas cidades de João Pessoa, Natal, Campina Grande e mesmo Goiânia. Em grande quantidade vem as peças a razão de Cr\$ 150,00 e, avulsas, a Cr\$ 200,00. Medem elas em geral 30 cms. As pequenas, executadas por seus ajudantes, custam em média Cr\$ 50,00 a Cr\$ 70,00 e medem em geral 7 cms.

Além de João Antônio de Souza, também fazem bonecos de barro em Goiânia:

José "Pintor", assim alcunhado por ser ele também pintor de paredes.

Júlio Ferreira de Albuquerque, que este ano começou a trabalhar, malgrado a idade de 49 anos. Faz bois.

Os artesãos de Goiânia não compõem grupos.

Na cidade de Igarapé, a poucos quilômetros de Goiânia, vi peças executadas por um artista local no Museu da Cidade, junto à Igreja de São Cosme e Damião, a primeira edificada no Brasil. Chama-se este artista *Paulo Monteiro Pimentel*. Suas obras datavam de 1953, quando menino, residente em Cruz de Rebouças. O barro que utilizou foi retirado do engenho de Marijope, em Igarapé. Seus trabalhos consistem em quatro bustos de heróis pernambucanos que expulsaram os holandeses de Pernambuco: André Vidal de Negreiros, Henrique Dias, João Fernando Vieira e Felipe Camarão.

7, RECIFE — Dados históricos e estatísticos

CAPITAL DO ESTADO DE PERNAMBUCO, com uma população de quase 1.000.000 de habitantes, cortada por dois rios — Capibaribe e Beberibe — a cidade situa-se em 3 ilhas, localizadas nas embocaduras destes rios, que têm importante papel na formação do centro urbano.

Fundada pelos holandeses em 1630, estes preferiram instalar-se na então povoação da zona do porto, que distava 7 kms. de Olinda, a Capital do Estado naquela época. Aqui nota-se a diferença de colonização entre portugueses e holandeses. Os primeiros preferiam as colinas, os montes, para a edificação de suas cidades contornadas por fortes; os segundos, por causa dos interesses

comerciais, que os caracterizam, preferiram ficar mais perto do porto. Como Olinda resistiu aos invasores, os holandeses edificaram suas cidades, seguindo o plano do arquiteto Peter Post. Mais tarde, Recife recebeu a denominação de Mauritépolis ou Maurícia, em homenagem ao Conde Maurício de Nassau e, só depois da expulsão dos invasores, recuperou o seu nome.

Falarei agora dos artesanatos populares que vivem isolados e espalhados por diferentes bairros da cidade.



Fig. 15 — Vendedor de chinelos. Autor: Zé do Carmo. Dimensões: 15 cm. Local: Recife, PE.

então o fato que nos entristece: não é um artista erudito, mas deixou de ser um artesanato popular.

Adquire seu barro em Tijipió, bairro de Recife, e usa na sua preparação os mesmos métodos primitivos dos ceramistas de todo o nordeste, sendo o seu forno o maior visto por nós no Estado.

Entre eles Zé do Carmo, a quem já referi e que se iniciou na cerâmica popular da cidade de Goiânia, vindo para Recife com a ajuda do então prefeito daquela cidade. Suas primeiras peças encontram-se no Museu Igreja do Amparo, em Goiânia. Nestas distinguimos o espírito popular puro, denotando o homem-folk que foi Zé do Carmo. Temos no Museu peças como: Pastoril, Maracatu e outras, variando em temas folclóricos e regionais e em grupos, coisa só encontrada em Caruaru.

Após estudar na Escola Técnica, sem conseguir seu intento de ingressar na Escola de Belas Artes da Universidade de Recife, resolveu Zé do Carmo voltar ao seu antigo mister (ceramista popular), verificando-se

Para obter maior segurança, éle mistura o barro de Tijipió, mais fraco (usado em olarias de telhas e tijolos) com o que traz seu irmão de Goiana, muito mais forte (massapé). A mistura é feita na proporção de duas porções do de Tijipió com uma do de Goiana. Só faz uma fornada por mês e diz levar dois dias em forno quente, aumentando a temperatura gradativamente para de caldear. Acho longo este espaço de tempo, que encrece muito a feitura de seus trabalhos.

Gasta na realização das peças uma carroça de barro, que sai por Cr\$ 2.000,00 vinda de Tijipió. Note-se que uma carroça de barro deve abastecer-lo por um período muito longo. O outro barro, vindo de Goiana, é gratuito.

A lenha sai a razão de Cr\$ 500,00 o metro cúbico, e obtém a água, que é encanada para a casa do vizinho, que o deixa utilizá-la, mediante contribuição de Cr\$ 70,00 mensais.

Este mesmo material é também consumido por sua mãe e seu irmão, sobre os quais falaremos em seguida.

Seus temas variam. Os regionais são os mesmos de Doca e outros que criou, como «carvoeiro», «vendedor de chinelos», sendo os demais acadêmicos, conhecidos nas escolas de arte de qualquer lugar: figuras de mulher, com as célebres escoras em forma de troncos, como as que existem na estatuária grega e romana (únicamente admissíveis pelo tratamento requerido pelo material usado — mármore) e ainda faz bustos como de Pe. Cicero (figura venerada no meio sertanejo nordestino) e outros encomendados, feitos por retratos.

Os preços variam entre Cr\$ 400,00 a 2.000,00. Quanto aos bustos, o custo é maior e variável. Suas peças são vendidas para lojas de *souvenirs* e casas de artigos populares, no Mercado São José ou nas lojas do Aeroporto do Recife.

Tem casa própria, perto do centro da cidade, e sua renda, segundo éle, é de Cr\$ 10.000,00 a Cr\$ 12.000,00 por mês.

Junto com éle trabalha seu irmão mais moço, de 15 anos de idade, *Manoel Miguel de Souza* (Nequinho), que faz os mesmos temas, e sua mãe, *Joana Isabel de Assunção*, que antes, em Golana, era lavadeira, abandonando a profissão para seguir a dos filhos. Tanto nos trabalhos do irmão como nos da mãe desapareceu o sabor da verdadeira arte popular. Pois Zé do Carmo funciona como mestre. Seus trabalhos têm preços diferentes, devido as peças serem bem menores que as de Zé do Carmo. Variam de 150 a 250 cruzeiros por unidade. A vendagem é feita pelos mesmos métodos já referidos.

No Recife ainda vamos encontrar *Ivo Francisco da Cruz*, morando sem lugar fixo em Jiquiá, arredores da cidade. É conhecido pelo seu primeiro nome *Ivo*. Menino de 16 anos, já foi motivo de reportagem em revistas nacionais. Segundo informação que me prestou, mora com familiares, contradizendo, assim, outros dados que obtive de pessoa de seu conhecimento e que o declara sem família.

Colhi informes em rápido encontro casual numa sorveteria elegante da cidade. É nestes lugares que éle vende suas peças. Diz éle ter começado a trabalhar em figuras populares com *Raimundo Sampaio*, outro ceramista do Recife. Seu primeiro tema foi galinha de três pernas, peça que despertou muito interesse; vendia para feiras e fregueses de Raimundo Sampaio.

É do tipo afalto. Seus trabalhos são feitos de massapé, cuja proveniência ignoro e acho que sem nenhuma mistura de outro barro, pois éle não cozinha suas peças. O tamanho varia de 20 a 30 cms, podendo ultrapassá-los, por encomenda. Seu preço é muito alto — cobra de 500 a 600 cruzeiros por peça que leva ainda úmida para os lugares elegantes da cidade para vender. Dizem que ainda vem modelando pelo caminho de casa até a cidade, ãonde ainda dá seus últimos retoques. Seus trabalhos não revelam valor folclórico. Os temas que executa são: ébrios, velhos e esmoleres.

Já o ceramista Raimundo Sampaio, cozinha suas peças, cujos temas são vendedores de tapioca, rendeiras, etc.

Nota Final

ESTE TRABALHO, FEITO no fim de 1959 e começo de 1961, vale como uma pesquisa séria e válida para uma época. Confesso, muito tristemente, que, passados dez anos, nada foi feito em defesa de nossos ceramistas nordestinos.

Não fôsse o crescimento demográfico, o progresso de alguns municípios e a alta de preços, este trabalho seria pioneiro de um tema que merece estudos profundos e principalmente o auxílio dos governos.

Duas mortes enlutaram a cerâmica do Nordeste: Vitalino e Severino, dois dos melhores ceramistas brasileiros. A éles, que aparecem vivos e falantes nestas páginas, as minhas homenagens.

Recentemente, foi publicado, sob o patrocínio do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais do Recife, em convênio com a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, um trabalho que muito deixa a desejar. Primeiro, por pretender abranger uma área que não abrange na realidade, pois em Estados como o Ceará, Rio Grande do Norte e Alagoas, ainda existem centros de ceramistas, se bem que o de Carrapicho, por exemplo, esteja em decadência. Segundo, porque há centros de ceramistas em Estados nordestinos que não foram notados. Em todo o caso, mesmo com os senões, o trabalho tem sua validade, como tudo que se fizer em estudos sobre a arte popular brasileira.

Este trabalho foi redigido especialmente para a antiga Escola Nacional de Belas Artes (hoje Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro), como professor que sou desse estabelecimento. A Escola de Belas Artes caberia divulgá-lo em primeiro mão; todavia, isto não foi possível. O Diretor da Escola, Professor Gerson Pompeu Pinheiro, liberou sua publicação, que aparece hoje nas páginas da REVISTA BRASILEIRA DE FOL-

CLORE, um pouco desatualizado, é verdade, mas fiel à primitiva redação, como testemunho de uma época.

Os ceramistas do Nordeste necessitam, com a máxima urgência, do auxílio e apoio dos governos. É um apelo que deixo aqui, dez anos após minhas primeiras experiências com os artifices e o convívio tão necessário — e que deve ser permanente — com o trabalho que eles executam teimosamente e nas condições, às vezes, mais precárias e difíceis.

Résumé

Céramistes populaires de Pernambuco, par Renato Miguez.

Le Professeur Renato Miguez, de l'École des Beaux-Arts de l'Université Fédérale de Rio de Janeiro, s'est spécialisé dans l'étude de cet art populaire. En 1959 et 1961 il a réalisé des recherches dans l'intérieur de l'Etat de Pernambuco sous le patronage de l'École Nationale des Beaux-Arts d'aoors, à laquelle il a présenté un rapport. Ce rapport est aujourd'hui publié par la RBF; conservé dans sa rédaction primitive il constitue le témoignage d'une époque. Il se divise en deux parties, la première se rapporte aux céramistes du «sertão», ayant Caruaru comme centre de plus grande importance, avec une trentaine d'artisans, commandés à l'époque par Maître Vitalino (mort en 1963) et aussi à ceux des centres de Garanhuns, Canhotinho et Limoeiro; la seconde traite des céramistes de la zone côtière, tels que ceux des groupes de Tracunhaém, Golana et Recife. Etudiant les céramistes de ces deux zones géographiques l'auteur remarque que dans leurs caractéristiques générales on observe une certaine similitude entre les œuvres des artisans de l'une et de l'autre zone, mai il y a toujours des aspects propres à chaque région. L'auteur fait une brève analyse de l'aspect géographique de ces régions, relatant la manière de vivre et de travailler des céramistes populaires, le matériel et les techniques employés, les conditions de travail, les aspects plastiques et la commercialisation.

Summary

Popular Ceramic Artists of Pernambuco, by Renato Miguez.

Renato Miguez, professor of the «Escola de Belas Artes» of the Universidade Federal do Rio de Janeiro is an expert in the study of this popular art. In 1959 and 1961 he organized a research in the interior of the State of Pernambuco, sponsored by the then «Escola Nacional de Belas Artes», and presented a report of his work to the above mentioned College. This report is now published by the REVISTA BRASILEIRA DE FOLCLORE and the rough text has been maintained as testimony of an epoch. This work is divided into two parts — the first one deals with the ceramic artists of the backwoods (interior) having Caruaru as its most important centre where about thirty craftsmen worked at the time, under the guidance of Master Vitalino (d. 1963). Besides Caruaru he studies the centres of Garanhuns, Canhotinho and Limoeiro. In the second part of his work he studies the work of the ceramic artists at the coast of the Northeast such as the group of Tracunhaém, Golana and Recife. The author studies the popular ceramic artists in the two geographic areas aiming at information rather than at classification and he points out that there are certain similar traits in their general characteristics between the objects made by craftsmen in both regions, but there are also always aspects that are peculiar to each of the two regions. The author analyses briefly the geographic aspect of each one of the regions he studies, describing the habits of life and of work of the popular ceramic artists, the material they use, the techniques they employ and the conditions of work, plastic and commercial aspects.

Raymundo Souza Dantas

A «Burrinha» Africana

CONHECI, HA ALGUNS ANOS, num bar senegalês, um africano bisneto de baiano, chamado ANGEL SACRAMENTO, que me contou muita coisa interessante sobre costumes e hábitos nossos ainda imperantes nas chamadas comunidades brasileiras do Togo e do Daomé.

Falou-me êle, com muito entusiasmo, por exemplo, dos folguedos de caráter folclórico, realizados pelo Natal, referindo-se à «BURRINHA», que nada mais é do que o «BUMBA MEU BOI», em toda a sua riqueza temática e lúdica.

O que me disse, nas conversas que mantivemos, ao longo de vários encontros em Dakar, não somente dava a medida verdadeira da influência exercida pelos ex-escravos e filhos de escravos que emigraram para o Togo e o Daomé, como também vinha confirmar pesquisas feitas por inúmeros estudiosos da extensão da presença brasileira em África.

Salientou ANGEL SACRAMENTO que todos os afro-brasileiros da região são católicos, apontando como raras as famílias das comunidades em questão que não possuem, em seu oratório, a imagem de Nossa Senhora da Conceição ou do Senhor do Bonfim. Sobre as festas de fim de ano, lembrou uma que, como disse, denomina-se «BURRINHA». Revelou, a propósito, que os descendentes mais antigos dos primeiros brasileiros chegados à África, organizavam anualmente, grupos que saíam fantasiados pela cidade, em procissão, dançando e cantando temas folclóricos baianos. Os folguedos terminavam sempre na casa de alguém importante, com muita comida, doces e bebidas.

Não pôde êle, porém, repetir-me o texto exato do folguedo da «BURRINHA», mas orientou-me como encontrá-la. O tempo passou, voltei da África. Recentemente, mexendo em velhos papéis colhidos dos arquivos de notáveis famílias do Togo e do Daomé, encontrei alguma coisa que me provocou grande emoção. Era o texto, numa publicação do IFAN, feita por volta de 1953, do folguedo da «BURRINHA», versão do «BUMBA MEU BOI». Sem outros comentários, eu aqui a transcrevo, obedecendo a grafia:

1. Papa eu Quero casar
Mama eu quero casar
Minha mãe eu quero casar
Hoje Hoje Hoje
Na Festa do Bomfim
Hoje Hoje Hoje
Agora Deus vou me casar (bis)
2. É a Festa do Bomfim
O Jeje prima Chiquinha
Vamos sambar
Na terra d'Areia.
3. Amanha e dia santo
Dia corpus de Deo
Quem tem roupa va a Missa
Quem não tem faz como eu.
4. Minha cade a saia
Que tua mame te deu
Como não le da camisa
Pegou na saia vendeu
Criola esta direita
Minha Sinha.
5. Tindola tindola
Tindola tindola
Calorinha Zoroiha
Tua saia de chitão
Arrasta o pé no chão
Como o amor da Calorinda
Maltrata meu coração
Calorinda Zoroiha.
6. Papai cade minha mae
Tua mae fol na feira
Foi na feira comprar quiabo
Para cozinhar para menino
Para comer comida
Junto mia filhinha
7. Maria cade Teresa
Maria foi comprar comida
Joana cade Maria
Maria foi ralar pimenta
Para cozinhar caruru
Para comer com menino
Por Deus lajuda
8. Acenda luz Maria
Eu quero alumiar
Agua de beber
Goma de gomar
Acenda luz Maria.
9. Calorinda calorinda voce vai
E eu tambem vou lavar roupa
Lavar roupa eu vou ser seu corador.
10. Samba eu quero samba
Cajuetro Cajua
Samba eu quero samba
Eu vou ver minha sinha.
11. Suba Mangueira
Ora suba Mangueira
Nao jogue manga no chão
La darriba responde
Nao tem mais manga
Nao tem
Suba mangueira.
12. Quem é quem é quem
Um negro africano
tua camisa branca
teu chapéu republicano.
13. Minha mae eu quero casar
Minha filha diga com quem
É com homem Sapateiro
Minha filha nao casa bem.
14. Carro não puxa sem boi
Eu não canto sem beber
Quem tem so a boca fala
Quem tem so olho vem ver.
15. As crioulas da Bahia
Todas andan de cordão
Ai violao violao violao
Ai violao violao violao
16. Minha mae que me pariu
Me bota tua benção
Que eu vou na terra dos negros
Vou morrer sem confissao.
17. Corre meu cavalo
Naralz alegria
Vai dizer a meu Brasil
Que nao se esqueça de mim.

«Burrinha» Africaine, par Raymundo Souza Dantas.

Les folkloristes brésiliens ont toujours porté une attention particulière à l'influence des cultures africaines sur le complexe culturel brésilien, mais, un jour ils découvrirent que la réciproque était également vraie, particulièrement dans quelques zones du continent africain, englobant des sujets autres que les influences connues, originaires de la diffusion de certaines cultures, spécialement d'ordre économique, telles que plantation de végétaux et d'arbres fruitiers de notre sol vers le sol africain et quelques autres d'ordre commercial.

Tout a commencé lors de la découverte en Afrique, de familles brésiliennes — ex-escaves revenus à leur pays d'origine — ayant conservé les habitudes et les traditions acquises pendant leur séjour sur le sol brésilien. Parmi ceux qui ont tenté d'étudier jusqu'à quel point cette influence s'est manifestée sur l'ambiance physico-sociale ou physico-culturelle, l'Ambassadeur Raymundo Souza Dantas, également écrivain connu, a tenté d'approfondir ces recherches, pénétrant aussi dans le domaine des «survivances folkloriques». Et c'est précisément sur le «Bumba-meu-boi», largement diffusé au Brésil, autrefois pratiqué par les esclaves, que l'auteur nous donne une précieuse information, transcrivant un texte de «burrinha» — épisode de bumba-meu-boi — rencontré dans une publication du Ifan, Niger.

Summary

The African 'Burrinha', by Raymundo Souza Dantas.

The Brazilian folklorists have always payed special attention to the influence of the African cultures on the Brazilian cultural context as a whole, but one day they discovered that there was also a Brazilian influence in the African culture, especially in some areas of that continent, concerning subjects different from the recognized influences which provide from the spreading of certain cultures, especially of economic order, such as vegetables transplanted from our soil to the African one, fruit-trees and other mercantile relationships. It all began with the 'discovery' of several 'Brazilian' families in Africa. — ex-slaves who returned to their continent of origin taking with them habits and traditions acquired during their stay in the Brazilian territory. Among those who have studied and researched the extent of this influence in the physico-social and/or in the physico-cultural African environment, the Ambassador Raymundo Souza Dantas, who is also a writer, has been trying to develop these researches studying the folkloric 'remnants'. It is precisely about the 'Bumba-meu-boi', an entertainment very popular in Brazil and in the past enacted quite frequently by the slaves that the author gives us precious information, transcribing the text of the 'burrinha' — an episode of the 'bumba-meu-boi' — which had been published in Ifá, Nigeria.

FOLCLORE NA SEMANA DA PÁTRIA

Atendendo as disposições da Lei nº 5 571, de 28 de novembro de 1969, a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro programou várias atividades para a celebração do «Dia da Independência».

O programa geral, organizado pelo Ministério da Educação e Cultura, em coordenação com as Secretarias de Educação dos Estados e com as Prefeituras Municipais, incluiu solenidades e atos civis comemorativos, com a finalidade de explicar o significado político do acontecimento, exaltar a idéia da Pátria, as tradições nacionais, inclusive com festas e espetáculos públicos, preferentemente de cunho folclórico, palestras e conferências, exposições e outras atividades alusivas à data.

Coordenando suas atividades com a programação setorial do Ministério da Educação e Cultura, através do Gabinete do Subsecretário-Geral, a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro programou, no dia 1º de setembro, inauguração de exposições nos Museus de São Paulo, Guanabara, Recife e Salvador e palestra sobre o Folclore, no Instituto de Educação; no dia 2, palestra e exibição de filmes no auditório do Liceu de Artes e Ofícios e Escola Normal Júlia Kubitschek, da Guanabara; dia 3, palestra e exibição de filmes no auditório do Colégio Brasileiro de Almeida, da Guanabara; dia 4, palestra e exibição de filmes no auditório do Colégio Franco Brasileiro, da Guanabara; dia 5, exibição, no Jardim do Palácio do Catete, de números folclóricos, Dança do Pau-de-Fita, pelos alunos dos institutos Santos Dumont e Stella Maris, filiados à Fundação Nacional do Bem Estar do Menor, às 17,30 horas, sob a direção da professora Kleide Ferreira do Amaral Pereira; dia 7, palestras e conferências sobre folclore brasileiro nas seguintes cidades: Manaus, Belém, São Luis, Fortaleza, Natal, João Pessoa, Recife, Maceió, Salvador, Vitória, São Paulo, Lorena, Franca, Olímpia, Campinas, Belo Horizonte, Juiz de Fora, Curitiba, Florianópolis, Pôrto Alegre, Goiânia, Cuiabá e Niterói.

Ainda no dia 7, exibição de conjuntos folclóricos e de coral da Faculdade de Música Mãe de Deus, de Londrina, Paraná.



"Pau-de-Fita" numa demonstração dos alunos dos Institutos Santos Dumont e Stella Maris, da Fundação Nacional do Bem Estar do Menor, no dia 5 do setembro, defronte do Museu do Folclore, no Parque do Catete/GB.

Folclore do Brasil Central

A Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, em colaboração com a Biblioteca Nacional, Setor de Exposições, promoveu também, no dia 1º de setembro, inauguração de exposição do livro folclórico do Brasil Central, abrangendo os Estados de Mato Grosso, Goiás e o Distrito Federal.

Filmes folclóricos

Em combinação com o Instituto Nacional do Cinema, foram exibidas, durante a Semana da Pátria, filmes documentários do folclore brasileiro em estabelecimentos de ensino da Guanabara, de acordo com o programa setorial do MEC, aprovado pela Assessoria Especial de Relações Públicas.

Arte Popular brasileira

A Galeria Macunaíma, anexa à Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, reabriu na Semana da Pátria, dia 3, às 16 horas, com variada mostra de peças de arte popular brasileira. A exposição foi organizada pelo Professor Renato Miguez e contou com o patrocínio da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, em combinação com a Escola de Belas Artes da UFRJ e o Museu Nacional de Belas Artes. Várias coleções oficiais e particulares foram reunidas, entre elas a do Museu Nacional de Belas Artes, peças do Museu de Folclore do Parque do Catete, de Eneida, Renato Miguez, Vicente Salles e Kalma Murtinho.

Sentido Nacional e Cívico do Folclore

Durante a Semana da Pátria, instituiu a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, em combinação com a Secretaria Estadual de Educação e Cultura, da Guanabara, concurso entre os alunos das escolas normais e secundárias do Estado, constante de uma dissertação sobre o «Sentido Nacional e Cívico do Folclore».

Cada escola da rede oficial de estabelecimentos de ensino do Estado selecionou 5 composições, que foram remetidas para a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, para o julgamento final, com um primeiro prêmio de 250 cruzeiros, um segundo de 150 e um terceiro de 100 e mais 4 Menções Honrosas.

A Comissão Julgadora, composta pelos professores Edison Carneiro, Maria de Lourdes Borges Ribeiro e Vicente Salles, considerou merecedoras dos prêmios as composições feitas pelos seguintes alunos: 1º lugar, Leila Maria Correia Capella, do Instituto de Educação; 2º lugar, Paulo Rubens Gomes Torquato, do Colégio Estadual Serafim Silva Neto; 3º lugar, Miriam Miranda Carneiro, do Ginásio Estadual Charles Dickens; 1ª Menção Honrosa, Maricy Lucchesi Torquato da Silva, do Ginásio Estadual Presidente Getúlio Vargas; 2ª Menção Honrosa, Moacyr de Souza Costa, do Ginásio Estadual Joaquim Ribeiro; 3ª Menção Honrosa, Lindolfo Silva de Oliveira, do Ginásio Estadual Henrique de Magalhães. Prêmio especial, não individualmente, mas em grupo, foi atribuído ao Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes, dado o entendimento que seus alunos revelaram do Folclore.

A entrega desses prêmios foi feita no dia 29 de setembro, às 15 horas, na Sala Anchieta, 10º andar da Secretaria Estadual de Educação, em solenidade presidida pelo Prof. Antônio Vieira de Melo, titular dessa pasta.

Na ocasião, o Secretário Vieira de Melo disse da sua alegria em entregar aqueles prêmios, oferecidos pela Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, em concurso realizado entre todos os estabelecimentos da rede oficial de ensino secundário, um testemunho a mais da cooperação constante que mantém a sua Secretaria com o Ministério da Educação e Cultura.

Salientou o fato de que, no momento em que a tecnologia domina o mundo, os povos tenham sentido a necessidade de se apegar às forças tradicionais, que resguardam as origens e lhes mantêm o caráter psicológico. Daí a importância que vem sendo dada em todo o mundo ao Folclore, como elemento originário de numerosas expressões da mentalidade dos povos e traço da sua continuidade histórica. Esse esforço, iniciado no Brasil por Sílvia Romero, se mantém hoje vivo, e a atividade da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, afirmou, é um testemunho eloquente de como procuramos cultivar e resguardar nossas tradições populares. Citou numerosos exemplos e disse do desvelo que tem, no ciclo das atividades, da sua Secretaria, em resguardar as expressões nativas da nossa gente, através dos setores educacionais e culturais.

Em seguida, o Professor Renato Almeida, Diretor-Executivo da Campanha, proferiu as seguintes palavras:

«É com a mais viva emoção, de folclorista e de educador, que ressalto o sentido do concurso que a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, do Ministério da Educação e Cultura, realizou nas escolas normais e secundárias deste Estado, mercê da benevolência do ilustre Professor Antônio Vieira de Melo, a quem confesso meu sincero reconhecimento, extensivo aos Professores e Alunos, pelo desvelo com que se volveram às tradições do nosso povo, elemento fundamental da formação nacional.

Tudo isso justifica o meu apelo constante, que já formulei diante da Assembléia Legislativa, no sentido de que o ensino do Folclore não seja apenas uma atividade supletiva, mas um instrumento de aprendizagem, afeto a diversas disciplinas como Linguagem, Cálculo, Geografia, História, Artes manuais, Música e Desenho. Não apenas para o maior e melhor conhecimento do homem, mas ainda como fator didático da maior importância. Fixa o Folclore o modo de ser do povo, e nele se encontra a germinação, através do empirismo e da espontaneidade, de tantas forças condutoras da vida nacional, de tal sorte que é preciso estabelecer, na escola, pelo seu conduto, essa unidade infrangível da nossa gente, aproveitando o que é sábio e erradicando os erros e absurdos.

Um conto, uma cantiga, uma dança, um provérbio, uma receita, uma prática, um alimento, uma reza, um boneco, um tecido, um trancado, uma pintura, um jogo, uma diversão, tudo isso encerra um conglomerado de influências dispersas concretizado numa realidade que vem de longe, vivendo no contato dos homens e de terras expressando a psicologia coletiva de cada nação.

E como é vivo o laço dos alunos, no seu modo de ser, nas contribuições que cada qual traz de seu meio, nas histórias que sabem, nas cantigas que cantam, nas danças que dançam, nos ditos, nos molejos, nos apelidos, nas réplicas. No seu ambiente mesmo pode o professor mostrar como nele se projeta o folclore e se incorpora ao seu cotidiano. O folclore é uma torrente que flui incessantemente, um movimento perpétuo, incorporando os traços sócio-psicológicos dos caminhos que percorre. Eis porque encerra sempre

uma lição. Já disse que o folclore é uma síntese, que se difunde e projeta na civilização.

Não esqueçamos de que o Folclore é universal, por mais regional que possam ser suas manifestações. «Esse fundo comum, sublinhou o grande folclorista francês, Saintyves, remonta a idades imemoriais e, ajuntando que o dogma da sua universalidade das formas fundamentais da vida popular se completa com o da sua antiguidade». Mas essa antiguidade não se torna voz do passado, modifica-se, transforma-se e vive continuamente. Certo muitos fatos se perdem, se obliteram na lembrança dos homens, perdem sua função. Mas o que perdura não perdura como fato do passado, mas como elemento sempre atual, que adquire nova finalidade.

E não olvidemos que o estudo do folclore desperta na juventude o amor ao povo, à gente humilde, cujo saber e cuja arte buscamos desvendar, pois revela que o gênio de um povo não é apenas o rufar das águias que voam alto, mas, como recordava Voltaire, também o caminhar das formigas, que abrem asas em silêncio.

Eis porque o folclore se torna não só aquela disciplina de amor, tão falada, mas um elemento de nacionalismo, porque se embebe nas nascentes mais remotas, e vive à luz do sol.

É um valor cívico, que indica a psicologia do povo, as suas tendências e os seus ideais, o seu modo de entender a vida. Na axiologia o papel do folclore deve estar sempre abaixo dos olhos do educador.

Por tudo isto tem o folclore um lugar marcado na escola, lugar informativo e formativo. Mas esse valor fica na dependência do professor, que necessita conhecê-lo, a fim de utilizá-lo com acerto na educação e no ensino, em proveito da juventude, como força palpante da nacionalidade.

Bem haja quantos colaboraram no êxito deste Concurso, que despertou tão natural atenção dos alunos, aos quais felizmente, em particular aqueles que tão justamente obtiveram prêmios e menções.

Durante a solenidade, fêz-se ouvir o Orfeão do Instituto de Educação, cantando hinos cívicos e canções folclóricas brasileiras.

PROFESSOR LOURENÇO FILHO

O nome de Manoel Bergstron Lourenço Filho, um dos maiores mestres da Pedagogia nacional, a que prestou tantos e tão relevantes serviços, quer na cátedra, quer como tratadista, quer como escritor didata, não é estranho ao Folclore. Muito pelo contrário, dava êle sentido justo e exato à cultura popular, na formação dos professores e nas suas atividades, além de acentuar sua importância no plano da psicologia social, como testemunha seu livro *Juazeiro do Padre Cícero*.

Como Presidente do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — IBECC — demonstrou o maior desvelo pela Comissão Nacional do Folclore, dessa instituição, prestigiando e apoiando a sua ação. Quando do Congresso Internacional de Folclore, de São Paulo, em 1954, apresentou uma comunicação **O Folclore na Formação do Magistério Primário e Secundário**, da maior importância e oportunidade e que deve ser meditada por quantos se preocupam em dar um sentido mais realista e eficaz a tais círculos de estudos.

Vale transcrever as conclusões desse trabalho, chamando para elas a atenção dos que, neste momento, cuidam da reforma do ensino primário e médio, no sentido do aproveitamento racional e didático do Folclore. Escreveu ele, depois de mostrar que na formação do pessoal docente, devem ser considerados três elementos capitais: a) a de uma formação cultural, geral dos mestres; b) a de sua habilitação técnico-pedagógica; c) a de formação social, e, mais particularmente, de preparação cívica, de caráter nacional, estas palavras magistrais:

«Não será no nível comum dos estudos de formação do magistério primário que convirá incluir o folclore como disciplina específica. O que melhor convém será a compreensão ilustrativa dos elementos de folclore nos estudos da língua materna, da geografia humana, da história, da arte popular, da música. Nos centros de formação do magistério secundário, notadamente onde eles se dão em Faculdades da filosofia, ciências e letras, é de recomendar-se, no entanto, o estabelecimento de uma disciplina específica. E, num e noutro desses tipos de escolas de formação pedagógica, o interesse pela pesquisa folclórica, bem como o das representações de folclore local e regional não será de desprezar-se, seja como fator de ilustração, seja como elemento de formação.

«O interesse dos centros de formação de magistério pelos problemas de estudo do folclore e pela aplicação dos resultados desse estudo, na teoria e na prática da educação, resultará, por outro lado, em prontos benefícios no interesse da cultura nacional de qualquer país.

De fato, como os elementos do magistério primário e secundário se distribuem por todo o território de uma nação, podem eles facilmente recolher documentação folclórica, coligi-la e enviá-la a centros de estudos no nível técnico superior. Assim como o folclore serve, e mais poderá servir à educação, os educadores, onde quer que estejam, poderão servir à evolução dos estudos do folclore.»

CURUPIRA É SÍMBOLO EM SÃO PAULO

Curupira, anãozinho forte de cabelos vermelhos e feioso, que serve para despistar os caçadores, segundo o folclore brasileiro, será o símbolo dos guardas florestais paulistas a partir das comemorações do Dia da Árvore, 21 de setembro.

A Assembléia Legislativa aprovou projeto de lei tornando a figura legendária do anãozinho Curupira o símbolo de guardião das florestas e da fauna do Estado. A proposta legislativa foi sancionada pelo Governador Abreu Sodré, no dia 21 de setembro, cabendo às Secretarias da Agricultura e da Educação promoverem a difusão da lenda indígena e das virtudes, poderes e façanhas do Curupira em seu amor e defesa das matas e dos animais.

A idéia da criação de um símbolo para os soldados florestais do Estado veio do Município de Ribeirão Preto, onde já existe um monumento ao Curupira, junto à Fonte da Floresta.

Nas comemorações da Semana da Árvore deste ano, além da promulgação da lei instituindo o Curupira como o símbolo dos guardas florestais, foi prevista a inauguração de uma réplica de monumento existente em Ribeirão Preto sobre essa figura folclórica no Horto Florestal do Tremembé; do Instituto Florestal da Secretaria da Agricultura. O Curupira paulistano é doação do prefeito de Ribeirão Preto.

O Curupira é o senhor das matas, um dos duendes mais fantásticos, espertos e reverenciados das lendas indígenas do Brasil, por sua influência na proteção dos meios de subsistência (o mato, a caça e a pesca) dos primitivos donos da terra.

Os indígenas aceitavam naturalmente a idéia de um espírito, um ser poderoso, que protegesse a floresta, os animais e pássaros que nela vivem. O Curupira é um pequeno gigante veloz, com pés de calcanhar para a frente, capaz de enganar os predadores das matas e dos rios.

Segundo a lenda, é invencível ao dirigir a caça, senhor dos animais, protetor das árvores, percutindo-lhes o tronco e as sapopemas quando ameaça a tempestade para verificar sua resistência. Responsável pelos rumores misteriosos das matas, desaparecimento de caçadores, esquecimento dos caminhos, pavores súbitos e inexplicáveis, esse ser fantástico, de prodigiosa força física, engana sempre os caçadores e viajantes, fazendo-os perder o rumo certo, transviando-os dentro da floresta com assobios e sinais falsos.

BAHIA: IGREJA APOIA FOLCLORE

A Arquidiocese de Salvador acaba de recomendar aos párocos que ajudem a manter os aspectos folclóricos das festas populares que se realizam, em Salvador, durante o mês de dezembro, distinguindo suas características essencialmente religiosas.

Sublinhando a necessidade de que a Igreja contribua para a conservação da cultura popular, a pastoral diz que os padres devem procurar concientizar os organizadores das festas para evitar que gastos supérfluos possam se caracterizar como «uma escandalosa contradição dos princípios evangélicos da pobreza».

O documento determina, ainda, que a bênção das imagens — muito solicitada durante as festas — seja sempre precedida de uma palavra evangelizadora sobre o significado do rito e da necessidade da imitação das virtudes dos santos.

O Diretor-Executivo da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro endereçou a Sua Eminência Reverendíssima, D. Eugênio Sales, Cardeal Arcebispo Primaz do Brasil, um telegrama em que agradece sua recomendação aos párocos da Arquidiocese da Bahia no sentido de que contribuam para manter os aspectos folclóricos das festas religiosas, salvaguardando assim as tradições do nosso povo.

CAMPINAS TAMBÉM INAUGURA MUSEU DE FOLCLORE

Nas dependências da Faculdade de Música da Universidade Católica de Campinas/SP foi inaugurado, no dia 23 de novembro, às 20 horas, o Museu de Folclore organizado pelas cadeiras de Folclore Musical e Pesquisas Folclóricas, a cargo da professora Laura Della Monica, e consta das seguintes seções: a) Cerâmica figurativa do Vale do Paraíba; b) cestaria e trançados (abrolhos); c) cerâmica de Santa Catarina; d) flôres de papel crepon; e) funilaria (candeiro ou lampion). O Museu está instalado junto à dependência destinada à Biblioteca da Faculdade de Música, à rua Boaventura do Amaral nº 692.

EXPOSIÇÃO DE ARTESANATO E FOLCLORE

Com a presença do Prof. Renato Almeida, Diretor da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, do Prof. Rossini Tavares de Lima, Presidente da Comissão Estadual de Folclore e Artesanato e de autoridades locais foi inaugurada, a 9 de agosto, a Exposição de Artesanato e Folclore em Guaratinguetá (SP).

O êxito alcançado pela mostra, que engloba vários setores da arte popular, é devido ao espírito dinâmico e empreendedor de D. Helena Guerrero de Carvalho, diretora do Departamento de Turismo da Prefeitura local, que fez o levantamento artesanal, recolheu e expôs primorosamente o rico acervo dos artistas guaratinguetenses.

A exposição teve também uma finalidade didática, possibilitando aos estudantes — que neste mês fazem trabalhos escolares sobre folclore — uma visão geral das habilidades manuais, da inventiva, da criatividade e do aproveitamento de materiais os mais diversos para a feitura de objetos utilitários e peças decorativas.

FEIRA POPULAR LUSO-BRASILEIRA/GB

Organizada pela Secretaria de Turismo da Guanabara e pelas Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras, foi inaugurada no dia 12 de dezembro, às

20 horas, a Feira Popular Luso-Brasileira, no Pavilhão de São Cristóvão, na Guanabara. A feira se estenderá até o dia 3 de janeiro, aberta, nos dias úteis, de 20 às 24 horas, e aos sábados, domingos e feriados, das 16 às 24 horas. Comidas e bebidas típicas portuguesas, «shows» com conjuntos típicos e artigos diretamente importados de Portugal, são algumas das atrações que o público pode encontrar na Feira. Na parte brasileira, destaca-se o «stand» do SESI, que faz uma exposição com artigos de artesanato de todo o Brasil.

FESTA DO PRESÉPIO/SP

O Natal, suas festas e danças populares, bem como sua arte e artesanato, constituiu a Festa do Presépio, realizada em São Paulo, no Museu de Artes e Técnicas Populares, no parque Ibirapuera, de 8 a 13 de dezembro, das 15 às 22 horas. Promoção da Comissão Estadual de Folclore e Artesanato, Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo, em colaboração com a Associação Brasileira de Folclore, Comissão Paulista de Folclore do IBECC e Prefeitura Municipal de São Paulo.

Presépios folclóricos de Apiaí, São José dos Campos, Taubaté, Joanópolis, Pindamonhangaba, Olímpia, Itapetininga e São Paulo (capital) foram exibidos e da exposição participaram figureiras famosas: Eugênia da Silva, Edith, Cândida, Luiza Alves dos Santos e Aninha Ruivos.

A feira de arte e artesanato contou de figurinhas de presépios de São José dos Campos, Taubaté e Pindamonhangaba; presépios de Aninha Ruivo (de São Paulo); oratórios e presépios de Vicente G. da Silva (de São Paulo); peças de inspiração folclórica natalina pelo Grupo Sakai do Embu, Roberto de Souza, Antonieta, Amo e Nelson; pinturas de temas do ciclo do Natal de Alcides, Américo, Bernini, Cássio, Constância, Cuca, De Biasi, Dirceu, Edgar Calhado, Ivaldo, J. Rissin, Lis, Marjô, Nilson, Obdias, Rozalvo, Valde-mar, Vaste e Zé Cordeiro. E mais quitutes e bebidas típicos.

O programa das apresentações obedeceu ao seguinte calendário: dia 8, Pastoral «Mensageiro de Fátima» de Presidente Altino (Osasco); dia 9, Folia de Reis de Olímpia; dia 10, Folia de Reis de Altinópolis; dia 11, Rejada de Iguape; dia 12, Rejada de Alfredo Marcondes e dia 13 novamente o pastoral «Mensageiro de Fátima».

XXV CONCURSO «MÁRIO DE ANDRADE»

A Comissão Julgadora do 25º Concurso «Mário de Andrade», de monografias sobre o folclore nacional, promovido pela Discoteca Pública Municipal, atribuiu os seguintes prêmios aos melhores trabalhos: «Escola de Samba e Cordões da Cidade de São Paulo», de Wilson Rodrigues de Moraes, primeiro prêmio, no valor de 5 mil cruzeiros; «Contribuição ao estudo do folclore

regional brasileiro», de Lígia Temple Garcia Gatti, segundo prêmio, no valor de 2 mil cruzeiros; e «Folc-Infância», de Maria Vera Siqueira, terceiro prêmio, no valor de mil cruzeiros. Foram conferidas ainda duas menções honrosas, respectivamente às seguintes monografias: «Alguns aspectos da dança de São Gonçalo», de Kleide Ferreira do Amaral Pereira; e «Emboladas do meu Nordeste», de Gumercindo Saraiva.

A Comissão Julgadora esteve constituída pelos professores Maria de Lourdes Borges Ribeiro, Léa Vinocur Freitag e Oswald de Andrade Filho.

CURSO DE FOLCLORE EM BARBACENA/MG

Numa promoção da Prefeitura Municipal de Barbacena, a Secretaria de Estado da Educação, em colaboração com a Universidade Federal de Minas Gerais, promoveu em 26 e 27 de setembro um Curso de Folclore paralelo ao 3º Festival da Primavera, de Barbacena. Foram conferencistas os professores: Romeu da Silva Sabará, Gláucia Maria de Carvalho, Saul Alves Martins, Maria Cristina Mata Machado, Stela Silva e Ayres da Mata Machado.

VI SEMANA JUIZFORANA DO FOLCLORE

Promovida pelo Centro de Estudos Sociológicos de Juiz de Fora, realizou-se de 7 a 10 de outubro a VI Semana Juizforana do folclore com o curso ministrado pelo Professor Saul Martins, chefe do Departamento de Ciências da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.

O curso se desdobrou através de quatro aulas: 1, Conceito de Folclore e caracterização do fato folclórico; 2, Os domínios do Folclore, conceito e o fato; 3, A literatura oral: conto, livros de feira ou cordel, provérbios, advinhas, lendas e mito; 4, O sincretismo das religiões negras no Brasil, os candomblés.

FESTIVIDADES FOLCLÓRICAS NO COLÉGIO STELLA MATUTINA

O Colégio Stella Matutina, de Juiz de Fora/MG, pelo seu Centro de Estudos Folclóricos, promoveu de 10 a 17 de outubro, uma Semana do Folclore, inaugurada com palestra de Antônio Nóbrega Fontes, presidente do Clube dos Amigos do Folclore, da Guanabara, procedendo-se ainda a inauguração do Museu de Artes e Aspectos Populares. Nos dias seguintes, foi a seguinte a programação levada a efeito: dia 12 — São Paulo: a lenda do Rio; Mato Grosso e Goiás: Saci-pererê, toadas, desafios; dia 13 — Minas Gerais: lendas, músicas e dança da «Massa Barro»; Bahia: cantigas de ninar, festa do Senhor do Bonfim; dia 14 — Nordeste: dança das pastorinhas, O Rabinho da Geralda, músicas e tipos; Amazônia: músicas e lendas; Solimões:

Vitória Régia, Iara e Uirapuru; dia 16 — Paraná e Santa Catarina: Lenda das Cataratas do Iguaçu e dança da balainha; Rio Grande do Sul: «causos», lendas, danças do pezinho e chimarrita; dia 17 — Festa externa, com a apresentação do Grupo Regional de Capoeira «Meia Lua», Batuque Afro-brasileiro «Nelson Silva», folguedos, tipos folclóricos e barracas com pratos típicos.

A direção e supervisão geral estiveram a cargo das professoras Marisa Rodrigues Tavares d'Agosto (da cadeira de Cultura Brasileira) e Claudia Corrêa Netto. Cada apresentação foi orientada por grupos de professoras.

FESTIVAL DE VERÃO NA ANTIGA CAPITAL DE ALAGOAS

Realizou-se nos dias 26 e 27 de dezembro o Festival de Verão de Marechal Deodoro simultaneamente com exposição de arte popular montada pelo Departamento de Ciências e Cultura com material da coleção particular do Prof. Theo Brandão.

O Festival contou com a parte folclórica, havendo-se exibido Cavalhadas, Reisados, Guerreiros, Chegança, Pastoril, Presépio, Quilombo, Maracatu, Caboclinhos. O Festival foi promovido pela Profa. Solange Lages e a parte de folclore foi dirigida pelo Prof. Theo Brandão, Pedro Teixeira e Aluisio Galvão.

I SEMINÁRIO DE FOLCLORE EM SERGIPE

De 17 a 23 de dezembro, realizou-se em Aracaju o I Seminário de Folclore sob o patrocínio do Departamento de Cultura e Patrimônio Histórico do Estado de Sergipe. O Seminário teve o seguinte temário: 1. Folclore e Cultura Nacional; 2. As diversas manifestações folclóricas; 3. A literatura popular — conferências proferidas por Luiz Antônio Barreto; 4. Os folguedos populares do Nordeste; 5. Os Folguedos do ciclo natalino; 6. A Música folclórica: embolada, côco, etc. — Conferências proferidas pelo Prof. Theo Brandão.

O Seminário foi promovido conjuntamente pela Secretaria de Educação e Cultura e a Universidade Federal de Sergipe, no Auditório da Faculdade de Educação e contou com a participação de cerca de 180 alunos, entre estudantes universitários, secundaristas, professores e outros interessados.

COLEÇÃO «CADERNOS DE FOLCLORE»

- Caderno 1 — Maria de Lourdes Borges Ribeiro, *Que é Folclore?*
- Caderno 2 — Oswald de Andrade Filho, *A Pintura Popular no Brasil.*
- Caderno 3 — Cecília Meirelles, *Notas de Folclore Gaúcho-Açoriano.*
- Caderno 4 — Renato Almeida, *Música e Dança Folclóricas.*
- Caderno 5 — Luís da Câmara Cascudo, *Informação do Folclore Brasileiro — Calendário das Festas.*
- Caderno 6 — Rossini Tavares de Lima, *Geografia do Folclore Popular.*
- Caderno 7 — Dante de Laytano, *Origens do Folclore Brasileiro.*
- Caderno 8 — Guilherme Santos Neves, *Normas para Pesquisa de Literatura Oral.*
- Caderno 9 — Pe. Dr. José Geraldo de Souza, *Características da Música Folclórica Brasileira.*
- Caderno 10 — Henriqueta Rosa Fernandes Braga, *Cancioneiro Folclórico Infantil Brasileiro.*

Roger Pinon, *Philologie et Folklore Musical, Les Instruments de Musique des Pâtres au Moyen Age et à la Renaissance.* In: «Jahrbuch für Volksliedforschung», Berlin, 1969 (Separata).

Em artigo anterior, o Autor apresentou *Les chants de pâtres avant leur émergence folklorique*, no período da antiguidade clássica e no medieval francês, e neste se refere às assinaladas relações entre a vida do pastor e os instrumentos musicais da Idade Média.

Do século XI ao XVI, em 7 quadros, estão os instrumentos, quase todos de sôpro, que vários autores colocaram em mãos de pastôres nesse período. Têm, êsses quadros, as colunas referentes à ocasião em que eram utilizados, as fontes de consulta, classificação (em sôpro, percussão e cordas), permitindo assim ao leitor, num simples golpe de vista, apreender os resultados de uma pesquisa laboriosa, difícil e demorada, que se enriquece com os comentários que só ao especialista é dado fazer.

A seguir, os capítulos referentes a cada um dêles (cornes, fifres, flûtes, flageolets, flûtes de Pan, hautbois, chalumeaux, cornemuses, tambours, violons, sonnailles), desde as suas mais remotas origens a variações filológicas, descrições, tipos e usos.

Na conclusão, diz que a literatura medieval e a moderna nada informam sobre a utilização profissional dêsses instrumentos, sendo apenas destacada a sua função recreativa, não a utilitária, mesmo no caso dos chocalhos e, se nos reportamos aos quadros que estabelecem o seu emprêgo, apenas um nos dá informe mais preciso.

Salienta um aspecto interessante, qual o da feitura dos instrumentos pelos próprios pastôres, com o material ao seu alcance.

Considera que o método que consiste no confronto dos dados de uma literatura pastoral com aquêles de obras de arte, e o que nos dizem dos instrumentos os trabalhos de natureza mais científica ou utilitária da época, tanto como as sobrevivências da etnografia popular e primitiva, não permitem aumentar nosso conhecimento histórico e funcional, até mesmo tecnológico, dos instrumentos musicais, havendo muito por fazer, ainda que numa área restrita como é o mundo das províncias de língua francesa.

Este excelente trabalho sobre o romancero chileno, coletado e investigado em todo o território nacional, numa pesquisa de vários anos, tem o valor da apresentação de 68 versões de romances — em ordenação cronológica e temática — acrescido pela interpretação dada nos campos sociológico e psíquico e pela explicação de sua funcionalidade, considerando ainda a direção histórica e geográfica do método folclórico, como bem ressalta o ilustre professor Yolando Piño Saavedra, que o prefacia.

Na Introdução, expõem os Autores a vigência do romance no Chile (espécies poético-musicais, que constituem o objetivo principal do trabalho, ou simplesmente recitadas) e a diminuição considerável de sua prática folclórica, que corresponde a um fenômeno de transformação, sintetizado no uso de formas musicais, como a tonada e os jogos infantis, com significativo estiolamento do estilo de relação episódica em benefício da expressão musical, esta muito visível no terreno lúdico. Ao contrário, a força de penetração da mensagem do argumento conserva sua potência nas versões puramente recitadas, as únicas que mereceram dos informantes o nome de romance. São observadas as dificuldades da coleta — que não passa, às vezes de uma lamentável experiência — e as peculiaridades dos seus cultores.

No capítulo de Comentário Crítico, é abordada a posição do romance nos estudos anteriores de diversos especialistas, tendo em mira a necessidade de defender a autonomia do Folclore diante das inúmeras e prejudiciais subordinações à Literatura, Sociologia e História.

A seguir, é estudada a terminologia (loga, corrido, relache, tonada, canção, ronda, rezas e orações), com exemplificações e caracterização.

Discorrem depois os Autores sobre a Existência Folclórica do Romance no Chile, inferindo uma divisão temática, com registros dos textos literários e musicais, comentários e análise musical.

Para finalizar, as Conclusões mais significativas: a) predomínio da forma *tonada* (veículo mais qualificadamente chileno) na música do romance com função recreativo-narrativa; b) a absorção funcional da vigência do romance por *el canto a lo poeta*, isto é, pela prática do verso, mais uma corrente de simplificação e seleção que iminência de extinção; c) estabilidade de um grupo de romances com função lúdico-recreativa; d) valor filológico e lingüístico, nas fórmulas de introdução, construções sintáticas, arcaísmos e elementos estilísticos; e) decisivo espírito de tradicionalidade hispânica, sendo reduzido o número de romances nacionais; f) as constantes melódicas; g) a prática do gênero em ocasiões festivas e lúdicas; h) a tentativa dos Autores de uma primeira caracterização folclórica do romance chileno, prevalecendo na investigação a importância desse dado na vida cultural do país.

O programa editorial da Universidade Federal do Pará inclui diversas coleções, entre elas a Coleção Amazônica, Série José Veríssimo, dedicada à reedição de estudos clássicos e novas contribuições sobre diferentes matérias de real interesse para a região.

A série José Veríssimo apresenta, com este volume, a primeira obra assinada pelo seu titular, o eminente crítico, ensaísta e escritor paraense. Reúne vários trabalhos avulsos, todos eles publicados originalmente em revistas, e alguns depois enfiados em livros, notadamente na série intitulada *Estudos Brasileiros* (2 volumes, 1889 e 1894).

Os folcloristas brasileiros não desconhecem o notável esforço dos três primeiros grandes críticos de nossa literatura em chamar a atenção para a cultura popular. Tanto Sílvio Romero, como Veríssimo e Araripe Júnior verificaram, com rara acuidade, a necessidade de nossos escritores se voltarem para o rico patrimônio cultural popular, através do qual poderiam realmente fazer a literatura brasileira autêntica. Da ideia à ação, esses críticos fizeram análises, estudos, pesquisas, ao mesmo tempo que pugnaram em defesa desse princípio, que foi realmente uma tese. Sílvio Romero é mais conhecido dos folcloristas. Mas também a Veríssimo — como, por igual, a Araripe Júnior — devemos render as homenagens de pioneiros nesses estudos, observando-se que Veríssimo foi possuidor de grande espírito científico e analítico. Basta verificar seu admirável estudo sobre as populações indígenas e mestiças da Amazônia, sua linguagem, suas crenças e seus costumes. Além disso, algumas pesquisas de campo, realizadas entre os Maué, revelam a penetração de elementos culturais nos aldeamentos indígenas — Veríssimo dá-nos aí um fragmento da «Nau Catarineta» e outros interessantes materiais folclóricos —, naquele amplo processo de assimilação em que a Amazônia de seu tempo — como talvez ainda hoje — era excelente laboratório de experimentos sócio-culturais. Válida, rica, pormenorizada, é a análise da poesia popular, com boa contribuição da poética marajoara, também encontrada num de seus trabalhos reunidos na primeira série de *Estudos Brasileiros*. Igualmente preciosa é a análise da religião dos tupi-guarani, que alguns estudiosos modernos acham superada em face da publicação do estudo de A. Métraux sobre a religião dos Tupinambá e suas relações com a de outras tribos tupi-guarani, esquecendo que o trabalho de Veríssimo consiste, em essência, em críticas feitas a «O Selvagem», de Couto de Magalhães.

Veríssimo, muito cauteloso em suas afirmações, exerceu sobre si mesmo verdadeiro policiamento e ao contrário da maioria dos críticos e escritores seus contemporâneos praticou, com rigor, permanente autocritica. Esse aspecto do seu caráter exige mais a leitura de seus trabalhos republicados do que as edições «princeps».

A presente publicação da Universidade Federal do Pará reúne vários estudos de interesse folclórico e é ele quem defende o uso da palavra folclore no Brasil, na crítica que faz à obra de Barbosa Rodrigues — **Paranduba Amazonense ou Kochiyama-uara porandub, 1890** — que o autor poderia ter denominado, com mais propriedade, ou simplicidade, de **Folclore Amazônico**, ao contrário dessa esquisita denominação. E, sobre a palavra Folclore, Veríssimo acentuou com bastante clareza:

«Eu sei que folclore é inglês; mas adotado em todo o mundo civilizado, mesmo entre os povos mais justamente ciosos da sua língua, para indicar o estudo das tradições populares, é termo consagrado, e que ninguém desconhece».

Nem todos os estudos de Veríssimo sobre folclore amazônicos foram reunidos nesta publicação da Universidade Federal do Pará. Mas, o que se encontra nestes **Estudos Amazônicos** é suficiente para mostrar o interesse do crítico pela matéria e tornar acessível aos leitores de hoje parte da rica contribuição que ele deu aos estudos do folclore amazônico. A seleção atendeu a outro critério, de natureza mais geral, a fim de mostrar o sadio regionalismo de José Veríssimo, como bem acentuou o Prof. Aloysio da Costa Chaves, Magnífico Reitor da Universidade Federal do Pará. A apresentação, do Prof. Arthur César Ferreira Reis, presidente do Conselho Federal de Cultura e diretor da Coleção Amazônica da UFP, situa Veríssimo no seu tempo e a liderança intelectual que ele teve no Pará, em especial através da «Revista Amazônica».

Esta Revista se sente motivada para dar oportunamente aos seus leitores retrato mais amplo das atividades científicas de José Veríssimo, focalizando, em particular, o folclorista.

Mário Souto Maior, **Cachaça**. [Rio de Janeiro] M.I.C., Instituto do Açúcar e do Alcool, Divisão Administrativa, Serviço de Documentação, 1970/71, 203 pp. (Coleção Canaveira, 3).

História, humor, medicina empírica, proibições, religião, serenata, sinonímia, sociologia e outros aspectos da aguardente no Brasil, eis a síntese do conteúdo deste livro de Mário Souto Maior, poeta e folclorista pernambucano, que se apresenta no 3º título da Coleção Canaveira, editada pelo Instituto do Açúcar e do Alcool, com prefácio de Claribalte Passos, capa de H. Estolano e xilogravuras de José Costa Leite.

O Instituto do Açúcar e do Alcool vem se destacando, entre as diversas autarquias brasileiras, por seu programa cultural, tanto através de sua revista — «Brasil Açucareiro» — como pela publicação de livros, tendo criado a «Coleção Canaveira» com o objetivo de divulgar estudos relacionados com

a agro-indústria canaveira, em seus aspectos sociológicos, históricos, folclóricos, técnico-informativos, enfim, sob todos os ângulos desta graminea, que, afinal, sempre esteve ligada à história de nosso País, com grandes reflexos nos eventos sócio-econômicos e na formação cultural do nosso povo, como bem acentua o jornalista Sylvio Pélica Filho.

O estudo de Mário Souto Maior, bem conduzido e bem orientado, mostra múltiplos aspectos folclóricos da cachaça, sempre presente na vida do nosso homem, em todas as épocas e nas mais diferentes regiões, concentrada, porém, no Nordeste, onde tem motivado a produção de apreciável bibliografia. Certamente, não se distingue pelo ineditismo dos temas — e o assunto já foi amplamente tratado por outros folcloristas, inclusive pelo saudoso Joaquim Ribeiro — mas por sua perfeita regionalização. Riquíssima é, por exemplo, a matéria ligada à literatura oral, o que, na verdade, é quase o centro do universo pesquisado por Mário Souto Maior — com boa margem de exceção para usos e costumes —, assunto talvez do seu maior interesse. Por isso, sentimos a ausência de outros temas muito significativos, como por exemplo, as danças, as folganças dos engenhos e dos canaviais, cantigas de trabalho, e mesmo chegamos a duvidar seja tão pobre o folclore da cachaça relativo a outro tema muito interessante, que é sem dúvida o relacionado aos adágios e adivinhações. Mas é preciso acentuar — e com isso descontamos este pequeno reparo — que o universo pesquisado se limita ao nordeste, ou melhor, a Pernambuco, portanto a espaço geográfico reduzido e à bibliografia também reduzida que encontrou sobre o assunto. Vale a pena o próprio autor insistir no tema, ele que já se revelou pesquisador atento e minucioso, pois há de encontrar um rico filão, naquela mesma direção que permitiu ao seu conterrâneo Mauro Mota encontrar abundantíssimo material de provérbios, adágios e ditos referentes a animais para compor o seu **Os bichos na fala da gente** (Recife, 1969).

Depois do **Prelúdio da Cachaça**, de Câmara Cascudo, temos este «Allegro sforzando con brio», de Mário Souto Maior, dando seguimento à coleção que se desenvolve como certo esquema musical, não faltando mesmo «adagio» adocicado, já composto por Gilberto Freyre. Que estranha sinfonia! E vale, para mostrar a riqueza deste folclore, e as suas múltiplas sugestões sociológicas e estéticas, finalizar esta nota transcrevendo os versos de José Adão Filho, cantor de pouca instrução, mas que já em 1927 filosofava admiravelmente:

«Antigamente quem bebia
Era o negro ou o mulato
Mas hoje gente de trato
Bebe de noite e de dia
Homem de categoria
Tenho visto acontecer
Na rua tonto pender
Dando passadas sem prumo!
Se os grandes lhe dão consumo
Não é defeito beber!»

Francisco Sparta, *A Dança dos Orixás*; as relíquias brasileiras da Afro-Ásia pré-bíblica. São Paulo, Editora Herder, 1970. 289 pp.

À primeira vista, mais um livro abordando a temática dos cultos brasileiros de motivação e/ou inspiração africana. Trata-se porém de pesquisa de campo nos terreiros de Salvador e Recife, com método bem conduzido e bem realizado por um especialista que esteve por dez anos na África e já se encontra entre nós há quatro anos. Poder-se-ia indagar: este período de contacto com a realidade brasileira é suficiente para um autor estrangeiro penetrar em profundidade nos intrincados caminhos dos nossos cultos fetichistas? Sparta não se intimidou frente a possibilidade de indagações dê-se tipo e, em especial, pela sua condição de sacerdote, fator inibitório que não poucas vezes tem prejudicado certas investigações, a exemplo do tão citado Étienne Ignace Brazil, nos idos de 1910-12; fator prevalentemente de certas prenoções, doença infantil dos antropólogos e sociólogos em geral, menos prudentes, diagnosticada, como se sabe, por Émile Durkheim. Por isso, certa desconfiança generalizou-se entre os especialistas e entre aqueles que procuram ser absolutamente imparciais frente a problemas de cultura desta espécie.

Mas abrindo e lendo atentamente este livro, de leitura tão agradável, cercado de profundas reflexões antropológicas, que encontramos afinal? Uma abordagem sincera do que acontece no Brasil do Século XX com exemplos e paralelos tirados da literatura grega de 500 a. C., e com largo apoio da bibliografia brasileira, antiga e moderna, não apenas a abonar sua atitude simultaneamente de compreensão e de crítica, ao fenômeno, para elevação de nosso povo, e aos antropólogos que o precederam, para abrir novas perspectivas ao estudo de nossa cultura, e a nossa própria aculturação, utilizando outras categorias críticas, inspiradas na teologia pós-conciliar.

De fato, Sparta procura tanto quanto possível deixar ao leitor a formulação de juízo sobre algumas situações e, para isso, evita interpretações, embora coloque, de início, sua posição no que diz respeito às chamadas «religiões naturais» e suas origens, debatendo, rapidamente, as idéias das várias escolas antropológicas e dos escritores de religiões primitivas. Não poderia ser de outro modo já que todo estudo, conduzido por estes princípios, tem fundo moralista e visa sempre a elevação espiritual da sociedade. A obra discute fundamentalmente o culto fetichista nas suas formas africanas e caboclas, estas principalmente ameríndias, excluindo geralmente as formas da umbanda, mais recentes e às vezes até mais sofisticadas. Como forma de culto fetichista constitui um enclave nas concepções religiosas mais gerais de nosso povo, sincretizada e sincretizável na medida em que seu comportamento permanecer, em largas faixas das populações que os praticam, como forma peculiar de «apelação» para resolver seus problemas e vicissitudes. Não constitui absurdo considerar tais práticas ainda ligadas aos fenômenos de natureza folclóricas. E os autores, em geral, têm procurado atribuir ao fenômeno estrutura quase exclusivamente religiosa, problemática religiosa, inspirados certamente nos aspectos «ritualísticos» que o cercam. Sparta, pru-

dentemente, preferiu, muitas vezes, em suas conclusões, adotar o tom dubitativo, certo de que aos futuros pesquisadores, uma vez desvendados os pontos obscuros, caberá passar sem medo para o tom afirmativo. Esta resenha não visa porém apontar erros e descuidos — o que aliás o A. espera e agradece que o façam —, mas apenas apreciar uma nova contribuição ao estudo do fetichismo afro-brasileiro, área que tem sido evitada pelos folcloristas, mas que lhe compete também intervir considerando o folclore o domínio coletivo da cultura. Aos sociólogos e antropólogos cabe discutirem alguns problemas específicos, como o de aculturação ou os fatos indutíveis da realidade social brasileira, entre eles o que se aponta como, através dessas práticas, persistir, entre as camadas negras de nossa gente, uma espécie de altivo isolacionismo.

A teologia pós-conciliar tem permitido uma serena e esclarecedora avaliação da inclinação religiosa de nossa gente. E o que se conclui de positivo da leitura do livro de Francisco Sparta, que, além disso, nos oferece magnífico método de exposição das conclusões de uma pesquisa profunda e sistemática.

Zila Mamede, Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual 1918/1968. Natal, Fundação José Augusto, 1970. 2 vols. 1043 pp.

Aos 70 anos de idade, Luís da Câmara Cascudo comemorou — com todo o Brasil intelectual — também 50 anos de atividades literárias. O que tem sido essa intensa produção de escritor, historiador, folclorista, crítico, etnógrafo, antropólogo, sociólogo, além de professor universitário, se reflete como uma das mais fecundas criações individuais em nosso país. E foi essa obra, de largos horizontes, sem dúvida, que Zila Mamede pesquisou ao longo de quatro anos e meio, não sem tropeçar inúmeras dificuldades, para nos dar uma bibliografia anotada de e sobre Luís da Câmara Cascudo que abrange, exatamente, meio século de atividade literária do escritor.

Trabalho da maior utilidade, feito com rigoroso critério bibliográfico, o que não falta, inclusive, minucioso índice de assuntos de obras de Luís da Câmara Cascudo ou sobre o escritor, a homenagem que a autora quis prestar ao escritor no seu jubileu literário, na aparente aridez de uma bibliografia exaustiva, é na verdade um retrato integral, de corpo inteiro, do escritor e de sua capacidade de trabalho.

À autora o próprio homenageado concedeu longa entrevista escrita, que ela transformou na narrativa introdutória ao seu trabalho, mantendo entre aspas ou com grifo algumas palavras, frases ou trechos do texto original da entrevista.

Embora editado pela Fundação José Augusto, de Natal, a Editora Nosso Tempo, da Guanabara, encarregou-se da produção gráfica e firma as

«orelhas», revelando como Zila Mamede conseguiu realizar esse trabalho extenuante, tarefa de artesanato silencioso e humilde, desprovido dos meios e recursos necessários num meio tão difícil à pesquisa científica, como o Brasil e que só pôde vir a lume, em 1970, graças à Fundação José Augusto, que lhe adquiriu os direitos autorais.

Rubens de Mendonça, *Sagas e Crendices da Minha Terra Natal*. Cuiabá, 1969. 68 pp.

O historiador e folclorista matogrossense Rubens de Mendonça reuniu neste volume estórias e figuras do folclore de sua cidade natal, Cuiabá, para dar-nos, nesse conjunto, feições da mentalidade popular, quer aproveitando personagens míticos ou lendários, quer relatando episódios criados pela imaginação popular, para explicar fatos e coisas da vida local.

Muitos dos tipos são conhecidos e divulgados em todo o folclore brasileiro, quando não na de outros países, como o Lobisomem, mas, mesmo esses, têm sempre traços peculiares em cada local onde surgem.

A parte mais interessante do livro de Rubens de Mendonça é, sem dúvida, a dos episódios, sobretudo porque está ligada à história local. São milagres, fatos lendários, acontecimentos imprevistos, estórias fabulosas provindas todas da fecunda imaginação da gente do povo.

Essas coletas são sempre muito úteis, porque ajuntam feições particulares a fatos folclóricos que perduram e se transformam através do mundo de variantes que os cerca.

De fato, somente a tradição oral acolhe, registra e transmite a infra-história, os relatos que permitem a avaliação significativa dos acontecimentos históricos. E neste livro, dedicado ao pentacinqüentenário de Cuiabá, obra de inteligência e amor, mais uma vez se delineia a figura de uma babá como elo entre o presente e o passado, fazendo os relatos fantasiosos que são as lendas, as sagas. Das várias que o Autor apresenta — e lhe foram contadas por Nhá França ou transcritas de outros autores — muitas se constituem em fundo popular do qual a realidade se projeta, enquanto, na segunda parte, despontam crendices e mitos, dentre estes o Tibanará, de feição regional.

Rubens de Mendonça, *Ruas de Cuiabá*. Goiânia, Editora Cinco de Março, s.d. 147 pp.

Novamente o escritor matogrossense e desta feita ele nos traz a história e a estória das ruas de Cuiabá, sua cidade natal, propiciando uma narrativa

plena de conotações históricas e de tradições populares. Muitos dos seus nomes primitivos, com sabor colonial e toque português, ainda se mantêm, enquanto outros foram substituídos por diversas razões.

O trabalho tem início com a inauguração da Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá e o competente pelourinho, em 1º de janeiro de 1727, pelo Governador e Capitão-General de São Paulo, Dom Rodrigo César de Menezes; mas só quatro anos depois lhe seriam demarcadas as léguas de seu domínio de terras, base de sua organização econômica.

Names de heróis, lembranças de feitos gloriosos e locais de ações bélicas da guerra do Paraguai se confrontam com os ligados aos bandeirantes, ao ciclo do ouro e aos vultos notáveis do Estado e do Brasil. E na descrição das ruas são narradas as festas do Divino, de São Benedito, as toureadas bem como as lendas religiosas em torno do Bom Jesus, de N. S. do Carmo — padroeira do forte de Coimbra — e outras da mineração. A poesia popular e a erudita rimam sobre vários assuntos e inúmeras fotografias enriquecem esta obra de intensa brasilidade.

Herta Loell-Scheuer, *Estudo de um núcleo de cerâmica popular*. In: «Arquivos do Museu Paranaense», Nova Série. Etnologia, nº 1. Curitiba, outubro de 1969.

Situa-se na margem esquerda da Barra do Rio dos Medeiros, Baía das Laranjeiras, no Estado do Paraná, a povoação Pôrto dos Medeiros, aglomerado humano que se distribui nas suas 22 habitações. Ali, os homens dedicam-se à pesca. As mulheres, manufaturam trançados e cerâmica.

Herta Loell-Scheuer, hoje radicada em São Paulo, especializou-se no estudo da cerâmica popular. E foi surpreender naquele esquecido núcleo de pescadores do litoral paranaense essa atividade ergológica, certamente muito pobre, muito despretensiosa, denotando alguma influência indígena tanto na técnica da confecção como na ornamentação. Entretanto, por menos desinteressante que possa parecer, esteticamente, certos trabalhos artesanais, não há dúvida que se condicionam ao meio ambiente e possuem sempre valor utilitário, traduzindo função social, o que justifica sua análise exatamente naquilo que tem de humano, como expressão do trabalho humano.

A tradição ceramista local sofreu influências externas, talvez mais intencionalmente da área de São Francisco (município de São Sebastião, S. Paulo), outrora florentina, e conserva, nas mãos femininas (os homens apenas «colaboram» na busca da matéria-prima e na queima) aquela monopólio que tanto reflete a divisão social do trabalho das tribos indígenas brasileiras, como também de culturas alóctones. Parece-nos não ter ficado bastante claro a combinação dessas influências, nem tampouca a caracterização étnica, já

Cadernos Henriqueta Galeno. Comissão Cearense de Folclore, nº 1, 1970.

que se pretende ligar tais atividades no sul do país, tão pouco conhecidas ainda, aos estudos das culturas neo-brasileiras, palavra que, na linguagem dos antropólogos, tem significado preciso. Parece-nos também que a técnica de confecção combina tradições indígenas e alóctones: a modelagem pelo processo dos «rolinhos» (aliás técnica universal) de um lado e, do outro, o uso da «tárno». Pelas ilustrações que abonam o texto, acentuam-se, ainda mais, as dúvidas do leitor.

É possível que a autora, que já possui farto documentário sobre o objeto de suas pesquisas, nos dê, em futuro, novos e precisos esclarecimentos.

Expande-se no Brasil a rede de publicações especializadas em folclore sob o patrocínio das comissões de folclore, num salutar esforço de divulgação. Chegou a vez do Ceará, Estado de tão largas tradições e onde tantos folcloristas se fizeram presentes em nossa disciplina, inaugurando, em 1970, a série dos **Cadernos Henriqueta Galeno**, sob a chancela da Comissão Cearense de Folclore, trazendo dois trabalhos de folcloristas brasileiros e que interessam, em particular, à história e desenvolvimento da disciplina no Ceará, através do estudo de dois grandes vultos: «Juvenal Galeno e a sua fidelidade à poesia», por Renato Almeida; e «Gustavo Barroso e o folclorismo nacional», por Joaquim Ribeiro, trabalhos apresentados em Fortaleza em julho de 1963, quando da realização do V Congresso Brasileiro de Folclore.

A Comissão Cearense de Folclore enfileira-se assim entre as comissões estaduais que apresentam como credencial a publicação seriada, embora não rigorosamente periódica, de boletins e cadernos. E esta série homenagem o nome da saudosa Henriqueta Galeno, cuja dedicação à causa folclorística no Brasil, e em especial à cultura cearense, é bem conhecida: Henriqueta fundou e dirigiu por 45 anos a **Casa de Juvenal Galeno**; dirigiu igualmente, desde sua fundação até que faleceu, a **Comissão Cearense de Folclore**. Nada mais justo portanto o título que a Comissão Cearense de Folclore escolheu para denominar o seu órgão oficial, onde serão divulgados, agora, resultados das pesquisas dos folcloristas cearenses no terreno do folclore. O segundo Caderno aparecerá brevemente, trazendo colaboração dos membros da comissão: «Nota prévia ao Atlas linguístico e folclore do Cariri», do Dr. Florival Seraine; «Uma rima de Zé de Matos», de F. S. Nascimento, e «Amuletos das crianças proletárias de Fortaleza», do dr. Jôsa Magalhães.

COLEÇÃO «FOLCLORE BRASILEIRO»

Publicações da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, a nova série Coleção «Folclore Brasileiro» inclui pesquisas de campo, manuais, livros técnicos, etc. Panorama geral da Ciência do Folclore no Brasil que, juntamente com a REVISTA BRASILEIRA DE FOLCLORE constituirá, em sua biblioteca, uma estante de publicações especializadas.

Lançados, nesta Coleção, os seguintes volumes :

- 1 — Renato Almeida, MANUAL DE COLETA FOLCLÓRICA, 1965, destinado aos jovens pesquisadores, ensinando-lhes como proceder a coleta, fazer a localização de fatos folclóricos e fornecer elementos para que os especialistas procedam a investigações em profundidade e possam elaborar o mapa de nossa cultura popular. Preço, incluindo despesas da remessa, Cr\$ 5,00.
- 2 — Katarina Real, O FOLCLORE NO CARNAVAL DO RECIFE, 1967, pesquisa de campo e tipologia dos clubes carnavalescos do Recife, agrupados em 13 tipos característicos. Obra ilustrada com 4 fotografias coloridas e 9 em preto-e-branco. Preço, incluindo despesas da remessa, Cr\$ 6,00.
- 3 — O FOLCLORE DO LITORAL NORTE DE SÃO PAULO. 1º Volume. Pesquisa de campo realizada pela equipe da Comissão Paulista de Folclore, dirigida pelo Professor Rossini Tavares de Lima, para a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. Vasto panorama do folclore do litoral norte de São Paulo, em vários volumes e fartamente documentado. Preço, incluindo despesas da remessa, Cr\$ 10,00.
- 4 — CERÂMICA POPULAR DO NORDESTE, pesquisa de campo realizada pela equipe do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, dirigida pelo Prof. Hermilo Borba Filho, feita especialmente, mediante convênio, para a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. Abrange a área de cinco Estados nordestinos: Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Obra fartamente ilustrada. Preço, incluindo despesas da remessa, Cr\$ 10,00.
- 5 — FOLCLORE DE JANUÁRIA, pesquisa de campo coordenada e dirigida pelo Professor Joaquim Ribeiro na região de Januária, Minas Gerais. Preço, incluindo despesas da remessa, Cr\$ 10,00.

O Dia do Folclore

O «DIA DO FOLCLORE, COMEMORADO em 22 de agosto em todo o mundo, recorda a data em que foi lançada a palavra *Folk-lore*, em 1846, através da revista londrina *The Athenaeum* pelo arqueólogo inglês William John Thoms.

No Brasil, oficializada pelo Decreto n.º 56 747, de 1965, as comemorações se estendem a todo o território nacional e em alguns Estados se realizam programação mais extensas, abrangendo uma «Semana de Folclore» ou mesmo um «Mês do Folclore», como ocorre em São Paulo.

Festivais, palestras, exposições, trabalhos escolares e muitas outras atividades são realizadas durante o mês de agosto, especialmente no dia 22, a Data Nacional do Folclore.

A importância nacional desta comemoração e o crescente interesse que vem despertando nos círculos oficiais, onde se cultua o Folclore, e nos meios escolares do País, onde a disciplina tem encontrado o maior apoio de mestres e alunos, permitem-nos transformar o vasto noticiário reunido no Documentário do presente número da REVISTA BRASILEIRA DE FOLCLORE.

Alagoas

As comemorações alagoanas deste ano foram organizadas pelo Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e Departamento de Ciências e Cultura da Secretaria da Educação e Cultura, em combinação, ainda, com a Comissão Alagoana de Folclore.

Vasto programa foi elaborado, tendo início às 14h do dia 21, com palestra proferida pelo professor Theo Brandão sobre a origem e o significado do Auto «Guerreiro», que se exibiu na ocasião, e apresentou depois o professor Luiz Sávio Almeida, diretor do Departamento de Ciências e Cultura da Secretaria de Educação, que pronunciou palestra acerca da Pesquisa das Artes Populares.

Também no dia 21 foi inaugurada uma exposição sobre arte popular no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Alagoas, pelo coordenador do IFCH, cônego Hélio Lessa Souza. A mostra foi montada pelo Departamento de Ciências e Cultura.

As comemorações do Folclore em Alagoas decorreram durante a semana de 21 a 27 de agosto, no decorrer da qual foram cumpridas várias demonstrações de folguedos e autos populares.

Durante a «Semana» foi lançado mais um número do Boletim da Comissão Alagoana de Folclore, editado pelo Departamento de Ciências e Cultura.

Bahia

Sem qualquer programação especial o dia do folclore foi, entretanto, celebrado nas escolas, onde os alunos fizeram trabalhos escolares alusivos à data, ressaltando-se ainda o espetáculo organizado pelos alunos do Ginásio Lomanto Júnior, com motivos folclóricos da Bahia e a festa organizada pela Prof.^a Vanda Maria de Menezes Tosta, diretora da Escola Simões Filho; a Semana de Folclore, organizada pelo Grupo Escolar Anfilóbio de Carvalho, subúrbio de Periperi, Salvador; a comemoração da Escola Anexa ao Instituto Educacional Gastão Guimarães, no dia 28 de agosto.

A SATURSA fez uma exposição de vestimentas do conjunto «Vivabahia».

Brasília

Na Capital da República, foi realizado, de 27 a 30 de agosto, o VII Festival Folclórico, que contou com representações de 6 Estados: Rio Grande do Sul, Bahia, Paraná, Minas Gerais e Pará, além das representações do próprio Distrito Federal. O festival teve início com a inauguração da exposição de artesanato na Casa de Chá da Praça dos Três Poderes, seguindo-se, nos dias sucessivos, palestras e apresentações de danças típicas na Concha Acústica. O festival encerrou-se com apresentação de todos os grupos participantes: Aruanda (MG), Gaúchos (RS), Viva a Bahia (BA), Grupo Étnico do Paraná (PR), Grupo Folclórico do Pará (PA) e São Gabriel (RS). Abrindo o ciclo de conferências, o Prof. Caio Flávio Prates da Silveira fez uma palestra sobre o tema «Alguns Aspectos do Folclore Gaúcho», no auditório da TV Nacional; Prof. Waldemar Henrique, diretor do Teatro da Paz, de Belém do Pará, falou no dia 30 sobre «A Influência do Folclore na Música Brasileira» e foi encerrado pela prof.^a Laura Della Mônica, falando sobre «Artesanato e Folclore».

Ceará

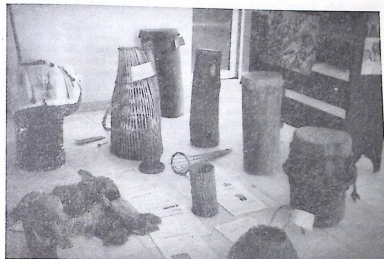
O Dia do Folclore foi lembrado pela imprensa de Fortaleza e em alguns estabelecimentos de ensino, entre eles o Colégio Lourenço Filho, que convidou o poeta Nery Camelo para proferir duas palestras, no dia 21, às 10 e às 19 hs.

Espírito Santo

O dia nacional do Folclore foi comemorado com várias solenidades nos diversos grupos escolares da área da Grande Vitória, numa promoção da Secretaria de Educação e Cultura.

Uma exposição de peças do folclore capixaba foi instalada no hall do Edifício Fábio Ruschi, em Vitória. A mostra, organizada pelo Professor Hermógenes Lima Fonseca, da Comissão Espiritossantense de Folclore e responsável pelo Museu Folclórico de Vitória, reuniu mais de 100 objetos e foi inaugurada no dia 25 de agosto.

Na cidade de Conceição da Barra, no Dia do Folclore, foi instalado o «Centro de Tradições Barrenses», que tem como finalidades: — a) promover: 1. Folguedos populares e as dramatizações do Alardo, Reis-de-boi, Baile-de-congo, Pastorinhas, Marujadas e outras; 2. Comemorações de datas cívicas nacionais, estaduais e municipais; 3. Conferências de cunho cultural; 4. Divulgação



Peças do folclore capixaba expostas durante a «Semana de Folclore»-1970.

de notícias do município com a finalidade de atração turística; — b) Organizar: 1. Museu folclórico; 2. Exposição permanente de artesanato; 3. Exposição de trabalhos literários e artísticos de filhos da terra que se projetarem no campo das artes e letras; 4. Publicação de dados da história do município; 5. Estudos de antropologia e arqueologia da região.

O Centro já está em atividades, com seus estatutos devidamente aprovados em Assembléia Geral de Fundação que se realizou no dia 22 de agosto, data Nacional do Folclore.

Goiás

Goiânia e Anápolis celebraram a passagem do Dia do Folclore no Estado de Goiás. Na capital, de 17 a 22 de agosto, foi realizada a Semana do Folclore, promovida pelo Departamento Estadual de Cultura, Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal e Universidade Católica de Goiás.

A Semana foi instalada às 20h do dia 17 no auditório da FIEG com a apresentação do «Concerto dos Sapos» pelo Coral e Orquestra de Pirenópolis, regida pelo maestro Wilson Braz e instalação no Palácio da Cultura da «Feira de Artesanato», organizada pelo prof. Amauri Menezes, da Faculdade de Artes da UG. Na sessão solene, realizada na Federação das Indústrias, foi pronunciada conferência pelo Reitor da Universidade de Goiás, P.e Cristóbal de Alvarez, com presença de inúmeras autoridades. Nos dias 18 e 19, o antropólogo João Batista Borges Pereira, da Universidade de São Paulo, a convite do Instituto de Antropologia da UG, pronunciou conferências, ainda no auditório da Federação das Indústrias. No dia 20, falou o arqueólogo Prof. Igor Schmys, da Universidade Federal do Paraná e, no mesmo dia, às 20h, na sede e no Auditório do Museu Estadual, foi feita apresentação da «Dança de Congos» (Congada) por grupos da Cidade de Goiás e com apresentação da professora Regina Lacerda; no dia 21, o programa constou de uma «mesa redonda», também na FIEG, pela manhã e à noite os professores Egon Schaden, antropólogo da Universidade de São Paulo, e outros estudiosos do assunto; no mesmo dia, foi feita também uma exibição da «Dança da Catira», no auditório do Museu Estadual, com apresentação de Regina Lacerda.

O encerramento das festividades, a 22 de agosto, contou com a participação de Regina Lacerda e do Coral «Vocalistas Goianos» formado por membros da Organização Vilaboense de Artes e Tradições, da antiga Capital, comandados por Eder Camargo de Passos, solenidade realizada no auditório do Museu do Estado.

Guanabara

A Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro programou a celebração do *Dia do Folclore* nas escolas, distribuindo farto material didático a professores e estudantes. Durante a Semana, as solenidades constaram de:

Dia 19, às 16h, inauguração de exposição folclórica na ABI, organizada por Maria Célia Negreiros, chefe do Departamento de Cultura da ABI e a equipe do Museu do Folclore, do Parque do Catete, com Nair Moussatché Cambi, Lúcia van Velthen e Luiz Fernando Ribeiro. A inauguração foi feita pelo Prof. Renato Almeida, diretor-executivo da Campanha. Cerca de 70 peças representaram dez Estados na exposição.

Dia 21, às 18h, inauguração de exposição do *Negro, elementos folclóricos*, no Museu do Folclore, um dos órgãos do Museu Histórico Nacional instalados no Parque do Catete, seguindo-se exibição de Capoeira.

Dia 22, às 16h, apresentação no auditório do Instituto de Educação de Boi-de-Mamão (Santa Catarina), demonstração organizada e dirigida pela Professora Kleide Ferreira do Amaral Pereira, com alunos dos Institutos Padre Severino e Stella Maris, da Fundação Nacional do Bem Estar do Menor. A exibição foi precedida de palestra sobre folclore aplicado à educação pronunciada pelo professor Renato Almeida.

Encerrando as atividades da Semana do Folclore na Guanabara, ainda no dia 22, a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro promoveu a exibição do Grupo Folclórico «Postais da Bahia», sob a direção do popular Renato Manuel Ferreira, na Praça do Lido, em Copacabana, às 20h. O grupo apresentou os seguintes folguedos: Samba de Roda, Samba de Umbigada, Puxada do Xaréu, Maculelê de Bastão, Maculelê de Fação e Capoeira.

△

O Centro de Tradições Gaúchas «Estância dos Gaudérios» realizou, no dia 21, às 20h, um festival folclórico no Auditório de «O Globo».

△

Em cerimônia realizada no salão nobre do Palácio Guanabara, no dia 26 de agosto, o governador Negrão de Lima e o Secretário de Educação, sr. Antônio Vieira de Mello, entregaram as medalhas Silvio Romero, a vários benfeitores do folclore brasileiro.

Entre os agraciados com a medalha Silvio Romero figura o ex-governador José Sette Câmara, o reitor João Lira Filho, o professor João Calmon, o ministro Jarbas Passarinho, escritores, artistas de rádio e televisão, folcloristas e jornalistas. Ao fazer a entrega das medalhas, o governador Negrão de Lima disse que todos a mereciam pelo trabalho que fizeram e fazem em benefício do folclore brasileiro. Em nome dos agraciados, falou o Ministro Antônio Cândido Pinto Romero, que começou evocando a sua descendência do Patrono da Medalha, Silvio Romero, justamente considerado o pai do folclore brasileiro, por ter sido o primeiro, no Brasil, a se consagrar à pesquisa do populário nacional e mostrar a sua importância na formação cultural do país, particularmente no plano da criação literária.

Abordou vários aspectos da sabedoria folclórica, destacando o seu significado, como expoente da alma do povo, e daí a importância que adquire no

ensino, como normativo das tendências e pendores de um país, através das expressões primitivas, da ciência empírica e da arte espontânea, que revela.

Salientou o sentido educacional do Folclore, merecendo assim o relevo que dava o Governo da Guanabara, e do qual aquela solenidade era um alto e expressivo testemunho.

△

As celebrações do *Dia do Folclore*, logo sucedidas pela comemoração do *Dia da Independência* e *Semana da Pátria*, quando o folclore se fez presente em vários atos cívicos, tiveram repercussão e alcançaram a Assembléia Legislativa da Guanabara que dedicou sessão especial, no dia 10 de setembro, para comemorar a data nacional do folclore, por sugestão do deputado Mário Saladini. A solenidade, realizada durante o Grande Expediente, compareceram o Secretário de Educação, Sr. Antônio Vieira de Mello; o diretor-executivo da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, Professor Renato Almeida; o presidente do Instituto de Professores Públicos e Particulares e membro do Conselho Estadual de Cultura, Sra. Laudimlia Trota, além de artistas e outras personalidades. Assumiu a presidência, no impedimento eventual dos membros da Mesa, o Sr. Deputado Levi Neves, que designou os Deputados Carvalho Neto e Mário Saladini para introduzirem no plenário o Dr. Antônio Vieira de Mello, Secretário de Educação, representando o Sr. Governador do Estado; Dr. Renato de Almeida, Diretor da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro e Professora Laudimlia Trota, membro do Conselho Estadual de Cultura e Presidente do Instituto de Professores Públicos e Particulares, e bem assim o ilustre jornalista JFG. (Pausa).

Estando composta a Mesa para se prestar homenagem ao «Dia do Folclore», o presidente concedeu a palavra ao Deputado Mário Saladini, que assim se pronunciou:

«De longa data se prolonga a idéia de se procurar meios para se fazer do Turismo na Guanabara uma indústria de base. Vários são os países, Sr. Presidente, que não possuindo a ínfima parte do que, mercê de Deus, nós possuímos e no entanto são muito mais adiantados do que nós no problema turismo.

Não quero aqui, apenas me valer de nossas belezas naturais, já cantadas e decantadas em verso e em prosa por todo o território brasileiro e fora dele.

Gostaria hoje de me ater um pouco mais profundamente na riqueza imensa que possuímos com o nosso Folclore por onde se transmite, através dos séculos, os mais sadios costumes de nossa gente, pois nele encontramos uma legítima forma de se conservar as tradições de nosso povo, quer na variedade de seus hábitos, quer nas variações das várias regiões onde se encontram.

O Brasil é um país de extensão continental, e desde o Norte com o «Zé Pereira, e Bumba meu Boi» até o Sul com a Dança dos Facões o Folclore brasileiro é de uma riqueza sem similar no mundo inteiro. É válida ainda a citação como elemento da formação do nosso folclore a Festa da Rosa em São Paulo ou a Festa da Uva no Rio Grande do Sul.

Allás, condensando-se definições clássicas, Folclore significa um conjunto de modos de sentir, pensar e agir próprios às camadas populares, nas sociedades civilizadas.

Portanto também vamos encontrar o Folclore na alimentação, na doçaria, nas aguardentes, na culinária, como por exemplo, no caruru e no vatapá da Bahia, no tacacá do Pará, no arroz de cuxá do Maranhão, no barreado do Paraná, no churrasco do Rio Grande do Sul etc.

Vamos encontrar Folclore nas armadilhas de caça e pesca à pirapema, ao peixe-boi, ao mamará e ao xerem.

Vamos vê-lo na medicina de chás, pomadas, rezas e benzimentos.

No comércio, como por exemplo o flutuante do Amazonas, no carro de bois, no boi de sela do Marajó.

Existe sim folclore nas cerimônias rituais, nos amuletos (olhos de botos, figas, patuás etc...), nas ladainhas e procissões para pedir chuvas, tudo isto escolhido ao acaso num milhão de manifestações diferentes, constitui, afora os elementos já mencionados, matéria de folclore.

Vale aqui uma citação ao escravo brasileiro, que oriundo dos rincões africanos contribuiu de maneira exuberante para a formação do nosso folclore. A formidável contribuição que legaram à música popular, à literatura e à sociedade, às artes e a poesia. Tudo isso representa valor infelizes que vieram à força das terras quentes da África para as quentes terras do Brasil, esses homens, mulheres e crianças sofredoras, sentimentais e também rebeldes, que no tronco, penando, na lavoura, produzindo ou nos quilombos, lutando, traçaram para o futuro, juntamente com os índios, seus irmãos na desgraça, e com os portugueses, algozes das duas raças mas que ofereceram uma verdadeira fábula em riqueza para o folclore brasileiro.

Ninguém, hoje, pode desconhecer que a presença do negro ficou indelévelmente gravada em todos os setores da vida brasileira: na política, nas artes, nas letras, na religião, nos hábitos e costumes do povo.

A influência mais notável do negro foi no nosso idioma, dando à nossa língua muitos vocábulos musicais; jiló, berimbau, angu, banzo, samba, dendê, macumba, mandinga, fubá, etc. Jacques Raimundo num livro de grande erudição filosófica, estuda os vários léxicos trazidos da África. Renato de Mendonça chega a classificar, em livro sobre o assunto, as regiões lingüísticas africanas e sua ressonância no português do Brasil. É das suas tradições que desponta a parte mais bela do folclore nacional. «O negro é um artista por excelência afirma Arthur Ramos.» E no Brasil ele firmou esta qualidade. Na dança, na música, na escultura, a sua contribuição foi das mais importantes. Não foram só as religiões e cultos negros que sobreviveram no Brasil. As suas instituições sociais, os seus hábitos e costumes, as peripécias de sua vida no Continente Negro, os seus autos de caça de guerra, de amor, tudo isso tornou-se sobrevivência folclórica no Novo Mundo». Gilberto Freyre, em «Casa Grande & Senzala», vai mais longe: A influência africana vai até os temperos de nossa cozinha, à

afetividade amorosa na negra da senzala ao senhor de fazenda ou engenho, com a tradição de amor puro do Pai João, decantado por vários poetas, como Jorge de Lima e Ciro Costa.

Também na pintura, na escultura e arquitetura os negros deixaram as marcas de sua passagem. Quando chegaram escravizados ao Brasil trouxeram as tradições culturais e artísticas da raça. Descendentes dessa raça foi Aleijadinho, filho de negra cativa com português, cuja obra hoje é patrimônio do povo brasileiro e desafia a revolução dos tempos. Negros e mulatos, em todas as épocas da formação nacional, se destacaram pelo talento e pela cultura no cenário brasileiro: artistas, poetas, escritores, advogados, médicos, engenheiros, cientistas, músicos, jornalistas e sacerdotes. Negros e mulatos foram Mestres Valentim e André Rebouças, Pedro Américo e Vitor Meireles; José do Patrocínio que, a 15 de novembro de 1889, como vereador na cidade do Rio de Janeiro, hasteou, na fachada da Intendência a bandeira da República, depois de proclamar, no plenário, o novo regime; negros e mulatos foram os maestros Francisco Braga e o Padre José Maurício; o juriconsulto e parlamentar Antônio Pereira Rebouças, pai de André Rebouças; Caldas Barbosa, o poeta Laurindo Rabelo, Natividade, Saldanha, o cientista Julian Moireira, Machado de Assis e Manoel Querino, o romancista Lima Barreto, o poeta Gonçalves Crespo, Teixeira de Souza e os juristas e filósofos Tobias Barreto e Tito Lívio de Castro; negros e mulatos foram o General Sotero de Sousa e o marinheiro Marçílio Dias, Theodoro Sampaio, etnólogo, geólogo e historiador baiano; o filósofo Farias Brito e o professor Hermetério dos Santos; o bispo D. Silvério Pimenta, o orador Sacro padre Fernando Passos, o criminalista Evaristo de Moraes; os poetas Cruz e Souza e Luís Gama, o compositor e pintor Heitor dos Prazeres. Descendentes de mulatos foi Rui Barbosa, o deputado Monteiro Lopes, orador popular. Hoje, negros e mulatos são juristas Evaristo de Moraes Filho e o poeta Judas Isgorogota; os etnógrafos Edison Carneiro e Vicente Lima; o pintor Barros, o mulado; o cientista Ulisses Aquino e o campeão olímpico Ademair Ferreira da Silva, o jurista e parlamentar Nelson Carneiro; o professor e deputado, nosso colega Sousa Marques; o marechal João Batista de Matos; o economista e advogado Silveira Rosa; Abdias Nascimento, no teatro, e Raimundo Sousa Dantas, como escritor e diplomata; os tricampeões mundiais de futebol Pelé, Djalma Santos, Garrincha, o poeta Trindade e os compositores Pixinguinha, Ataulfo Alves, Zé Keti, Donga e João da Balana, os cantores Silvio Caldas, Orlando Silva e Ciro Monteiro; o ator Grande Otelo e o compositor e pianista Nelson Ferreira.

Com o Projeto de Lei 574, que apresentei a esta Casa em maio de 1968, onde cria o Pavilhão Carioca do Folclore Brasileiro, prevendo um anfiteatro para danças típicas regionais, um restaurante para pratos regionais brasileiros, galeria para exposições, discoteca, salas para entidades carnavalescas etc. etc.

Com o referido projeto, temos por objetivo:

1) Atrair turistas nacionais e internacionais para a cidade do Rio de Janeiro (Guanabara);

2) Divulgar as belezas turísticas do Estado e do País, suas características próprias, sua cultura e seu desenvolvimento artístico;

3) Divulgar as músicas e danças típicas brasileiras, promovendo, inclusive, excursões (internas e externas) com essa finalidade;

4) Difundir os costumes e hábitos regionais, seu valor e sua evolução;

5) Difundir a cozinha brasileira, através de pratos típicos regionais nos mercados mais favoráveis, conforme melhor política de boa-vizinhança;

6) Manter intercâmbio com os órgãos responsáveis pelo turismo de outros Estados pelos meios viáveis de divulgação e publicidade;

7) Realizar, anualmente, o concurso da Rainha do Folclore Brasileiro, por ocasião das festividades da «Semana do Folclore» de acordo com o regulamento que vier a ser adotado.

Com outro projeto, Sr. Presidente, o de nº 937, apresentado em julho deste ano, objetivamos criar o festival da Seresta nos Estados numa tentativa válida de ajudar aos saudosistas e trazer de volta ao cenário artístico o que há de mais belo e poético no mundo das canções dos seresteiros.

Eventos esparsos e muitos raros, carentes de continuidade, provocam expansões entusiásticas dos mais crentes e devotados idealizadores do turismo, como fonte organizada de receita pública e de desenvolvimento econômico.

Um país igual ao nosso, que tem o futebol e o carnaval como promoções consagradas no mundo inteiro, atrairia, de imediato, a atenção de considerável parcela de espectadores interessados em conhecer de perto as nossas autênticas realidades. Além de eventual interesse da frequência de fatos que, não permitindo esquecer o que houve em matéria de emoção universal agregasse aqueles elementos indispensáveis para integrar-nos no grande sistema de trocas e comunicações turísticas, que cria um intercâmbio necessário e útil.

Realizamos festival internacional de canções e os seus efeitos não têm força para alcançar o objetivo almejado, com aproveitamento total, que nações especialistas nesse tipo de atividades, sem dispor de recursos, conseguem colher com empreendimentos de menor expressão.

O carnaval, festa anual de expressão categorizada, não tem merecido a mais sensata atenção dos responsáveis que se limitam, através de prepostos devotados e convites feitos a personalidades escolhidas com raríssimas exceções em grupos restritos nos setores artísticos.

Necessária se impõe dar estrutura sólida à indústria do turismo em nosso Estado. É evidente que sendo a terra carioca a meta preferida dos turistas estrangeiros e constituindo desejo e sonho dos brasileiros de visitá-la, vindo de todos os rincões, a nós cabe a responsabilidade maior de dar o impulso que falta, para firmar a pujança de uma política desenvolvimentista do turismo.

Para tal, faz-se indispensável que o Governo torne a iniciativa de criar um plano efetivo de trabalho, de modo a impor confiança e merecer apoio.

O turismo, finalmente, merece especial carinho, em termos concretos para colhermos frutos de interesse latente que as populações regionais sentem pelo Rio, seus costumes, suas atrações, suas características multiforme.»

(Sem revisão do orador)

O SR. PRESIDENTE (*Levy Neves*) — Pela ARENA falará o ilustre Deputado Gama Lima Filho, a quem tenho a honra de dar a palavra.

O SR. GAMA LIMA FILHO — Exmo. Sr. Deputado Levy Neves, na Presidência ocasional desta sessão e como que numa Presidência que se ajusta como uma luva aos seus propósitos e a muito dos seus esforços; eminente e sempre muito querido desta Casa, Secretário de Educação e Cultura, Dr. Antônio Vieira de Melo, que também é outro que não poderia deixar de estar aqui presente numa solenidade em que o povo da Guanabara, através da sua Rádio Roquete Pinto, toma conhecimento da sessão requerida pelo orador que me antecedeu na tribuna; Exma. Sra. Professora Laudimíia Trotta, que como participante e integrante do Conselho Estadual de Cultura e Presidente do Instituto de Professores Públicos e Particulares também é daquelas pessoas que não poderiam estar distantes da nossa reunião; jornalista J. F. G., de mais visitantes, porque a lista fornecida ao orador é escassa no que diz respeito aos que nos honram com a sua presença, Srs. Deputados, minhas senhoras, meus senhores.

Recebi do eminente Deputado e Professor Carvalho Neto, líder da ARENA, o encargo de trazer o pensamento da nossa organização partidária a propósito desta comemoração, numa homenagem ao Dia do Folclore. Mas eu não poderia encetar as minhas palavras sem primeiro solicitar ao eminente líder que, como aquele regente de orquestra, me trouxesse no seu diapásio o ponto de partida para os reparos que quero apresentar aqui, depois dessa verdadeira aula ministrada pelo eminente orador que requereu esta homenagem e que acaba de deixar com a musicalidade da sua expressão e também com toda expressão de ritmo e de música dos seus ancestrais e que para ele é o folclore na vida nacional.

De modo que ousaria requisitar o nobre Deputado Carvalho Neto para que, como nosso líder, me desse, como regente de orquestra, o tom em que eu devo desenvolver o que vai ser a nossa tentativa de falar a propósito do Dia do Folclore:

O Sr. *Carvalho Neto* — Sr. Presidente, o nobre Deputado Gama Lima Filho, de certo modo, quebrou o protocolo desta solenidade. Nunca acontece que o líder da ARENA ou o do MDB indique os seus representantes, na tribuna, o roteiro a seguir.

Entretanto, já que S. Ex. me fez esta chamada ao microfone, gostaria de, antes de mais nada e aproveitando o fato de estar na Presidência desta Casa o nobre Deputado Levy Neves, até há pouco, Secretário de Turismo, dizer que, relativamente a estes problemas de folclore, há um projeto de nossa autoria, que foi transformado na Lei nº 396. Nessa lei, há a indicação de que se faça na Guanabara um Festival Nacional de Folclore; assim como

o Festival Internacional da Canção, que se faz aqui no Estado da Guanabara, é orjundo da Lei nº 396, de nossa autoria; assim como todos os concursos para decoração de carnaval — e o Deputado Levy Neves sabe muito bem disto — são provenientes de lei de nossa autoria.

Atendendo à solicitação do nobre orador, apreciaria muito que S. Ex. fiasse, principalmente, no «Bumba meu boi», — porque sou piauiense e gosto muito daquela canção que, por muitos anos, serviu aqui de motivos carnavalescos — assim como nas «Gongadas», muito comuns no nordeste por ocasião do Dia de Reis.

É o que desejaría fôsse objeto da palavra do eminente Deputado Gama Lima Filho.

O SR. GAMA LIMA FILHO — Muito obrigado.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, não foi uma homenagem que prestei ao nobre Deputado Carvalho Neto pelo esforço despendido por S. Ex. a propósito da matéria que tentarei versar, na rapidez de um imprevisto, que se tem que enquadrar regimentalmente num dispositivo — tempo.

Entretanto, gostaria, com base nos pensamentos aqui expendidos por quem trouxe uma aula pronta para ministrar para todo o território nacional de partir daquele conceito de que folclore — que é, ao mesmo tempo, alma, coraçã, sensibilidade, ternura — é a característica de todo um conjunto com que se define um povo. Daí a dificuldade de encontrarmos um sinónimo, a ponto de adaptarmos uma palavra de origem alemã — «folks», povo, e «lore» — para dar o sentido de que é uma soma, uma consociação, em que se definem aspectos fundamentais da cultura, do modo de ser, de pensar, de vibrar, de agir de um povo.

Vimos, na brilhante alocação do Deputado Mário Saladini, como S. Ex. percorreu esse folclore sob vários aspectos da nossa origem, penetrando profundamente, sobretudo no que foi a participação do elemento africano na textura de parte desse mesmo folclore.

Ao examinarmos este assunto, tomando como ponto de partida aquele tom — como regente de orquestra que obedece ao tom para a partida de um hino — ousaríamos dizer que uma das preocupações maiores do Concílio Vaticano II, como também do homem que escreveu aquela obra magnífica «La foi écout le monde», que é Albert Dondzneyne, da Universidade de Lovania, é a de que esta unificação que está ocorrendo no planeta, na criação de uma dimensão cada vez menor, na aproximação dos povos, fará desaparecer todo um conjunto de características regionais. Com isto, haverá uma espécie de planificação, como que uma unificação desaparecendo aspectos que caracterizam núcleos e, ao mesmo tempo, enriquecem a humanidade, na expressão da cultura, naquilo em que cada grupo social deixou sua marca através dos tempos.

Ora, examinemos este aspecto em função da origem e, ao mesmo tempo, do que foi a disseminação, ao longo do território nacional, de verdadeiras mensagens de grandeza, de ternura e de arte.

É com prazer que vejo aqui, nesta mesma sessão, ao lado do nosso Presidente, um representante da Bahia. De fato, para examinar a expressão cultural eminentemente, preeminente e proeminente do País que se projeta no folclore, usaria parodiar um baiano que dizia, há tempos, que o Brasil nasceu na Bahia. É exatamente em função de que foi o trabalho realizado ao longo daquela perspectiva da Bahia como capital do Brasil durante tanto tempo, quando se disseminavam os primeiros núcleos de povoadores, que vamos ver como o folclore veio a se expandir e, ao mesmo tempo, a se insular, em certos aspectos, conforme bem assinalava, faz pouco tempo, em palestra, o Embaixador de Portugal, Dr. José Manuel Fragoso. Conhecedor de trechos do Nordeste, da Bahia e do Maranhão, S. Ex.^a dizia vislumbra, na expressão popular mais autêntica do ritmo, da melodia, muito do que poderia encontrar ao longo da sua Pátria, ao longo do seu querido Portugal.

O que vemos na variedade de expressão musical nas toadas, nos ritmos, nas melodias, na apresentação, nos baillados, são aspectos do Minho, são pedaços da Extremadura, trechos ou recortes—quem sabe?—também de festejos das Beiras, do Alentejo, do Ribatejo, como podemos ver, ao longo das coxilhas do Rio Grande, algo dos Açores, da Madeira, enfim, de todo aquele conjunto encantador que se multiplica e adquire aqui, então, a conotação brasileira na imensa dimensão da paisagem—mas que tudo, porém, na beleza que se caracteriza na radiossidade do que é esta tropicalidade intensa do verde das nossas florestas, no murmurar das nossas fontes, naquilo que é também o estroado das nossas quedas d'água, naquilo que os nossos poetas procuram captar, para traduzir então a alma do povo, a cultura do povo, a sensibilidade do povo—o folclore. Agora, esse folclore é eminentemente lusiada e, ao mesmo tempo, variado, por serem variadas as suas origens, já que vamos encontrar na música portuguesa do Sul a expressão presente, ainda, do mouro naquela dolência e naquela tristeza das canções mouriscas, que se reproduzem do lado de cá. Ora, se nós vamos encontrar tudo isso depois do que foi o contato com esta terra—verdadeiro continente—o que percebemos é o encontro de três extraordinárias correntes que irão traduzir-se numa riqueza que devemos manter, cultivar e cultivar, como lembrou o nobre Deputado Mário Saladini, ao assinalar toda uma série de aspectos a esse respeito dignos de menção.

Gostaria, Sr. Presidente, de acentuar também neste ponto, em primeiro lugar, o que foi esta eminente extraordinária participação portuguesa no que, como menino, cheguei a encontrar no interior do Estado em que nasci, em reencontros que lembravam aspectos até mesmo dos torneios medievais; no que eram as vaquejadas do interior, no que se pode encontrar a poucos quilômetros, talvez, de Salvador, em Feira de Santana: no modo como se apresentam aquelas vaqueiras da região, no que se encontra em todo o Nordeste, no que é aquela extraordinária projeção da pecuária, que vai dar o bumba-meu-boi, a que aludiu esse eminente piauiense, lembrando aquela canção que todo o Brasil cantou por tanto tempo: «O meu boi morreu, o meu boi morreu», que evocava o Estado do Piauí. Esse Estado, ao contrário dos outros, ao invés de ocupado do litoral para o interior, é o foi exatamente a partir do interior, sob a arrancada da criação do gado, ao ritmo dos canoeres, que eram os boiadeiros e tropeiros, daqueles que, no ajouço, cantando para o gado, levavam sua men-

sagem e sua melodia, como podemos perceber em toda civilização que tenha sua influência básica na criação do gado e, sobretudo, neste vulto extraordinário do tropeiro, do boiadeiro, que na expressão de J. F. Normando, ao estudar a evolução econômica do Brasil, ainda não encontrou quem lhe pudesse traduzir seus feitos heróicos ou sua odisséia num monumento extraordinário da unidade nacional.

Quando exaltamos o bandeirante, quando exaltamos o missionário, ainda não chegamos a mostrar o que foi o trabalho desses homens que, saindo da Feira de Sorocaba, dirigindo-se para as regiões das Minas Gerais, iam encontrar-se na Feira de Santana, cantando e levando o ritmo, para lutar contra a solidão das terras desertas, contra a selva, contra a floresta, mas fazendo suscitar aquele folclore do «meu boi morreu, lá no Piauí...»

Esta presença também podemos ver nas vaquejadas do Sul, nos torneios que ainda se realizam e em toda uma série de aspectos que se projetam também na Poesia, na Música—como lembrou o meu eminente antecessor—no ritmo, na dança, a que depois se vão aglutinar os elementos de origem africana e diversificados, desde os da Costa Ocidental da África, com a preeminência do grupo angolano da Guiné, como também aqueles pretos moçambicanos que regeraram em nós outros, meninos do interior, uma noção de respeito talvez ainda maior, mas naquilo em que traziam até nós as mensagens do outro lado da África, daquela África banhada pelo Oceano Índico.

Nesse mesmo folclore que não dizer deste Brasil que veio a ser enriquecido extraordinariamente naquele período em que, consorciados Portugal e Espanha, recebemos também a influência folclórica admirável da Andaluzia, da região de Barcelona, que se projeta sobre a nacionalidade numa torrente digna de acatamento e respeito, que é a torrente de cultura, de civilização, de fé, de arte, de melodia que nós vemos em nossos cantores populares.

Ao lado do esforço impressionante do elemento africano, do mestiço que realizou trajetória para ocupar até mesmo ministérios e presidências da República, para erguer-se, inclusive, como homem da Academia de Letras, no que é expressão de cultura, eu usaria buscar também a expressão da presença do indígena, desse indígena que muitas vezes os nossos tratadistas colocam em segundo plano na aproximação com o elemento europeu que aqui chegou.

Esse indígena continua com os seus mestiços, com os seus caboclos—e na tribuna se encontra alguém que se ufana, e sei que ocorre o mesmo com o nobre Deputado Carvalho Netto—que não pode fugir a sua ancestralidade, que está presente, não sei se Potiguar ou Cariri ou outra qualquer da Região Nordeste. Sentimos esse indígena ocupar no território nacional, talvez com, os seus caboclos, uma influência maior do ponto de vista de área do que a outra a que se veio consorciar na imensa riqueza da diversidade dos grupos de nagôs, de bantos de moçambiques, enfim, das mais variadas origens que vieram enriquecer o nosso folclore.

Para provar, Sr. Presidente, o que é esse folclore, gostaria de lembrar aqui o que são os desafios, as canções, as toadas sertanejas, a maneira como Improvisam os violeiros que se encontram nas feiras do Nordeste; os cantadores que

sabem fazer brotar do coração torrentes admiráveis de ternura, de afeto, em desafios que os consagram como dos maiores improvisadores do mundo.

É em tudo isto, na melodia, como também no artesanato que nós o vemos brotar, desde aquêlê Mestre Vitalino manejando o barro e fazendo com que dêse barro saíssem obras-primas, até aos milhares de outros que se espralam pelo território nacional na expressão dêsse folclore, que é expressão de arte e de cultura; nos que trabalham a madeira e a transformam em peças de arte; nos que manejam o mármore e a pedra e vão oferecer, como êle acentuou, a beleza da obra de um Aleijadinho, que é marcadamente uma obra de origem portuguesa, segundo foi expôsto por Mr. Smith, da Universidade de Pensylvania, obra curiosamente vinculada à dos entalhadores portugueses do norte de Portugal, sobretudo do Pôrto, um tipo de obra que se reproduziu no Brasil no que foi o estilo extraordinário que marca sobretudo o meu Estado de Minas Gerais e o seu Estado da Bahia, Secretário e Professor Vieira de Melo, com aquela extraordinária potencialidade de uma Igreja de São Francisco, revestida de ouro, mas tendo a expressão grandiosa dos entalhadores do Pôrto e dos que vinham de lá para ensinar os nossos, como êsse Aleijadinho que, não se sabe como, fêz brotar na coleção de seus apóstolos, num dos seus profetas, a extraordinária mensagem que os séculos irão preservar.

É essa consorciação do português riquíssimo no plano da Congadas, das festas dos Reis, das festas de Santo Antônio de Lisboa, que levavam já mesmo ao tempo do rei Pedro, O Cruel, daquêlê Pedro tão enamorado que fazia uma rainha depois de morta ser coroada, mas que fazia todo o povo correr para as ruas. Festas que são feriado em todo o interior do Brasil. As festas de São João, de São Pedro, êste conjunto extraordinário que constitui o nosso folclore que devemos preservar como característica da nossa nacionalidade.

Daí o meu cumprimento ao eminente Deputado que teve a idéia de requerer uma referência ao Dia do Folclore, porque o folclore é como que o sangue, a alma, a seiva, o espírito, o aspecto do coração dêste povo que vibra também na consociação de outras heranças que as trouxeram os seus antepassados italianos na melodia extraordinária que a Itália soube espalhar naquêlê São Paulo, no que é o desdobrar de um São Joaquim, de Santa Catarina, ou as colônias de Caxias, no Rio Grande do Sul; no que é também a contribuição alemã, como eu pude senti-la no Vale do Itajaí, em que eu senti uma parte da própria Alemanha num rio que imita o Reno, na expressão de um autor e em que lá se sente também a expressão radiosa e esplendorosa daquêlê folclore alemão que se consocia, que se nacionaliza porque se brasileira porque não pode deixar de abraçar-se naquilo que somos uma amalgama a que não resistem quaisquer tentativas de núcleos ou quistos de outra origem, porque até os próprios japoneses, mesmo no seu folclore já se estão nacionalizando, como os chineses que aqui chegaram em número reduzido, como os eslavos, os israelitas, os semitas de várias procedências, enfim todos êles trazendo o seu co-tributo porque o folclore brasileiro, eminente Deputado Levy Neves, que na Presidência dirige nossos trabalhos, e meu caro Líder Deputado Carvalho Netto e demais colegas que aqui se reúnem, êsse folclore será sempre uma expressão do que é o Brasil nesta dimensão não continental do ponto de vista físico mas numa dimen-

são de um País em que se incorporam para adquirir conotação própria no verde-amarelo das nossas concepções a grandiosidade da arte, do sentimento, porque é o colorido que temos nas nossas paisagens, o ritmo do vento que passa, da brisa que murmura, da queda d'água que traz a sua mensagem, da gôta que cai sôbre os telhados como uma canção de minar, é tudo isso que os nossos caboclos captam, recolhem e transformam em versos ou então transformam em monumentos de arte na grandeza extraordinária da alma brasileira. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Levy Neves) — Tem a palavra o Dr. Renato Almeida, Diretor Executivo da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, que vai agradecer à Assembléia Legislativa do Estado da Guanabara a homenagem prestada ao «Dia do Folclore».

O DR. RENATO ALMEIDA — Exmo. Sr. Presidente da Assembléia Legislativa do Estado da Guanabara, Deputado Levy Neves, Ex.mo Sr. Secretário de Educação e Cultura, Dr. Vieira de Melo, representante de S. Ex.º o Sr. Governador do Estado; Srs. Deputados; minhas senhoras e meus senhores; pela segunda vez, tenho a honra de falar neste agosto recinto — a primeira vez em 1951, quando aqui vim na qualidade de presidente do I Congresso Brasileiro de Folclore, e, hoje, pela segunda, nesta manifestação, que, por iniciativa do meu ilustre amigo, Deputado Mário Saladini, esta Assembléia realiza com tanto brilho. Mas, acima da honra que me cabe, quero dizer da alegria que me causou a homenagem, alegria que não é apenas minha mas de todos os estudiosos do folclore no Brasil.

Realmente, o que temos realizado nesse esforço de 22 anos, continuando a obra dos nossos precursores, em favor do folclore, não é senão procurar êste elo da continuidade nacional, que está no modo de sentir, de pensar e de agir do povo brasileiro.

Entre as conotações do folclore com as atividades nacionais, duas se salientam: um é com o turismo e neste momento venho de presidir a um simpósio, em São Paulo, de «Arte, Folclore e Turismo», em que o binómio foi enfocado dentro do plano do turismo cultural. A outra, bem mais importante, é com a educação. Em todo mundo foi verificado que o folclore pelo seu significado tradicional, tem um largo aproveitamento educacional, como fator didático e informativo.

Os estudos sôbre o aproveitamento do folclore no ensino da linguagem de cálculo, das ciências sociais e nas artes são perfeitamente conclusivos.

Vemos hoje que as universidades começam a integrar o folclore nos seus cursos, a exemplo da Universidade da Bahia, do Rio Grande do Sul, de Minas Gerais, do Rio Grande do Norte e de várias faculdades de filosofia, de ciências, letras e educação.

Quero deixar aqui um apêlo, um pedido, uma súplica a esta Assembléia: é necessário que no Rio de Janeiro — onde posso dar o meu depoimento pessoal — em que a Secretaria de Educação, nesta época, determina que os alunos se ocupem de folclore em seus trabalhos escolares e atividades extra-escolares, há, todos os anos, uma verdadeira romaria à biblioteca da Campanha de Defesa do

Folclore. Os resultados são altamente animadores, e, para nós folcloristas, entusiásticos, mas os fins só serão colimados, quando nos Institutos de Educação se ensine folclore. As crianças ainda são mal orientadas. Elas necessitam de conhecimentos mais seguros de compreender que o folclore é um substrato da alma do povo.

Peço a esta Assembléa e peço ao meu eminente amigo Secretário de Educação que estudem a possibilidade de o folclore ser ensinado nas Escolas Normais, nos Institutos de Educação, não digo como matéria à parte, mas aproveitando determinadas disciplinas, particularmente a linguagem, a história, a geografia, as artes manuais e a música.

Será esta uma contribuição imensa que daremos ao conhecimento do povo brasileiro porque, afinal, o folclore é a cultura do povo, esta cultura surpreendente, empírica, espontânea e improvisada mas que sabe coisas, que cria coisas e que, afinal, é uma constante na vida cultural.

Agradeço a esta Assembléa e estou certo que o meu agradecimento não é apenas uma atitude pessoal, não só minha, mas dos folcloristas brasileiros. Espero que ela nos favoreça meios para podermos desenvolver, no ensino brasileiro, o conhecimento da alma do povo, o conhecimento do seu saber, da sua filosofia e da sua arte, que são meios de conhecer melhor e mais profundamente a nossa terra e a nossa gente. (Palmas)

Minas Gerais

Na Capital mineira, realizou-se de 16 a 22 de agosto, a II Semana do Folclore, promovida pela Associação Mineira de Imprensa em combinação com a UFMG, inaugurada às 19h30m, no Instituto de Educação, sob a orientação do Prof. Saul Martins. A solenidade foi aberta pelo Prof. Renato Almeida, Diretor-Executivo da CDFB, tendo sido apresentados Guarda de Moçambique, de Contagem; «Opanijé», grupo de coreografia popular; «Clube dos Lacaio» (Zé Pereira), de Ouro Preto. A Semana Mineira teve por finalidade forjar mentalidade destinada a preservar a cultura popular, estimular os estudos, as pesquisas e as atividades relacionadas com o Folclore.

Dia 16—Abertura da exposição «Arte Popular» (lúdica infantil), coordenada pelo Prof. Luís Mala e apresentação de três grupos folclóricos: «Guarda de Moçambique», de Contagem; «Opanijé», grupo de coreografia popular, vinculado à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas e ao Conselho de Extensão da UFMG, orientado pelo Prof. Saul Martins e direção de Luiz Alberto Siqueira Amarante; e do «Clube dos Lacaio» (Zé Pereira), de Ouro Preto.

Dia 17—Espetáculo «Olodum» (Perturbações de Exu), do Teatro Castro Alves, de Salvador, com direção de Carlos Petrovich e Roberto Santana.

Dia 18—Conferência-concerto, constando da apresentação de danças folclóricas por crianças do Curso de Iniciação Musical e Rítmica da Fundação de Educação Artística, apresentação de dez canções folclóricas, por um conjunto infantil de Flauta Doce e cantos e danças, novamente pelas crianças do curso de Iniciação Musical e Rítmica. Orientação das Professoras Maria

Amélia Martins e Anita Patusco. Conferência sobre Candomblé e Macumba, sua música típica, por Antônio F. G. Abreu, da Fundação Cultural de Brasília, com ilustração do grupo vocal da Fundação de Educação Artística, sob a orientação de Clarice Diniz Ferreira. Finalmente, «O Folclore na música nacionalista brasileira», recital de canções brasileiras inspiradas em temas folclóricos, por Magdala Costa ao piano e Roberto Fabel Braga, canto; Berenice Menegale Aluizio Mercadante (tenor), Carlos Fernando Vidigal (barítono), Maria de Lourdes Cruz Lopes (soprano) e as pianistas Magdala Costa e Berenice Menegale.

Dia 19—Apresentação, no Teatro Francisco Nunes, às 20h30m do Grupo Folclórico Brasil-Portugal, do Centro da Comunidade Luso-Brasileira.

Dia 20—No Instituto de Educação, às 20,30 hs, duas apresentações: «Dança Folclórica», pelo Grupo de Danças da Escola de Educação Física da UFMG, direção das profas. Maria Iêda Ferolla e Vera Soares e «Grupo Folclórico Aruanda», direção de Paulo César Valles.

Dia 21—Apresentação do Grupo Folclórico Ban-zé, do Conservatório Estadual de Música «Lorenzo Fernandez», de Montes Claros, às 20,30, no Instituto de Educação. Direção da Prof.ª Maria José Colares Moreira.

Dia 22—Encerramento da Semana com a «Noite da Música Folclórica», às 20,30, no Instituto de Educação, coordenada pelo maestro Roberto de Castro, com a apresentação do Conjunto Vocal da Fundação de Educação Artística, Coral do Instituto São Rafael (reg. Jesus Teixeira), Coral Alterosa (reg. Dimítri Semansky) e Coral de Minas Gerais Clube (reg. Roberto de Castro).

Ituiutaba

O Conservatório Estadual de Música e a Prefeitura Municipal realizaram, de 17 a 22, a I Semana do Folclore, com a participação da Faculdade de Ciências e Letras, Instituto Marden, Colégio Santa Teresa, Colégio Normal Municipal, Colégio Estadual e Grupo Folclórico de Ribeirão Preto, de S. Paulo. O programa constou de Exposição de artesanatos e objetos folclóricos, palestras, danças de duplas caipiras e catireiros da região.

Pará

— O Dia do Folclore, 22 de agosto, foi comemorado pela Sociedade Paraense de Folclore, através de seu secretário-geral, o Prof. Armando Bordallo da Silva, que pronunciou uma palestra sobre o tema no Núcleo Pioneiro do Guamã, da Universidade Federal do Pará, para os alunos de Ciências Sociais e História.

O Instituto «Álvares de Azevedo», especializado na educação de cegos, comemorou a 26 de agosto o Dia do Folclore, com palestra, dramatização e recital. O programa foi inteiramente cumprido por deficientes visuais integrantes daquela escola. O Prof. Joel Pereira (ele também não tem visão) pronunciou conferência abordando o tema «Folclore», desde suas origens.

Paraíba

A passagem do Dia do Folclore foi comemorada em João Pessoa, numa promoção da Secretaria de Divulgação e Turismo do Estado, em combinação com a Comissão Paraibana de Folclore, presidida pelo Prof. Hugo Moura.

Paraná

De 15 a 22 de agosto, realizou-se o XII Festival Folclórico Internacional do Paraná, promovido pelo Departamento de Cultura da Secretaria da Educação e Cultura, com a apresentação de grupos étnicos que contribuíram para o desenvolvimento social, artístico e cultural do Estado. O Festival, promovido anualmente pelo Departamento de Cultura, foi idealizado por Telmo Faria, Chefe da Divisão de Planejamento e Promoções Culturais do DC; Helena van den Berg, conselheira da Holanda; e Nelson Ferreira da Luz, catedrático de Direito Internacional da Universidade Federal do Paraná. Foi realizado pela primeira vez, extra-oficialmente, em 1958, patrocinado pelo Centro Acadêmico Hugo Simas, em benefício do Hospital Psiquiátrico Infantil.

O calendário do festival programou a apresentação, no dia 15, dos Grupos Folclóricos Árabe e Italiano; dia 16, os Germânicos de Curitiba e Japonês; dia 17, Holandeses em Tamancos e Grupo Folclórico de Artes da Associação Tradicionalista Gralha Azul; dia 18, Polonês da União Juventus; 19, Ucrâniano; 21, Polonês do Paraná. No dia 22, Data Nacional do Folclore, realizou-se a festa de encerramento com a apresentação de todos os grupos participantes.

Londrina

Realizou-se a III Semana do Folclore nessa cidade do norte paranaense, com a colaboração de várias instituições, a maioria de caráter educativo. O Colégio «Mãe de Deus» levou a efeito uma série de comemorações no período de 17 a 22 de agosto, em combinação com o Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal. No ano corrente, através de recente decreto, o governo oficializou em Londrina a Semana do Folclore, dando início, desta maneira, à unificação de entidades para globalmente fazer-se as apresentações do Folclore.

Paralelamente, o decreto estipulou a realização de um Curso de Danças Folclóricas, que este ano já foi ministrado, de 18 a 28 de agosto, coordenado e dirigido pela Prof.^a Matilde Cavalcanti da Cunha, diretora do ESBEL, sendo ministrado especialmente para professoras. As aulas são lecionadas no Colégio Estadual «Marcelino Champagnat». O Conservatório Musical de Londrina, sob a direção da Prof.^a Maria Lúcia Santos Dinis, promove pesquisas na região, em especial na área municipal de Londrina, tendo coletado vasto material concernente às artes e técnicas populares.

As principais danças folclóricas realizadas na Capital Mundial do Café, por grupos regionais, são: «Folhas de Reis», «Catira», «Dança de São Gonçalo», «Cana verde», etc.

△

Foi organizada a Associação Norte Paranaense de Folclore — FOLCORNORPA — que será constituída de professores, pesquisadores e estudiosos de assuntos folclóricos e tem por finalidade colaborar com a Campanha de Defesa do Folclore e a Comissão Estadual de Folclore, na documentação e preservação dos fatos folclóricos do norte paranaense. A Professora Matilde Cavalcanti da Cunha endereçou ao Professor Renato Almeida convite para Presidente de Honra da FOLCORNORPA, solicitando, ao mesmo tempo, a aprovação oficial da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro.

Arapongas

— A Escola Normal Colegial Estadual «Fernando Amaro», de Arapongas, programou e executou várias atividades comemorativas do «Dia do Folclore», incluindo: a) Exposição Folclórica, apresentada por região, realizada nos dias 28 e 29 de agosto no Clube Comercial — Cada região foi entregue a dois Professores orientadores e a uma série da escola; b) Apresentação de danças e cantos folclóricos do Brasil, a cargo, respectivamente, das Professoras Maria Celimar César Medeiros e Maria José Maluf.



«Batinha», dança do litoral paranaense, integrada no Boi-de-mamão e recolhida na Colônia Maria Luiza. Demonstração dos alunos da Escola Normal Colegial Estadual «Fernando Amaro», de Arapongas, PR, nas comemorações do «Dia do Folclore».

Rolândia

A Prefeitura Municipal de Rolândia, por iniciativa do interventor Horácio Cabral e o Departamento de Ensino, em conjunto com a Escola Normal D. Pedro II, organizou para o dia 30 de agosto o I Festival Folclórico da cidade, comemorativo do Dia do Folclore.

Pernambuco

O Departamento de Cultura da SEEC promoveu, a começar de agosto, um Curso de Folclore para orientação do professorado primário. O curso dividiu-se em duas partes: a primeira destinada a ministrar as informações gerais e básicas sobre o que é folclore, a segunda dedicada ao treinamento dos folguados folclóricos regionais, visando-se a sua utilização nas escolas primárias. O curso foi ministrado pela Prof.^a Elza Loureiro. O Departamento de Cultura organizou, além disso, programa especial para o Dia do Folclore, para a Semana de Folclore, de 16 a 22 de agosto, em combinação com outros órgãos locais, como a Emetur, Departamento de Cultura de Olinda, Museus e Comissão Pernambucana de Folclore, com a realização de conferências, exposições e exibições de grupos folclóricos nos seguintes locais:

Museu do Açúcar: Exposição de rótulos de cachaça; conferência sobre o assunto pelo folclorista Mário Souto Maior; exibição do grupo folclórico Pombagira e os 7 Exus.

Museu de Arte Contemporânea, em Olinda: Exposição de pintura inspirada em motivos populares; conferência do museólogo Aécio Oliveira sobre o tema «Museus e exposições folclóricas»; apresentação do grupo folclórico As 3 Mulheres de Xangô.

Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais: Exposição das peças do maracatu de Dona Santa; conferência do escritor Renato Carneiro Campos sobre tema folclórico; apresentação do maracatu estilizado.

Museu de Arte Popular, Parque Dois Irmãos: Exposição de cerâmica figurativa; conferência do escritor Hermilo Borba Filho sobre espetáculos populares; e apresentação da cantora de emboladas Maria Nogueira com seus cabras da peste.

No próprio Departamento de Cultura da SEEC, foi inaugurada exposição folclórica e dado início ao Curso de Folclore.

Os grupos folclóricos estilizados fazem parte da seção de folclore do Departamento de Cultura, sendo orientados pela Prof.^a Elza Loureiro.

— Aínda no Recife, a Galeria «Nega Fulô» comemorou o Dia do Folclore, a 28 de agosto, com uma palestra do escritor Ariano Suassuna e uma exposição de peças do colecionador Abelardo Rodrigues.

— No dia 22, realizou-se também no Recife solenidade de encerramento da Semana do Folclore com solenidade de entrega dos diplomas do Curso de Folclore do DECA, no Auditório da Escola Técnica Federal de Pernambuco.

Golana

Realizou-se no mês de agosto o III Festival do Folclore que, sob a direção de Alcides Rodrigues de Sena, apresentou violeiros, côco, reisado, maracatu, pastoril e ciranda.

Piauí

Em Teresina, realizou-se a Semana Piaulense de Folclore, com palestras, lançamento de concursos de monografia, visita ao Salão de Arte Popular do Museu de Arte do Piauí, exposições de Arte Popular nos colégios da capital. A Semana se realizou sob os auspícios da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Piauí.

Rio Grande do Sul

O Diretório Acadêmico «João Cezimbra Jacques» e o grupo folclórico «Negriño do Pastoreio», da Escola Gaúcha de Folclore, comemoraram o Dia do Folclore, em Porto Alegre. Houve uma palestra sobre pesquisa da «penetração das religiões afro-brasileiras na República Oriental do Uruguai»; Carreteiro, e espetáculo «Perspectivas Gaúchas», pelo grupo folclórico.

Rio de Janeiro

O Dia do Folclore foi festejado, a 22 de agosto, no Ginásio Caio Martins, com apresentação de grupos folclóricos e participação dos grupos escolares de Niterói. O Grupo Escolar Joaquim Távora, de Niterói, programou de 19 a 22 de agosto exposição folclórica, apresentações típicas e palestras explicativas. A mostra escolar foi inaugurada pela Prof.^a Dalcly Barroso Pillar, diretora do Grupo, e estudante Renan Moritz Vanier de Almeida, presidente do Centro Cívico «Marechal Rondon»; no dia 20, palestra ilustrada pela Prof.^a Albertina Fortuna Barros; palestra do Prof. J. G. de Araujo Jorge e uma apresentação de fantoches; dia 22, encerramento, com reunião de professores e pais de alunos e o corpo discente.

A Comissão Fluminense de Folclore, presidida pelo Prof. Rubens Falcão, coordenou a programação na rede escolar em conjunto com o Departamento de Educação Física da SEC.

Santa Catarina

Em homenagem ao Dia do Folclore, já oficializado também em Santa Catarina, a Comissão Catarinense de Folclore programou a apresentação de vários grupos folclóricos, em diversos pontos de Florianópolis: Boi-de-mamão, Cacumbi e Pau-de-fita.

São Paulo

São Paulo comemorou amplamente o Mês do Folclore, quer na capital, quer nas cidades do interior. No Instituto de História e Geografia, da Cidade Universitária, foi montada exposição sobre folclore e sobre as obras de Mário de Andrade, organizada pelo Instituto de Estudos Brasileiros, e que permaneceu aberta ao público até o dia 28. A mostra pretendeu dar «um autodepoimento de Mário de Andrade, ao lado do acervo do escritor e folclorista», ressaltando três aspectos: o Mário de Andrade pesquisador, o sistematizador dos estudos de folclore no Brasil e o criador erudito, que utiliza as raízes populares da criação do folclore em suas obras literárias.

Telê Lopez, Marta Batista e Ione de Lima, do Setor de Arte e Literatura do Instituto de Estudos Brasileiros, coordenaram a exposição. Nesta foram exibidos fotos, documentos manuscritos, livros, monografias sobre folclore e peças de arte popular, a maioria recolhida pelo próprio Mário de Andrade em suas andanças pelo Norte e Nordeste do País. Estudos sobre o negro no Brasil, ao lado de peles do traje de Congada de Atibaia, má cara de Folia de Reis Paulista, enfeites usados por índios, recolhidos pelo escritor em suas viagens à Amazônia em 1927.

Paralelamente à Exposição, a USP promoveu, em colaboração com a Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo, Conselho Estadual de Cultura e Comissão Estadual de Folclore e Artesanato, e ainda a colaboração da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, do MEC, um Simpósio sobre «Folclore e Turismo Cultural», iniciado no dia 23 e encerrado no dia 28 de agosto, que teve lugar no Anfiteatro do Departamento de História, Edifício Geografia e História, na Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira (Universidade de São Paulo), com a coordenação geral de Alfredo João Rabaçal, secretariado por Myriam da Costa Hoss.

A Sessão Solene de Instalação, realizada no dia 23, às 20,30 horas, foi presidida pelo Secretário de Cultura, Esportes e Turismo, senhor Paulo Pestana e teve como orador o Professor Renato Almeida, cujo tema foi: «Folclore e Turismo Cultural» (que publicamos neste número).

No dia 24, às 14,30 horas, foi inaugurada Exposição sobre Mário de Andrade e o Folclore Brasileiro, comemorativo do XXV ano de sua morte, organizada no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, Edifício Geografia e História, pelos seus setores de artes visuais e literatura. As 15,30 horas, conferência, sessão presidida por José Aderaldo Castelo, tendo como orador

o Prof. M. Le Doyen Raymond Cantel, com o tema: Literatura popular em verso — os abc's. As 20,00 horas, Sessão de Debates, coordenada por Alfredo João Rabaçal, sendo orador o Prof. Manuel Diégues Júnior, com o tema «Áreas Culturais do Brasil» e debatedores Antônio Rubbo Müller, Nestor Lindenberg e Olavo Batista Filho.

No dia 25, às 15,30 horas, conferência do Prof. M. Le Doyen Raymond Cantel sobre o tema «Literatura Popular em verso — discussões e pelepas». Sessão presidida por Renato Almeida. As 20 horas, sessão de debates, coordenada por Rossini Tavares de Lima, sendo orador Joaquim Marinho (do Amazonas), com o tema: «A Região Norte», e debatedores Hélio Damante, Vicente Salles e Francisco Pereira da Silva (que substituiu, eventualmente, o escritor Abguar Bastos).

Dia 26, às 15 horas, sessão de debates, coordenada por Antônio Rubbo Müller, sendo orador Veríssimo de Melo (Rio Grande do Norte), com o tema «A Região Nordeste» e debatedores Adeline Brandão, Francisco Pereira da Silva e Oswald de Andrade Filho. As 20 horas, sessão de debates, coordenada por Mário Neme, sendo orador Aires da Mata Machado Filho, com o tema «A Região Leste» e debatedores Erasmo d'Almeida Magalhães, Luis Carlos Tabet e Maria de Lourdes Borges Ribeiro.

Dia 27, às 15 horas, sessão de debates, coordenada por Vicente Salles, tendo como orador Paulo Dantas, com o tema «Região Centro-Oeste» e debatedores Antônio de Oliveira Fontão, Emanuel Soares da Veiga Garcia e Veríssimo de Melo (que substituiu, eventualmente, o folclorista Wilson Rodrigues de Moraes). As 20 horas, sessão de debates, coordenada por Hélio Damante, tendo como orador Dante de Laytano, com o tema «A Região Sul» e debatedores Barbosa Lessa, Maria Elena Dias Borges e Mário Neme.

Dia 28, às 15 horas, sessão de debates, coordenada por Paulo Dantas, tendo como orador Hernani Donato, com o tema «A Divulgação Turística do Folclore» e debatedores Augusto Mário Ferreira, Cláudio Renato A. de Bloch e Edenir Machado. As 20 horas, Sessão Solene de Encerramento, presidida por Péricles Eugênio da Silva Ramos, tendo como oradores Rossini Tavares de Lima, Alfredo João Rabaçal, Hélio Damante, José Sant'Anna e Laura Della. O relatório apresentado, «Diagnóstico e prognóstico do folclore e do turismo cultural no Brasil», teve como relator a Comissão Estadual de Folclore e Artesanato.

Nas suas conclusões, após acentuar que cresce o interesse turístico pelas peças folclóricas verdadeiras e pela culinária característica, comprovado nos dez anos de existência do Museu de Artes e Técnicas Populares, mantido no Ibirapuera pela Associação Brasileira de Folclore, acentuou o documento que tal interesse assume outros aspectos dignos de citação. Assim, por exemplo, destacam-se os festivais e exposições-feiras de arte e artesanato, promovidos sob os auspícios da Comissão Estadual de Folclore, aponta outros aspectos relativos à promoção folclórica, a qual tem fins educativos e culturais, visando à valorização de grupos de danças e folguedos populares, artesanato etc.

À tarde e à noite, durante a semana, de 21 a 28 de agosto, o público paulista assistiu a representação de danças folclóricas, no Festival Paulista de Folclore, com a participação de grupos de Santo Antônio de Alegria, Altinópolis, Itapira, Olímpia etc. Entre as danças apresentadas, estiveram o Carteretê, o Batuque, o Fandango, a Congada de Santa Isabel, a Dança de São Gonçalo, pelo grupo de Vila Brasilândia, espetáculo de capoeira etc.

Encerrando as comemorações do Mês do Folclore, a Secretaria de Turismo, em colaboração com a Federação das Escolas de Samba, Blocos e Cordões, promoveu, a 28 de agosto, a partir das 20 horas, um desfile de cinco escolas de samba, na Av. Itaberaba, na Freguesia do Ó. As escolas de samba que participaram do desfile, com todos os componentes fantasiados, foram: Unidos do Parque Peruche (enredo Festival do Rei Café), Mocidade Alegre (enredo Zumbi dos Palmares); Morro da Casa Verde (enredo Casamento de D. Pedro I); Acadêmicos do Parque Peruche (enredo Barão das Casas Altas); e Brasil da Cachoeirinha (enredo Nossa Escola Surgiu).

Atividades paralelas foram realizadas em diversos estabelecimentos de ensino da capital e do interior paulista. Também em São Paulo está ocorrendo uma tendência curiosa, a de considerar folclore exibição de temas de fetichismo afro-brasileiro. Dentro desse espírito, foi apresentado no dia 22, no Teatro João Caetano (Rua Borges Lagoa 650, S. Paulo) o show (sic) «Folclore 70», pelo Grupo «Brasil Folclore Ibejy», anunciando-se, no programa, os quadros «Índigenas» e «Saci», sobre motivos alagoanos; «Frevo e Maracatu», de Pernambuco; «Pregão» e «Capoeira», de Salvador; «Ceará Feliz», do Ceará; «Partido Alto do Samba», do Rio; «Nação Nagô», dança-feticeira (sic) de ritual africano, «com a presença dos orixás Ogum, Xangô e Iemanjá».

Além das comemorações na capital, 18 cidades se obrigaram a realizar uma exposição de arte e artesanato ou um festival de folclore, na base da orientação da Comissão Paulista de Folclore e Artesanato. Entre outras, Votuporanga (de 1º a 15), Guarujá (8 a 15), Guaratinguetá (9 a 16), Itapetininga (16 a 20), Olímpia (10 a 16), São Bernardo do Campo (14 a 16). Por outro lado, São Carlos, que inaugurou no dia 1º o seu Museu Municipal de Folclore, primeiro no interior, promoveu um Festival Nacional de Folclore.

A Exposição-Feira de Arte e Artesanato Folclóricos, patrocinada pela Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo do Estado, inaugurada no dia 21 de agosto no saguão do Museu de Artes e Técnicas Populares (Parque do Ibirapuera/SP), representaram-se as seguintes cidades: Guaratinguetá, Guarujá, Itapetininga, Mogi das Cruzes, Olímpia, Santo Antônio da Alegria, São Bernardo do Campo, São Luís do Paraitinga, Presidente Prudente, Apiaí e outras. Na base do aproveitamento do folclore, dentro do tema «Mitos do Brasil», participaram da feira alguns pintores e escultores primitivos. Manuel Vitalino, filho de Mestre Vitalino, de Caruaru, compareceu especialmente à exposição, vendendo suas obras. Dos Estados, apareceram também rédes do Ceará, cintos trabalhados em couro de Pernambuco, esculturas talhadas em madeira pelo artista Antônio Zepellini, etc.

Campinas

Realizou-se em Campinas, nos dias 21, 22 e 23 de agosto, o I Festival de Folclore, cujo interesse fundamental era o de mostrar aos visitantes a riqueza da cultura popular de nossa gente. O Festival foi dirigido e coordenado pelo Circulo Militar de Campinas.

Simultaneamente, realizou-se a VII Semana Campineira de Folclore, promovida pela Secretaria de Educação e Cultura Municipal, com apoio de elementos dos meios culturais e artísticos da cidade. A solenidade de abertura, no dia 23 de agosto, foi realizada no Teatro Castro Mendes, seguida da apresentação do Centro de Folclore de Piracicaba. O encerramento, no dia 30, constou da exibição, no mesmo teatro, do Conjunto Folclórico Malungo, de São Paulo.

Guarujá

Entre 8 e 16 de agosto, realizou-se a III Semana de Folclore e Artesanato, oficializada pela Comissão Estadual de Folclore e Artesanato, da Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo, e Conselho Municipal de Turismo, contando ainda com a colaboração de várias entidades locais. Além de exposições, conferências, exposições de vestes de Orixá e de pinturas típicas, houve Feira de Artesanato.

Itapetininga

Incluída oficialmente no calendário estadual do mês do Folclore, Itapetininga teve sua V Exposição-Feira do Artesanato Popular, inaugurada no dia 16 de agosto na Cooperativa Agrícola Bandeirante, constando de variados trabalhos em madeira, fôlha de fiandres, barro, papel, tecidos, palha, corda, couro etc. O ato inaugural com o corte do cipó, coube ao prefeito Walter Tufik Curi, ao lado do Dr. Dirceu Rocha Lima, Juiz de Direito e do Prof. Rossini Tavares de Lima, presidente do Conselho Estadual de Folclore e Artesanato e da Associação Brasileira de Folclore.

Marília

Realizou-se nesta cidade, por iniciativa do Conselho Municipal de Cultura, da Prefeitura Municipal de Marília, uma Exposição sobre folclore e artesanato, da qual participaram 27 equipes, dando cobertura a toda a região.

Mogi-Guaçu

No dia 24 de agosto foi aberta a Semana Folclórica realizada pela primeira vez nesta cidade sob os auspícios do Colégio Estadual «Luiz Martini» e da

Prefeitura Municipal e que foi encerrada no dia 29, com a apresentação do grupo de 80 figurantes do Centro de Folclore de Piracicaba.

Olimpia

Abriu-se no dia 10 de agosto o VI Festival do Folclore da cidade de Olimpia, com fandango, congada, batuque, catira, folia de São Sebastião, Folia do Divino e de Reis. Durante uma semana sucederam-se grupos folclóricos locais e de outras cidades próximas: Danças de Santa Cruz, de Carapicuíba; Maneiro-Pau, de Itapeverica da Serra; Maculelê, Capoeira, Samba-Lenço, da Capital; Congada de Sainha, de Santo Antônio de Alegria; Congada de Fitas, de São Sebastião, Minas Gerais; Caiapó, de São José do Rio Pardo; Cavalhada, de Jaraguá, Goiás; Catira, de Barretos, Guaraçal e Tanabi; Fandango, de Sorocaba; Cururu, de Piracicaba; Cãdango, de Mirassol; Vilão, de Barretos; Quadrilha, de Ribeirão dos Santos, Minas Gerais; Moçambique, de Ibiraci, Minas Gerais, e Moçambique de Piraju. Dentro do Festival, também houve demonstrações de cavalhada, exposição de artesanato, e, todas as noites, o 2º Festival de Seresta.

Olimpia, já conhecida como «Capital paulista do folclore», possui nada menos de 32 companhias de reis, de origens baiana e mineira, e muitos outros grupos folclóricos. Além disso, prestigia-se a formação de grupos estudantes de projeção folclórica, orientados pela Profª Maria Aparecida Araújo Manzolli. A prefeitura local dá grande apoio ao festival, inclusive através da Comissão Municipal de Folclore, presidida pelo Prof. José Sant'Anna.

A parte cultural do festival constou também do lançamento do segundo volume do disco «Olimpia e seu folclore musical», contendo 4 temas folclóricos: folia do Divino, Folia de Reis, Tema de Catira e Pontos de Umbanda Caboclo de Jaguaré. Realizou-se paralelamente seminário dirigido por Oswald de Andrade Filho e pe. José Geraldo de Souza, abordando o primeiro «Artes Plásticas e o Folclore» e o segundo o tema «Composição brasileira e o folclore».

Ribeirão Preto

Realizou-se uma Semana do Folclore, com exibição de folguedos populares, catiras e folias de Reis e exposição de artesanato popular na Faculdade Moura Lacerda. A Semana encerrou-se no dia 28 de agosto com a exibição de um grupo de catireiros.

Santos

Uma exposição de objetos folclóricos foi aberta no dia 22 de agosto no saguão do prédio da Prodesan, à praça dos Expedicionários, reunindo trabalhos de artesanato de diversas regiões do País. Foi promovida pela Sectar em

conjunto com a Associação Profissional de Guias de Turismo e Instituto Santa Emília do Guarujá. Músicas e danças folclóricas foram apresentadas no dia 27 na audição que o Instituto Musical Carlos Gomes promoveu em seu salão nobre.

São Carlos

Diversos grupos folclóricos locais e da região participaram da programação da «Noite do Arraial», que abriu no dia 21 a VIII Semana do Folclore em São Carlos, e que foi encerrada no dia 28 de agosto.

São Vicente

Realizou-se a IX Exposição Vicentina Internacional de Folclore e Artesanato, com a apresentação de vários grupos folclóricos e, no dia 28, Inezita Barroso cantando 12 canções de seu repertório.

Tagui

Nos dias 29 e 30, realizou-se nesta cidade o II Festival do Folclore, uma iniciativa da prefeitura local que conta com o apoio da Secretaria de Turismo do Estado. Houve também, no dia 15, o I Festival de Seresta.

Tietê

De 16 a 22 de agosto teve lugar a XI Semana Cornélio Pires, em homenagem ao «bandeirante do folclore paulista», em sua cidade natal, Tietê. Essa promoção se realiza sob os auspícios da Prefeitura Municipal daquela cidade em conjunto com outras entidades locais. Na Grande de Hesys houve exposição de artesanato, reunindo trabalhos oriundos da zona rural.

Tupã

O Centro do Professorado Paulista, Regional de Tupã, programou o II Concurso Folclórico do Papagaio, do qual participaram 54 disputantes, defendendo o nome dos diversos estabelecimentos de ensino tupaenses, saindo vencedor o Grupo Escolar de Vila São Paulo. O concurso foi dividido em duas fases: a popular, permitindo a participação de todas as crianças de 7 a 14 anos de idade, e a «escolar», representada por alunos (cinco) dos diversos grupos escolares do Município.

Os objetivos do Concurso promovido pelo Centro do Professorado Paulista são aqueles de ensinar às crianças as maneiras corretas de soltar o papa-

galo, assim também os locais ideais, mostrando, inclusive, os perigos constantes da soltura de papagaio em vias públicas, estradas de rodagem e ferroviárias. Com este fim instrutivo, a Regional de Tupã do Centro do Professorado Paulista elaborou por ocasião do seu II Concurso Folclórico do Papagaio, em agosto de 1970, o seguinte — *Deedlogo para Empinar Papagaio*:

Um dos mais belos e deliciosos passatempos que existem é o empinar papagaio. As crianças, principalmente os meninos, o adoram. E mesmo entre os adultos são muitos os que o apreciam.

Que delícia soltar o papagaio ao vento, fazê-lo subir ao azul maravilhoso, controlando-o lá no alto, em seus movimentos tranqüilos e encantadores.

Entretanto é preciso não esquecer que este divertimento deve ser praticado com certos cuidados, sem o que, poderá se transformar em causa de sérios prejuízos e mesmo em perigo de acidentes e até de mortes, como já tem acontecido várias vezes.

Por isso, quando for empinar papagaio, lembre-se dos seguintes ensinamentos e recomendações:

1º) Nunca empine papagaio em ruas de trânsito, pois você poderá distrair-se e ser atropelado.

2º) Nunca empine papagaio em lugares onde haja fios de eletricidade, pois o papagaio pode nelas enroscar-se, provocando prejuízos pela interrupção da força ou da luz.

3º) Também nunca empine papagaio onde haja fios de telefone, pois o papagaio pode nelas enroscar, ocasionando a interrupção dos telefones.

4º) Se o seu papagaio enroscar-se em lugar perigoso não tente tirá-lo, pois você pode machucar-se e mesmo, até, perder a vida. É preferível perder o papagaio que arriscar-se a um acidente, do qual pode resultar morte.

5º) Não empine papagaio perto das ferrovias (linha de trem) e nem perto das rodovias (estradas de rodagem), pois isso pode ocasionar desastres.

6º) Não faça «guerra de papagaio», isto é, não tente «caçar» ou derrubar outros papagaios que estejam sendo empinados. Respeite o direito dos outros, não fazendo a eles o que você não gostaria que fizessem a você mesmo.

7º) Não empine papagaio nas horas destinadas ao estudo, ao preparo das lições ou a outras obrigações. Saiba divertir-se apenas nas horas de divertimento, sem prejudicar os seus deveres e obrigações.

8º) Se você puder colaborar com outros meninos que, como você, também querem se divertir, faça-o. Lembre-se que colaborar com os outros o tornará estimado e, além disso, lhe dará grande satisfação.

9º) Se você sabe confeccionar ou empinar bem seu papagaio, ensine aos outros que não o sabem. Você dará a eles grande alegria e isso tornará alegre também você.

10º) E ensine aos outros, também, estas recomendações e ensinamentos. Com isso você estará evitando prejuízos, acidentes e, talvez, mesmo mortes. Enfim, assim agindo, você estará sendo bom e útil.

Sergipe

Numa promoção da Secretaria de Educação e Cultura, Departamento de Turismo e da Editora Jovens Reunidos, foi realizada no dia 22 de agosto, no auditório do Colégio Estadual de Sergipe, solenidade comemorativa do Dia do Folclore.

A programação teve início às 20,30h com uma palestra proferida pelo Prof. José Maria do Nascimento sobre o tema «Música Folclórica Brasileira», com ilustrações do violonista Antônio Alvino e do coral do Colégio Jackson de Figueiredo. A seguir houve a apresentação do terreiro Oxóssi Tauamin.

O Secretário da Educação e Cultura encerrou a solenidade.

Marque encontro com o folclore,
três vezes por ano,
nas páginas da
REVISTA BRASILEIRA DE FOLCLORE

Publicação da

Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, MEC

Rua da Imprensa, 16 - 6º andar, sala 604

Caixa Postal, 1897

RIO DE JANEIRO, GB, ZC-P.

ASSINATURA PARA 1971	Cr\$ 5,00
EXTERIOR	US\$ 3
PREÇO DESTA EXEMPLAR	Cr\$ 1,50
NÚMERO ATRASADO	Cr\$ 2,00

△ Os valores em nome da REVISTA BRASILEIRA DE FOLCLORE deverão ser enviados preferentemente em cheque bancário, pagável na praça do Rio de Janeiro, GB.